

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política
Programa de Pós-Graduação em Sociologia



Dissertação

Gênero e sociabilidades no Café Aquários:

um estudo sobre as mudanças dos fluxos femininos em um espaço historicamente
masculino

Juliana Lima Castro

Pelotas, 2017

Juliana Lima Castro

Gênero e sociabilidades no Café Aquários:

um estudo sobre as mudanças dos fluxos femininos em um espaço historicamente masculino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando de Figueiredo Balieiro

Coorientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C355g Castro, Juliana Lima

Gênero e sociabilidades no Café Aquários : um estudo sobre as mudanças dos fluxos femininos em um espaço historicamente masculino / Juliana Lima Castro ; Fernando de Figueiredo Balieiro, orientador ; Marcus Vinicius Spolle, coorientador. — Pelotas, 2017.

152 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Café. 2. Espaço social. 3. Fluxos. 4. Gênero. 5. Mulheres. I. Balieiro, Fernando de Figueiredo, orient. II. Spolle, Marcus Vinicius, coorient. III. Título.

CDD : 301.4

Juliana Lima Castro

Gênero e Sociabilidades no Café Aquários: um estudo sobre as mudanças dos fluxos femininos em um espaço historicamente masculino.

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 27 de junho de 2017.

Banca examinadora:

Fernando F. Balieiro

Prof. Dr. Fernando de Figueiredo Balieiro (Orientador), Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos.

Marcus Vinicius Spolte

Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolte, Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Elaine da S. Leite

Profa. Dra. Elaine da Silveira Leite, Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos.

Eder Claudio Malta Souza

Prof. Dr. Eder Claudio Malta Souza, Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Sergipe.

Susana Maria Veleda da Silva

Profa. Dra. Susana Maria Veleda da Silva, Doutora em Geografia Humana pela Universitat Autònoma de Barcelona

Agradecimentos

Agradeço a minha família, meu namorado, amigos e colegas, pelo apoio incondicional, pois foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Agradeço a Universidade Federal de Pelotas, especialmente aos Professores do Programa de Pós Graduação em Sociologia pela oportunidade de concluir este Mestrado de excelente qualidade e propiciando esta realização pessoal.

Agradeço ao meu orientador Fernando de Figueiredo Balieiro e meu coorientador Marcus Vinicius Spolle por toda compreensão, aprendizado, paciência, apontando as falhas e contribuindo de forma fundamental para a construção desta dissertação.

Agradeço a Capes pelo apoio financeiro fundamental e essencial a viabilização desta pesquisa.

Resumo

CASTRO, Juliana Lima. **Gênero e sociabilidades no Café Aquários**: um estudo sobre as mudanças dos fluxos femininos em um espaço historicamente masculino. 2017. 152f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

A presente dissertação visa compreender como as mulheres passaram a fazer parte dos fluxos internos do Café Aquários situado no centro da Cidade de Pelotas e suas percepções acerca dessa inserção. O referido questionamento se justifica pela característica de masculinidade inerente ao espaço durante muitos anos, sendo por isso denominado neste trabalho como um espaço de homossociabilidade masculina. Os objetivos específicos que nortearam o trabalho foram: identificar como se deu a inserção das mulheres como participantes dos fluxos internos da Cafeteria; compreender se a inserção feminina originou uma reconfiguração das relações hierárquicas de gênero e se foram criadas tensões a partir disso; analisar como essas relações hierárquicas de gênero variam nas lógicas relacionais dentro do espaço social do Café Aquários considerando as interseccionalidades de: classe social, raça e geração; inferir as ambiguidades, contradições e paradoxos presentes no espaço social em decorrência das mudanças do público frequentador ao longo dos anos, ou seja, a partir da inserção de mulheres, negros, jovens entre outros frequentadores; avaliar se diante do fato de frequentarem um ambiente de caráter histórico masculino, as mulheres se sentem numa situação de dominação pelo gênero masculino, ou seja, se percebem assimetrias de gênero no ambiente. A pesquisa foi viabilizada através da combinação de diversas técnicas metodológicas, quais sejam: análise documental de fotografias, reportagens e um documentário acerca do Café; observação não participante para uma maior aproximação com a dinâmica da Cafeteria bem como a realização de entrevistas semi estruturadas com oito mulheres, divididas em categorias ao serem analisadas que foram consideradas a partir da posição que cada uma delas se situava em relação aos fluxos internos do Aquários. A análise dos dados empíricos apontaram as lógicas familiares como um dos fatores preponderantes como porta de entrada das mulheres no Café, bem como a relativização da homossociabilidade masculina pois de certa forma as mulheres estiveram presentes desde muitos anos nas dinâmicas sociais do espaço.

Palavras-chave: café; espaço social; fluxos; gênero; mulheres.

Abstract

CASTRO, Juliana Lima. **Gender at sociabilities in Café Aquários**: a study on the changes of female flows in a historically male space. 2017. 152f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

The purpose of this dissertation is to understand how women have become part of the internal flows of Café Aquários located in the center of the City of Pelotas and their perceptions about this insertion. This questioning is justified by the inherent masculinity characteristic of space for many years, and is therefore called in this work as a space of masculine homosociability. The specific objectives that guided the work were: to identify how the insertion of women as participants in the internal flows of the Cafeteria took place, to understand if female insertion led to a reconfiguration of hierarchical gender relations and if tensions were created from that, Hierarchical relations of gender vary in the relational logics within the social space of Café Aquários considering the intersectionalities of: social class, race and generation, to infer the ambiguities, contradictions and paradoxes present in the social space due to the changes of the public attending over the years, That is, from the insertion of women, blacks, young people among other regulars, to evaluate whether, in view of the fact that they attend a masculine historical environment, women feel in a situation of domination by the masculine gender, that is, if they still perceive asymmetries Of gender in the environment. The research was made possible through the combination of several methodological techniques, namely: documentary analysis of photographs, reports and a documentary about Coffee; Non-participant observation for a closer approximation to the Cafeteria dynamics as well as the semi structured interviews with eight women, divided into categories when analyzed that were considered from the position that each of them was in relation to the internal flows of the Aquariums . The analysis of the empirical data pointed the family logics as one of the preponderant factors as the entry point of the women in the Café, as well as the relativization of the masculine homosociability since somehow the women have been present for many years in the social dynamics of the space.

Keywords: coffee; social space; flows; gender; women.

Lista de Figuras

Figura 1	Reportagem sobre o Café Aquários.....	37
Figura 2	Imagem externa do Café Aquários.....	39
Figura 3	Reportagem sobre o Café Aquários.....	40
Figura 4	Reportagem sobre o Café Aquários.....	42
Figura 5	Mapa sobre a localização do Café Aquários.....	43
Figura 6	Imagem atual externa do Café Aquários.....	43
Figura 7	Reportagem sobre o Café Aquários.....	44
Figura 8	Imagem atual interna do Café Aquários.....	45
Figura 9	Imagem interna das janelas de vidro do Café Aquários.....	47
Figura 10	Reportagem sobre o Café Aquários.....	48
Figura 11	Reportagem sobre a importância do Café Aquários.....	49
Figura 12	Imagem interna da charutaria do Café Aquários.....	51
Figura 13	Imagem interna da das funcionárias do Café Aquários.....	51
Figura 14	Imagens interna do Café Aquários.....	52

Sumário

	Introdução.....	9
	Capítulo 1 - Os espaços sociais e seus desdobramentos a partir de uma perspectiva sociológica.....	14
1.1	Sociedade, espaços sociais e sociabilidades.....	14
1.1.1	As categorias de gênero e branqueamento nos espaços sociais...	21
1.2	As dinâmicas sociais nos Cafés enquanto espaços de sociabilidade.....	28
1.3	O Café Aquários.....	33
	Capítulo 2 - Construção de conceitos e categorias fundamentais na análise sociológica do espaço.....	36
2.1	Do movimento feminista aos estudos de gênero.....	38
2.2	Emergência do conceito de gênero e sua construção.....	47
2.3	Gênero como categoria de análise da Cafeteria.....	52
2.4	Articulando gênero, classe e raça: a interseccionalidade no Aquários.....	53
2.5	Da construção das masculinidades aos estudos sobre homosociabilidade masculina.....	57
	Capítulo 3 - O Café Aquários no contexto da Cidade de Pelotas/RS.....	66
3.1	Representação social do Café através de um viés fotográfico e documental.....	67
3.2	Documentário Vitreo Habitat: Café Aquários e suas histórias.....	84
	Capítulo 4 - Análise dos dados empíricos.....	87
4.1	Considerações sobre a observação não participante realizada no Café.....	87
4.2	Relatos e análises das entrevistas semi estruturadas.....	91
4.2.1	Entrevista 1	92
4.2.2	Entrevista 2.....	96

4.2.3	Entrevista 3.....	100
4.2.4	Entrevista 4.....	105
4.2.5	Entrevista 5.....	113
4.2.6	Entrevista 6.....	117
4.2.7	Entrevista 7.....	122
4.2.8	Entrevista 8.....	131
4.2.9	Síntese.....	138
	Considerações Finais.....	142
	Referências.....	145

Introdução

O tema da presente dissertação é compreender a construção dos fluxos femininos no interior da Cafeteria Aquários situada na Cidade de Pelotas/RS. A compreensão dos fluxos comporta a rede de relações que se desenvolve no espaço desde suas sociabilidades, dinâmicas sociais, lógicas relacionais, e as interações entre os agentes sociais.

O Café Aquários foi escolhido como objeto de pesquisa por ser um espaço social considerado tradicional no contexto pelotense há muitos anos. Encontra-se localizado no centro da Cidade em uma zona privilegiada e diversificada, de modo que os fluxos exteriores a Cafeteria são formados por pessoas que transitam em função de comércio, trabalho, lazer.

O estabelecimento foi criado em um contexto histórico e social em que as mulheres eram invisíveis frente a muitas questões, sendo a participação nos espaços públicos uma delas. Dessa forma, não era comum que se vissem mulheres circulando pelo seu interior, muito embora desde sempre elas estavam presentes na Cafeteria como funcionárias.

Os homens se reuniam diariamente no Aquários para tratar especialmente de negócios de modo que por algum tempo ficou conhecido como a bolsa de valores da Cidade de Pelotas.

Com o passar dos anos o espaço foi se resignificando e alterando inclusive em relação aos seus frequentadores. Assim, pela singularidade e particularidade do Café, bem como pela importância dele para a Cidade e ainda pela atualidade e expansão dos debates acerca da categoria gênero optou-se por realizar um estudo generificado deste espaço para compreender a construção dos fluxos femininos na Cafeteria, sendo este o objetivo geral desta dissertação. Assim o ponto de partida e

a indagação que surgiu foi: de que forma as mulheres passaram a fazer parte dos fluxos internos da Cafeteria?

A partir do mencionado questionamento o objetivo geral da pesquisa então foi compreender de que forma as mulheres passaram a frequentar e fazer parte das sociabilidades e fluxos internos do Aquários a partir de um estudo generificado do espaço social. Para tanto, visando analisar essa inserção feminina bem como as percepções das mulheres sobre seu papel dentro do espaço, focamos nas entrevistas de 8 mulheres com indicadores sociais variados.

A fim de viabilizar a estruturação do presente estudo, temos como objetivos específicos que nortearam o trabalho: identificar como se deu a inserção das mulheres como participantes dos fluxos internos da Cafeteria, compreender se a inserção feminina originou uma reconfiguração das relações hierárquicas de gênero e se foram criadas tensões a partir disso, analisar como essas relações hierárquicas de gênero variam nas lógicas relacionais dentro do espaço social do Café Aquários considerando as interseccionalidades de: classe social, raça e geração, inferir as ambiguidades, contradições e paradoxos presentes no espaço social em decorrência das mudanças do público frequentador ao longo dos anos, ou seja, a partir da inserção de mulheres, negros, jovens entre outros frequentadores, avaliar se diante do fato de frequentarem um ambiente de caráter histórico masculino, as mulheres se sentem numa situação de dominação pelo gênero masculino, ou seja, se ainda percebem assimetrias de gênero no ambiente.

Como suporte teórico que viabilizasse a construção da pesquisa alguns conceitos e categorias foram utilizados, conceituados, aprofundados e contextualizados com o objeto de estudo, e estruturados em quatro capítulos.

O primeiro capítulo trata das questões referentes à sociedade, espaços sociais, sociabilidades e seus desdobramentos. Neste item são apresentados os fundamentos teóricos centrais de cada uma das categorias relacionados ao Café demonstrando a importância de compreender os espaços sociais enquanto espaços que originam as dinâmicas e interações sociais e que vão além de espaços apenas físicos e geográficos. São questionados ainda acerca do papel de gênero e do branqueamento como fatores importantes na sua construção, pois definem o papel que cada agente social vai desempenhar no espaço.

Assim, embasado nas ideias defendidas por Simmel e Goffman principalmente, temos que a sociedade é a soma dos indivíduos em interação entre

eles e com o meio através de impulsos e finalidades, impulsos estes que formam uma totalidade, uma rede complexa que é formada pela interação recíproca dos atores sociais (Simmel, 2006). A sociedade é, portanto o espaço onde as experiências dos agentes sociais ocorrem. A partir do conceito de sociedade há o desdobramento de outro conceito central que é o da sociabilidade, representando a união de indivíduos para satisfação de suas conveniências.

O segundo capítulo trata de uma abordagem dos movimentos feministas por ser na segunda onda do movimento que a emergência do conceito de gênero se deu. Assim após elencar os principais aspectos relacionados ao movimento, tratamos da categoria gênero enquanto categoria de análise, problematização de algumas abordagens conceituais bem como sua imbricação com outras categorias como classe e raça que muito embora não sejam aprofundadas nesta pesquisa estão presentes na configuração das sociabilidades do Café. Em seguida, devido a predominância do público masculino do Café tratamos da questão da homosociabilidade masculina como é caracterizado neste trabalho.

Vale dizer, que a homosociabilidade masculina é um conceito importante neste estudo, e que se configura como laços exclusivos entre homens nas mais diversas relações sociais que podem se estabelecer entre eles. Todavia, nesta dissertação a homosociabilidade se verificou de forma matizada, não estanque e foi utilizada como conceito importante, pois embora o espaço não se fechasse ao público feminino totalmente, a tônica das relações sociais são e eram masculinas e é neste sentido que empregaremos o referido termo.

O terceiro capítulo versa sobre uma análise documental feita através de reportagens e fotografias que foram retiradas do site da Cafeteria retratando alguns aspectos históricos da mesma, sua construção e a importância para o contexto da Cidade de Pelotas. Além disso, é analisado um documentário feito por um grupo de estudantes de uma das universidades da Cidade, demonstrando através da fala dos próprios clientes do Café, suas histórias, e o papel que representa nas suas vidas e na dos pelotenses em geral.

Por fim, o quarto e último capítulo refere-se à análise dos dados oriundos da observação não participante realizada no Café para que fosse possível uma aproximação com o objeto de trabalho e o entendimento de algumas lógicas fundamentais do espaço. Em seguida são analisadas as entrevistas semi

estruturadas, elaboradas e norteadas a partir de um tópico guia, realizadas com oito mulheres que se dispuseram a contribuir com esta pesquisa.

Assim, os dois últimos capítulos remetem as questões metodológicas que viabilizaram esta pesquisa de cunho qualitativo, em relação a historicidade do espaço social, o percurso da coleta de dados e análise de materiais que auxiliaram na compreensão de fatos importantes sobre a Cafeteria desde a análise das imagens até a análise oriunda das entrevistas relatadas pelas mulheres que foram entrevistadas.

Por fim, a partir da compreensão de como se constituíram os fluxos femininos internos no Aquários, busca-se trazer à baila questionamentos sociológicos importantes e que além de não terem sido muito explorados no contexto de Pelotas são relevantes academicamente pela importância que o espaço social objeto deste estudo representa na Cidade e que ainda pode ocasionar e desdobrar outros questionamentos relevantes e oportunos em relação a diversos aspectos.

Capítulo 1 – Os espaços sociais e seus desdobramentos a partir de uma perspectiva sociológica

O Café Aquários, localizado no centro da Cidade de Pelotas, constitui o espaço social onde se desenvolve a presente pesquisa. Desse modo, por serem as cafeterias espaços sociais, convém realizar primeiramente, uma contextualização e breves comentários acerca dos espaços sociais, e suas sociabilidades em uma perspectiva sociológica. No sentido de o Café Aquários se configurar em um espaço de sociabilidade urbana, serão abordados em seguida, elementos para uma análise das sociabilidades urbanas nos Cafés, para então adentrar no objeto de estudo propriamente dito.

A compreensão das dinâmicas sociais que se verificam no Aquários não poderia ser abordada sem antes situarmos esse espaço em um contexto que permita identificar como se formam essas lógicas relacionais, como são caracterizadas as sociedades e consequentemente as sociabilidades e a importância do contexto espacial e histórico do espaço a ser analisado.

1.1 Sociedade, espaços sociais e sociabilidades

Diante da prerrogativa de analisar as dinâmicas sociais da cafeteria Aquários é necessário que se compreenda o que são e como se constituem as sociabilidades urbanas nos espaços primeiramente. Vale frisar que não buscamos explorar a fundo essa questão, mas apenas trazer a baila como fio condutor aos aspectos centrais da pesquisa.

Não há como falar em sociabilidade urbana na Sociologia sem abordar George Simmel, sendo necessário, portanto compreender primeiramente outros

conceitos analisados pelo autor, quais sejam o de sociedade e sociação/socialidade por estarem correlacionados.

Segundo Simmel (2006), a sociedade se constitui pelas interações e trocas recíprocas entre os indivíduos orientadas por impulsos e finalidades comuns, que através dessas práticas constituem e dissolvem-na continuamente. A sociedade é, no seu ponto de vista, o espaço onde as relações e experiências humanas ocorrem e se organizam formando uma rede em um local e tempo específicos. Assim a sociedade é uma formação geral e ampla e também formada pelos processos particulares que se formam pelas interações entre os indivíduos que dela fazem parte (SIMMEL, 2006).

Ainda na visão de Simmel (2006) a sociedade é uma rede complexa formada pela interação recíproca dos atores sociais por diversos motivos como paixão e desejo. Isto significa que a sociedade é constituída por diversas ações e reações desenvolvidas pelos indivíduos cotidianamente em suas vidas e formadas pelos mais variados conteúdos. Os indivíduos se influenciam mutuamente, reciprocamente, de modo que a sociedade passa a ser o produto dessas interações e desses contatos sociais entre eles. Vale frisar que o elemento fundamental desse contato social se dá em virtude das experiências vividas pelas pessoas.

Em suas palavras, Simmel (2006) define sociedade como:

[...] a sociedade em geral significa a interação entre indivíduos. Essa interação surge a partir de impulsos ou finalidades que fazem com que os seres humanos entre, com os outros, em uma relação de convívio, atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade, mais exatamente uma sociedade (SIMMEL, 2006, p.59).

Diante do que foi mencionado, segundo Simmel (2006) vimos que a sociedade não pode ser vista apenas como uma composição de indivíduos, mas deles em interação entre si e com o meio. Para a organização das práticas sociais e sua conformação em sociedade é necessário o emprego do conceito de socialidade. Em suas palavras:

O que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra os quais os conteúdos ou interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de

todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p.64).

Ainda em sua visão, a transformação da interação dos indivíduos que se agregam guiados por finalidades comuns Simmel denomina de sociação. Em suas palavras:

Defino assim, simultaneamente, como conteúdo e matéria da sociação, tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos, tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros.

As matérias com as quais a vida se preenche, as motivações que as impulsionam, não tem natureza social, não são em seu sentido imediato por si só sociais. São fatores da sociação apenas quando transformam a mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação. A sociação é, portanto a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio do qual esses interesses se realizam. Esses interesses sejam eles, sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006, p.60).

Com o transcorrer do tempo as formas de comportamento humano foram se autonomizando e essa autonomia derivada da sociação originou o conceito da sociabilidade. Desse modo, para o autor a sociabilidade é o resultado de quando os indivíduos se unem para a satisfação de suas conveniências e o que interessa nessa perspectiva não é o motivo pelo qual determinado grupo se formou, mas sim o prazer e a satisfação que advém dessa união e o sentimento de pertencimento que os membros do grupo possuem (SIMMEL, 2006).

Nesse sentido, Simmel (2006) entende a sociabilidade como uma forma lúdica de sociação, pois é revelada através de um jogo interativo, ou seja, é o modo pelo qual ocorre a interação entre os indivíduos ou grupos sociais em razão de interesses variados, e é a partir da reciprocidade entre os atores sociais que as interações se constituem no cotidiano.

Sintetizando, para Simmel as modalidades de sociabilidades são assinaladas pela suspensão não definitiva das posições dos agentes sociais, mas ao mesmo tempo formam arranjos entre classes, pressupondo que determinadas interações e relações sociais somente poderiam ocorrer em determinados segmentos sociais. Em outras palavras, se ocorressem em estratos diversos essas relações seriam extremamente dolorosas devido à disparidade entre seus membros que necessitam

de um mínimo de valores culturais a ser compartilhado entre eles (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007).

Após essa noção desenvolvida por Simmel, o conceito de sociabilidade sofreu uma ressignificação com a Escola de Chicago, momento em que as cidades passaram a ser o campo empírico dos estudos sobre sociabilidade. A partir daí a cidade serviu de análise das mudanças sociais que iam ocorrendo, de modo que as concepções sobre o social passaram a ser mais bem contextualizadas no tempo e no espaço (FRÚGOLI JÚNIOR, 2007).

Para Frúgoli Júnior (2007) as cidades enquanto campos empíricos de estudos atribuíram ao conceito de social e sociabilidade mais concretude, pois as relações e interações passaram a ser questionadas sobre seus modos, seus padrões em contextos específicos.

Daí surgem os estudos sobre as sociedades urbanas, que se estabelecem nas cidades, estas caracterizadas como sociedades complexas e centros dinâmicos e de práticas sociais mútuas e recíprocas entre os indivíduos (OLIVEN, 2007).

Na ótica de Erving Goffman (2010), sociólogo que trouxe para o centro de suas reflexões as interações sociais em estabelecimentos fechados, aborda as questões espaciais com o foco nas interações sociais. Em outras palavras, para o autor, o espaço não seria somente um local físico que denomina como algo complexo, mas formado também pelas interações que nele ocorrem. Segundo Goffman (2010), esse espaço de interação é caracterizado por seus aspectos simbólicos através das práticas que os indivíduos nele realizam uns com os outros.

Suas primeiras obras ao tratar o espaço físico possuíam traços simmelianos no sentido de que as condutas de cada sujeito individual constituem “símbolos de posições sociais” consequentemente “símbolos de status” podendo ser utilizados como instrumentos a fim de situar os indivíduos num dado espaço (GERHARDT, 2003, p.146). Isso significa que para Goffman a noção simmeliana é aquela que se refere à distância dos indivíduos em consequência das sociações por eles realizadas, isto é, as práticas, determinações e influências realizadas de forma mútua, relacional e recíproca.

Nesse mesmo sentido, o autor compreende que se a distância entre os sujeitos existe é porque se formam espaços implícitos também constituídos por interações. Isso permite a análise dos componentes responsáveis pela união e

separação dos indivíduos em determinados grupos. Desse modo, essa noção peculiar de espaço é denominada de espaço social.

Goffman aborda também o espaço através do viés da interação denominando de espaço interacional, sendo por ele:

[...] configurado simbolicamente através das regras de conduta nas quais os indivíduos se orientam, em copresença. Se tal espaço é atravessado por relações de “familiaridade simétrica” ou de “assimetria”, dependendo da “distância sociológica” respectivamente em questão (Goffman, 1967, p. 64), ele não se confunde com o espaço social – embora o revele (FREHSE, 2008, p.157).

Assim, a partir da noção de sociabilidade urbana na visão de Simmel e Goffman temos que ambos percebem o conflito nas interações, mas defendem a co-presença no espaço público. Em outras palavras, reconhecem demarcações de diferenças entre os atores sociais que realizam sociabilidades e interações, tais como gênero, classe, raça, entre outras. Desse modo, suas análises residem na fixação de lugares, enquanto espaços sociais, que permitam a visibilidade de todas essas formas de interação e diferenças onde elas potencialmente se intensificariam. Isso significa que suas análises refletem um espaço urbano onde convergem os diferentes grupos sociais.

Segundo Fraya Frehse (2008), para Goffman é importante analisar além do espaço social e interacional, o espaço físico em que as práticas sociais e as interações ocorrem, pois são os cenários empíricos onde a vida social acontece. Em outras palavras, segundo o autor a importância de considerar esses espaços decorre do fato de que atividades específicas se relacionam diretamente com espaços específicos e ao mesmo tempo esses espaços físicos possuem atributos distintivos de reunir grupos sociais exclusivos, ou seja, ele é o lócus espacial dos sujeitos em interação (FREHSE, 2008). Assim: “Dependendo das condições espaciais, tais ou quais interações são possíveis. Então, além de mero cenário físico, o espaço interfere na vida social como condicionante físico de interações” (FREHSE, 2008, p.159)

Por isso para o autor não há como analisar e compreender as interações sociais sem levar em conta o espaço físico que elas ocorrem, ou seja, é necessário que o ambiente como um todo seja problematizado, pois:

[...] o espaço físico não constitui somente cenário físico de interações. É condicionante físico, signo e idioma de interações que localizam, de

diferentes modos, os indivíduos interacional e, assim, socialmente (FREHSE, 2008, p.162).

E no caso específico deste trabalho, por analisarmos as relações sociais que se desenvolvem no espaço social do Café Aquários, todos esses elementos foram considerados conforme será demonstrado mais adiante, pois é uma organização que abriga no seu interior diversos aspectos simbólicos, ambiguidades, tensões, sociabilidades e características próprias. Isso porque, a lógica interna e externa dos fluxos na Cafeteria não é separada, existe uma separação apenas relativa, pois o fluxo interno está de certa forma ligada com a externa e o contrário também ocorre já que as enormes janelas de vidro permitem essa comunicação com os espaços interno e externo.

No sentido de compreender o espaço social explana Gomes e Cosia (1988, *apud* FANTINEL; FISCHER, 2012, p.46):

[...] a espacialidade social compreende ao mesmo tempo uma dimensão concreta e uma dimensão simbólica que, em diferentes intensidades, convivem em um mesmo todo. O espaço jamais seria transformado a partir de uma intenção perfeitamente determinável e direcionada a uma "função" estanque, o que demanda leituras simbólicas suficientemente abertas para incluir a possibilidade permanente de criação de novos significados.

De acordo com as ideias defendidas por Menezes (2009) para que seja possível compreender e analisar um espaço social se faz necessário analisar as práticas sociais e dinâmicas sociais do local, pois são elas que o caracterizam, configuram e ressignificam, dando sentido ao espaço através das interações que se dão entre privado e público, os jovens e os velhos, homens e mulheres, feminino e masculino. Essa ideia converge diretamente com a problemática desta pesquisa que é justamente compreender as lógicas relacionais do Café Aquários sob o viés de gênero, mas levando em conta, de forma interseccional, todos esses outros fatores como classe social, aspectos geracionais e de raça. Tudo isso imbricado forma as sociabilidades que ali ocorrem diariamente há muitos anos.

Assim aduz Fernandes (1992 *apud* FANTINEL; FISCHER, 2012, p.45):

Ao considerar o espaço sob o ponto de vista de uma perspectiva social, posso compreendê-lo como construído permanentemente pela atividade coletiva, campo de inter-relações sociais no qual estão estreitamente associados ao lugar, o social e o cultural. Desta maneira, o espaço se configura como essencialmente relacional e construído de acordo com as interações que se dão entre os indivíduos.

Os espaços são vetores das interações sociais onde as identidades, e as experiências vivenciadas pelos indivíduos são colocadas como expoentes e ainda, as imagens que os espaços perpassam aos demais e à própria sociedade, ou seja, sua representação social (FANTINEL; FISCHER, 2012).

Diante dessas breves explanações acerca do espaço social podemos compreender que eles são cenários complexos, marcados por aspectos muito variados, levando sempre em conta o caráter relacional já que são formados pelas interações, relações e sociabilidades que se estabelecem entre os indivíduos que os ocupam.

Afora as questões acima suscitadas, é preciso considerar que as relações na cafeteria são demarcadas por ambiguidades, diversas questões simbólicas e a princípio não visíveis a um olhar não treinado que devem ser consideradas para que se possa analisar as dinâmicas sociais que ali se estabelecem. Assim, a complexidade está justamente na demarcação de fronteiras dos aspectos simbólicos o que segundo Gomes e Cosia (1988, p.54):

[...] não é possível determinar as fronteiras do simbólico, ou mesmo associá-lo a uma lógica ou a uma rede simbólica geral. A leitura desse espaço não seria uma nova concepção que daria conta de toda a interpretação da realidade, mas sim um instrumento suficientemente aberto para dar margem à "imaginação produtiva ou criadora", capaz de ver através das significações bem mais do que a determinação e a causalidade puras, pois ao mesmo tempo que "determina aspectos da vida em sociedade" o simbolismo está "cheio de interstícios e de graus de liberdade".

Diante do exposto, é possível perceber a necessidade de analisar o espaço no que tange aos aspectos concretos, físicos, simbólicos e subjetivos, pois todos eles se relacionam e convivem juntos dentro do mesmo ambiente.

Por fim, tendo como problema de pesquisa compreender como se deu a construção dos fluxos das mulheres no espaço do Café Aquários, e ainda considerar quais as percepções delas acerca dessa inclusão, englobando todas as questões simbólicas que fazem parte dessas transformações e os marcadores sociais de gênero, classe e raça, onde as interações se desenvolvem através de sociabilidades, torna-se necessário que se compreenda algumas questões acerca do espaço social através de uma abordagem referente a questões de gênero e raça feita no tópico seguinte. Em outras palavras, os espaços possuem uma dimensão de gênero, os fluxos também, daí a incorporação dessas categorias feitas a seguir.

1.1.1 As categorias de gênero e branqueamento nos espaços sociais

Os sujeitos sociais são produtores dos espaços sociais que ocupam, e por muitos anos as relações de gênero eram invisíveis na conceituação desses espaços, pois não eram abordadas quando as dinâmicas sociais dos mesmos eram estudadas e analisadas.

Os estudos dos espaços através do viés de gênero se justificam, pois segundo Joseli Maria Silva (2005) observa, as identidades e os papéis sociais são exercidos neles concretamente. Ainda nesse sentido, mas expandindo a discussão, a autora consigna que as lógicas relacionais e dinâmicas espaciais sociais constroem e ao mesmo tempo são construídas pelas vivências e experiências dos agentes a partir de suas representações.

Segundo Miriam Adelman (2016), a teórica inglesa Felski trata da saturação da teoria social moderna que utiliza metáforas de gênero para tratar de outras formas de hierarquia e disparidades como as de classe e raça. Nesse sentido, a teoria feminista e as questões relacionadas a gênero vão contribuir e auxiliar na desconstrução dos códigos de gênero utilizados na modernidade em que referido conceito se relaciona a hierarquia e a ordem social, de modo que sua compreensão passa a ser essencial para que as outras formas de desigualdades também sejam abordadas. Assim, segundo a autora a categoria gênero baliza um novo período da teoria social e possibilita a compreensão deste conceito na história e a história dele. De tal modo, a partir do conceito de gênero há uma ruptura epistemológica em que as formas de pensar vários aspectos são modificadas, pois a criação dele e sua inclusão na teoria social significa que outros conceitos e categorias devem ser repensados, pois até mesmo o conceito de modernidade acaba por ser alterado (ADELMAN, 2016).

A modernidade é uma época marcada pelas teorias e discursos no cenário acadêmico, incluindo as ciências humanas, em que o universo é masculino e masculinizado, em que as práticas e experiências masculinas são as dominantes e responsáveis pela teorização do social, ou seja, há a tendência de invisibilizar a feminilidade das mais variadas e diversas searas. Nas palavras de Adelman, a visão feminina da realidade ficou caracterizada como o “antimoderno” e as atividades sociais designadas como femininas foram naturalizadas e assinaladas como ahistóricas (ADELMAN, 2016).

Conforme Felski (1995), por ser a Sociologia uma ciência que surge tratando sobre a modernidade, as questões de gênero e generificação são discursos por ela abordados desde o início, em que tratando sobre a evolução histórica os discursos e a modernidade eram identificadas como masculinas, desde as atividades e atitudes sociais, bem como a esfera pública, mesmo que isso significasse excluir a participação das mulheres que desde já ia além do campo doméstico. Vale frisar que as mulheres que transitavam e participavam da esfera pública nessa época não eram consideradas como atores sociais desses cenários (FELSKI, 1995).

Assim, a modernidade é identificada como masculina, perpassada por um discurso hegemônico em que o ator social (masculino) incorpora novas formas de subjetividade, de modo que nas palavras de Adelman: “o indivíduo moderno é o homem autônomo e livre de vínculos familiares ou comunitários” (ADELMAN, 2016, p.184).

Partindo de uma perspectiva de gênero que englobe também outras assimetrias como classe e raça e buscando levar em conta as experiências femininas, a visão da modernidade se torna complexa. Diante disso, as esferas públicas e privadas, por exemplo, são repensadas, levando em conta as atividades que ocorrem no campo privado e doméstico assinalando que este também auxiliou no surgimento do sujeito moderno. Neste momento as mulheres que percorrem os setores públicos passam a ser consideradas, e suas exclusões e estigmatizações passam a ser problematizadas, mesmo que segundo Adelman: “torna-se importante identificar em quais circunstâncias as mulheres saíam às ruas e como se sentiam ou negociavam sua presença ali, assim como contemplar o sentido cultural maior dessas negociações” (ADELMAN, 2016, p.185).

Outro aspecto relevante para este trabalho que deve ser salientado é a questão do consumo, por também ser uma categoria que era atrelada a vida doméstica, e desse modo caracterizado como feminino, e por isso foi rejeitado pela teoria social, que levava em conta, por exemplo, os aspectos de produção de mercadorias e não do consumo das mesmas. Todavia, tanto a produção quanto o consumo fazem parte de uma mesma cadeia, de modo que se a produção não era uma forma alienada de trabalho o consumo também deve e pode ser pensando como uma categoria que carrega aspectos comunicativos e simbólicos e que contribui para as sociabilidades humanas. Pode se dizer então, que a partir de uma perspectiva feminista e atual o consumo pode ser analisado através do viés de

gênero, elemento que também constitui a modernidade e que “estrutura modos de vida e de pensamento, comportamentos, subjetividades e sociabilidades” (ADELMAN, 2016, p.188).

O consumo muito embora não fizesse parte dos hábitos de todos os segmentos sociais por questões, por exemplo, financeiras, foi uma prática que se expandiu no século XX e que contribuiu de forma significativa em mudanças sociais que desestabilizaram hierarquias de classe, raça e gênero. Isso significa uma ressignificação no espaço público que deixou de ser predominantemente masculino na medida em que as mulheres passaram a nele se inserir, seja como frequentadoras e consumidoras seja como trabalhadoras dos locais de consumo (ADELMAN, 2016). Nesse sentido Adelman (2016) propõe que:

Se, como algumas teóricas corretamente apontam, isso certamente gera novos modos de controle sobre as mulheres, o novo cenário não se esgota no disciplinamento, pois a história generificada de diversas formas de consumo mostra que o acesso das mulheres aos “produtos da modernidade” tem um papel nada desprezível no dismantelamento de sistemas de autoridade social e familiar que exerciam controles muito diretos sobre a autonomia pessoal e sexual delas (ADELMAN, 2016, p.189).

A partir disso, partindo de alguns aspectos centrais que as questões de gênero incorporam, podemos perceber que a teoria feminista contribuiu de maneira considerável principalmente de ordem metodológica para que as relações sociais sejam repensadas e reformuladas na teoria e no pensamento social. O viés de gênero e a contribuição das teorias feministas também são importantes para compreender que as questões e análises históricas possuem uma dimensão de gênero, pois é possível identificar que todas as relações e questões de ordem social são generificadas englobando também as instituições sociais modernas. Em outras palavras, a categoria gênero deve ser considerada como um dos eixos centrais para compreender a vida social moderna juntamente com os conceitos de classe e raça (ADELMAN, 2016)

Essas mesmas teorias e teóricas feministas que contribuíram para demonstrar a importância das relações de gênero, e comprovar que essas relações são relações de poder que operam em todas as dinâmicas sociais e sociedades, buscaram explicar que a partir disso o próprio conceito de poder passa a ser repensado, pois através da conexão entre o público e o privado, por exemplo, defendiam que o permeava as relações humanas de forma abrangente e difusa e

por isso não poderia ser reduzido a um único polo ou uma única instância (ADELMAN, 2016).

Simultaneamente ao surgimento da concepção pós-estruturalista e das teorias que originaram uma nova fase da modernidade ocorreu uma revisão do pensamento social ocidental inaugurado pelo movimento feminista. Neste momento as teorias feministas proporcionaram à academia e ao âmbito intelectual - da mesma forma que o movimento feminista para os movimentos sociais - um rompimento com a cultura de dominação masculina, inferiorização das mulheres, e com as ignoradas contribuições que tiveram em diversas searas. Essas rupturas e reformulações teóricas impactaram de forma muito profunda o campo acadêmico. Diante disso, importante sublinhar que tais perspectivas, seja a pós-estruturalista, a pós-moderna ou as feministas mais atuais, compreendem que a inserção dos indivíduos nas relações sociais que são permeadas por relações de poder levam em conta vários aspectos desse sujeito, ou seja, sua raça, sexualidade, geração, classe. Essa posição social, que vai definir sua forma de inclusão nesse jogo de poder e relações sociais (ADELMAN, 2016).

Desse modo, compreender as relações e comportamentos dos sujeitos nos espaços possibilita a compreensão das hierarquias, ambiguidades, conflitos, construções e reciprocidades que neles operam. E no presente trabalho, estudar essas questões e a generificação dos espaços auxilia na compreensão da inserção das mulheres nos espaços sociais. Isso porque, segundo Adelman e Moraes (2008) a generificação dos espaços se constitui pelas questões de gênero que são configurações utilizadas para produzir identidades e reproduzir assimetrias, relações de poder e autoridade.

Partindo da perspectiva de gênero temos então como na visão de Scott (1995) a ideia de que a categoria se relaciona com a construção simbólica de uma sociedade que tem a ver não apenas com homens e mulheres e seus corpos e subjetividades, mas também com a forma que a sociedade se classifica como um todo, como por exemplo, os próprios espaços sociais.

Nesse contexto, as lógicas de gênero nos fluxos do Aquários foram se alterando historicamente, pois o espaço de poder em que ocorriam uma série de negociações econômicas e políticas e que se constituiu basicamente como um espaço masculino e seus fluxos se voltaram a isso, foi se modificando no decorrer do tempo.

A masculinidade inerente ao espaço originou assimetrias, ambiguidades, tensões e hierarquias caracterizando o Café espaço como um espaço de homossociabilidade masculina, conceito este que compreende as interações e sociabilidades estabelecidas entre homens nos espaços públicos, onde a construção desses espaços e dos discursos neles operantes são exclusivos dos homens e que deles excluem as mulheres. O que define e caracteriza a homossociabilidade é a exclusão das mulheres de todos os aspectos e lógicas do espaço sejam elas simbólicas ou não, sendo este o elemento central do conceito. Em outras palavras, a homossociabilidade é um conceito criado para compreender como dentro da sociedade por conta das suas relações de poder se criam espaços entre homens, espaços de partilha de poder que está reservado aos homens e que de alguma forma as mulheres ficam excluídas.

Neste contexto, a categoria da homossociabilidade opera no Café Aquários no sentido de que até aproximadamente a década de 60 e 70 o público predominante do espaço era o masculino, situação que ensejava fronteiras invisíveis e simbólicas a presença da mulher no espaço (e que ainda se fazem presentes de certa forma). Vale dizer que muito embora a maioria dos frequentadores fossem homens e as fronteiras citadas existiam desde então, algumas mulheres de certa forma estavam presentes na Cafeteria, atentando para uma homossociabilidade relativa, o que será explorado e analisado oportunamente nos próximos Capítulos. Isso significa, que a homossociabilidade se mostra historicamente variável e que no presente estudo se justifica no sentido de a masculinidade do espaço ser a tônica das relações sociais e não pela exclusividade masculina e exclusão feminina.

Dito isso, é possível constatar a importância das relações de gênero para que seja possível compreender as dinâmicas sociais que se estabelecem, entre outros aspectos, nos espaços sociais, nos espaços sociais públicos bem como na construção das sociabilidades nesses espaços. Como enfatiza Miriam Adelman (2016), para apreender a constituição das novas sociabilidades na modernidade e pós-modernidade, a diáspora passa a ser uma categoria fundamental, pois segundo ela:

Não é uma visão sem alguns antecedentes nos discursos clássicos, pois os teóricos da vida urbana de Simmel a Sennett já enfatizavam a importância do espaço da cidade como lugar de “encontros entre estranhos”. Assim como a teoria feminista mostra que o espaço “público” da cidade é um espaço marcadamente generificado, que não deve ser analisado sem incluir

os sucessivos “deslocamentos” do sujeito feminino na sua conturbada luta contra o destino doméstico, a teoria pós-colonial insiste noutro aspecto: as sociabilidades reconstruídas a partir da diáspora (ADELMAN, 2016, p.206).

A diáspora na visão de Adelman (2016), Hall (2003) e Appadurai (1996), é pensada como uma prática indispensável da modernidade pela sua sensibilidade, representação e interação. Ela também é responsável por novos arranjos sociais, culturais e econômicos, em que as relações sociais sob essas perspectivas ocorrem através de trocas díspares que ocorrem e se intensificam a todo o momento constituindo a pós-modernidade. Desse modo, as relações étnicas e raciais reaparecem, pois em tempos anteriores ocorrem em ambientes fechados (ADELMAN, 2016). Assim, essencial abordar para desenvolvimento desta pesquisa a questão do branqueamento a partir da perspectiva do que foi mencionado, pois são elementos que contribuem para que se possa compreender as relações sociais e sociabilidades que se construíram ao longo dos tempos e que foram constituindo os espaços sociais. Isso porque, a caracterização do público predominante do Aquários desde seu surgimento era a do homem, branco, classe elevada.

Abordando um pouco a questão histórica, temos que o Brasil é um país caracterizado pela intensa miscigenação oriunda da diáspora africana juntamente com os aspectos portugueses e dos próprios nativos. Desse modo, as diferenças surgiram no próprio povo, pois este era visto como inferior pela elite de descendência europeia. A questão problematizada era então como se daria a constituição de uma nação com uma identidade unitária tendo em vista ser constituída por intensa mistura de raças. Desse modo, em 1870 com o prenúncio da abolição da escravatura e a problematização da questão racial já levantada por um grupo de intelectuais, a questão negra passa a ser fundamental no debate da nação. (ORTIZ, 1985; VENTURA, 1991; SCHWARCZ, 2003 *apud* BALIEIRO, 2014).

Todavia, entre diversas perspectivas e questões que surgiram em relação às questões raciais, a preponderante foi a de um branqueamento da população, buscando a modernidade através de um padrão baseado no europeu. Nas palavras de Richard Miskolci (2012 *apud* BALIEIRO, 2014, p.14):

Uma república higienista e autoritária tinha como objetivo a busca pela modernidade, o que compreendia “estar em dia com a Europa”, impondo um ideal de brancura como conteúdo moral, rejeitando experiências outras que não as de ascendência europeia como distintivas da nacionalidade a se construir. Em síntese, a questão racial poderia ser compreendida a partir de uma chave temporal: à negritude caberia o passado e à branquitude, o porvir.

Assim, a elite brasileira e branca, baseada nos padrões europeus idealizava uma nação inspirada em princípios racistas que refletiu em diversos segmentos da vida social, como na política, educação e até mesmo nas diretrizes da reorganização das cidades. Para isso, era necessário romper com os vínculos bárbaros e ultrapassados da escravidão representada pelos negros e africanos de camadas populares (BALIEIRO, 2014)

O ideal de branquitude baseado nas assimetrias e diferenças valorizadas entre a elite e as camadas mais pobres da população, se desenvolveu pelas elites entre final do século XIX e início do século XX. Nas palavras de Richard Miskolci (2012 *apud* BALIEIRO, 2014, p.16):

[...] a branquitude era um ideal presente em vários discursos, dos políticos aos médicos e literários, os quais encontravam nela um denominador comum do desejo da nação, valor fundamental que guiava as demandas elitistas de branqueamento de nosso povo. Branquear não era apenas ou exatamente um projeto de transformação demográfica, mas também – e principalmente – de moralização coletiva. A despeito de seu foco em toda a população, tratava-se de um desejo das elites dirigentes, esmagadoramente formada por homens, e que interpretavam a branquitude como um valor próprio que a caracterizava e distinguia do povo.

A branquitude e a modernidade convergiam no sentido de que as dimensões materiais e simbólicas de ambas eram responsáveis por selecionar e definir quais os atores sociais tinham acesso a determinados campos e produtos sociais, que consequentemente ocasionavam as desigualdades sociais (BALIEIRO, 2014).

A questão da branquitude, tal como a de gênero abordada anteriormente também foi associada à noção de consumo e, portanto servindo como nivelamento social, pois não são todos que tem acesso aos bens consumíveis. Dessa forma, essa hierarquia que se estabelecia oriundas dos parâmetros de classe e raça associadas ao consumo também auxiliaram na constituição do novo modelo de modernidade. E novamente, vale dizer que as diferenças não existem de forma isoladas, logo as questões de raça assim como as de gênero, classe social e sexualidade são recíprocas e relacionadas (BALIEIRO, 2014). Segundo PRECIADO *apud* Balieiro (2014, p.33):

Não é simplesmente questão de ter em conta a especificidade racial ou étnica da opressão como uma variável a mais, junto da opressão sexual ou de gênero, senão de analisar a constituição mútua do gênero e da raça – o que poderíamos chamar de sexualização da raça e racialização do sexo – como movimentos constitutivos da modernidade sexocolonial.

Além disso, todas essas categorias imbricadas, não são frutos de um discurso de apenas uma única dimensão e vertente, ou seja, são diferenças que não são homogêneas e por isso devem ser interpretadas, devido a refletirem relações de poder e, portanto contam com questões de ordem coercitivas, negociativas, cumplicidade, ambiguidades, entre outras. Isso significa que os discursos oriundos dessas diferenças são constantemente contestados e consequentemente ressignificados, pois abarcam subjetividades, relações sociais, identidades e nas diferenças enquanto práticas e experiências sociais (BALIEIRO, 2014).

Após uma abordagem incipiente em relação a aspectos relativos a branquitude, no tocante ao Aquários, sendo um espaço masculino de partilha de poder entre os homens, se criou um círculo de homens de elite que se julgavam superiores, com uma construção de si mesmos toda idealizada significando uma moral racializada. Esse ideal era baseado no homem, branco e de classes privilegiadas não somente em relação a bens mas a dimensões simbólicas também, pois estar presente nesse espaço do Café é ser homem, é ser branco, dotado de diversos capitais onde eles se reuniam para realizar trocas.

Ante o exposto, e dos breves comentários tecidos acerca dos mencionados conceitos, necessário localizar essas categorias como operantes nas Cafeterias. Desse modo, traçaremos no próximo tópico alguns apontamentos sobre os cafés enquanto espaços sociais de sociabilidades urbanas contemporâneas, introduzindo a importância das cafeterias nas relações sociais nas cidades.

1.2 As dinâmicas sociais nos Cafés enquanto espaços de sociabilidade

De acordo com Gabriel Bender (2000), os cafés ou cafeterias, reconhecidos em um viés mais utilitário ou economicista como lugares destinados ao consumo da bebida oriunda do fruto café, além de produtos alimentícios, são considerados espaços organizacionais em que o grão e a bebida juntamente com o espaço possuem a mesma denominação.

Para além de um olhar superficial, as cafeterias são constituídas de componentes fortemente subjetivos, que carregam consigo as características dos agentes sociais que nelas realizam diversos tipos de sociabilidades diariamente. Daí a importância de preliminarmente analisar questões pertinentes à categoria espaço, que vai muito além das características físicas dos ambientes, considerando também

as relações de convívio social (CASTELLO, 2007). Nesse mesmo sentido, nas palavras de Bender (2000, p.17): “a cafeteria pode ser chamada de “instituição social complexa e multidimensional”.

Os cafés, além de ser uma bebida cada vez mais consumida na atualidade, fazem parte das atividades sociais desenvolvidas por uma parcela cada vez maior de pessoas, carregando consigo um valor simbólico. Isso porque, a intenção das pessoas que se reúnem em uma cafeteria, muitas vezes vai além do ato puro e simples de consumir a bebida, mas tem o intuito de aglomerar um grupo social a fim de realizar diversas interações sociais, desde jogar conversa fora até realizar atividades de negócios. Dispõe Giddens (2008) que:

O ritual associado ao acto de tomar café é frequentemente muito mais importante do que o consumo de café propriamente dito. Duas pessoas que combinam encontrar-se para tomar café estarão provavelmente mais interessadas em estarem juntas e conversarem do que em beber, de facto, café. Em todas as sociedades, na realidade, beber e comer proporcionam ocasiões para a interacção social e o desempenho de rituais - e tal fornece temáticas ricas para o estudo sociológico (GIDDENS, 2008, p.2).

Ainda no sentido de desvendar outras facetas do café e das cafeterias, na visão de Giddens (2008) consumir uma xícara de café pode significar uma relação de consumo, ou seja, econômica, mas também social, pois além, das interações sociais, é um produto que une, por exemplo, indivíduos ricos e pobres de países diferentes concomitantemente. Em outras palavras, a relação que se estabelece se dá entre aqueles que consomem a bebida em regiões de elevado poder econômico, os chamados países ricos, tendo advindo o fruto que origina a bebida de países pobres. Assim, Giddens (2008) profere que:

Depois do petróleo, o café é a mercadoria mais valiosa do comércio internacional, representando a principal exportação de muitos países. A produção, transporte e distribuição do café implicam transacções constantes que envolvem pessoas a milhares de quilómetros dos consumidores. Embora seja uma bebida originária do Médio Oriente, o seu consumo maciço data do período da expansão colonial ocidental, há cerca de um século e meio atrás. Praticamente todo o café que se bebe nos países ocidentais provém de áreas (América do Sul e África) colonizadas pelos europeus; não é, de maneira nenhuma, um elemento «natural» da dieta ocidental. A herança colonial teve um impacto enorme sobre o desenvolvimento do comércio mundial de café (GIDDENS, 2008, p.3).

Vale sublinhar ainda, que o hábito de consumo da bebida, devido à sua atual e elevada popularidade associada ao grande marketing e a politização do produto, pode se tornar um estilo de vida dos consumidores ao optar pelos tipos disponíveis

no mercado e dos lugares que podem encontrá-lo. Isso significa, que os “amantes” da bebida podem escolher o tipo de estabelecimento de consumo que pode ser uma grande rede de cafeterias ou locais artesanais, podem eleger o consumo do fruto oriundo de países com maior consideração aos direitos humanos e ambientais, por exemplo, entre outros aspectos (GIDDENS, 2008).

Após a breve explanação acerca da bebida café e das cafeterias, que serão abordadas novamente em tópico posterior, passaremos a analisar a categoria espaço social por ser de extrema relevância para o desenvolvimento desta pesquisa.

Os cafés ou cafeterias são considerados organizações de espaços sociais privilegiados de sociabilidade, que se reconstituem, reconstroem e ressignificam continuamente, pois são organizações que vão adquirindo e refletindo as características da época e se adaptando ao contexto social que ocupam (FANTINEL; FISCHER, 2012). Nesse sentido dispõe Bender (2000, p.17):

Os cafés, também chamados cafeterias, são locais onde se consomem bebidas e/ou alimentos, com especial ênfase ao café, mas que possuem outras características, especialmente relacionadas ao convívio social, a ponto de ser chamada de “instituição social complexa e multidimensional”.

As primeiras casas de Café foram criadas na Europa no século XVIII, passando a chamarem-se em seguida de cafeterias e onde diversas práticas e regras foram se estabelecendo e também se expandindo. A título de exemplificação do que foi dito, na época referida, o preço do consumo de uma xícara de café dava direito ao seu consumidor de participar das conversas realizadas pelo público daquele espaço. Outro aspecto peculiar das cafeterias nessa época, era que, através desses estabelecimentos era possível ficar sabendo de diversos aspectos em relação às cidades, a negócios, entre outros. Sendo assim, nesse contexto histórico, esses espaços eram caracterizados por diferentes posições sociais entre seus frequentadores, uma vez que, as disparidades entre eles eram ignoradas enquanto estivessem degustando uma taça de café, dando maior importância as informações (SENNETT, 2003).

Com o passar do tempo as cafeterias passaram por revitalizações e a serem consideradas espaços destinados ao pensamento, onde cientistas, filósofos e homens de negócios se reuniam fosse para trocar ideias ou refletir solitariamente (STANDAGE, 2005). Desse modo, eram vinculados a ambientes masculinos,

intelectuais e classes sociais e profissionais determinadas. Nesse sentido, dispõe Sennett (2003) que:

A clientela constituía-se de pessoas das classes média e alta, pois o preço das bebidas afastava os mais pobres. Além disso, seus frequentadores esperavam ter o direito de ficar a sós e em silêncio, o que contrariava os costumes das classes trabalhadoras, que se mantinham fiéis aos cafés das ruas laterais (SENNETT, 2003, p.278).

Segundo Lewgoy (2009) os cafés são espaços que estão em constante renovação em consonância com a dinâmica social que opera naquele contexto social e histórico específico. Isso porque, são locais que se constituem pelas sociabilidades que ali se formam, a exemplo disso temos que o século XX francês teve nos cafés seus principais veículos de sociabilidades, sendo considerado o lugar do discurso e podendo ser chamado de "a civilização dos cafés", em que eram um dos principais locais onde as informações circulavam e as diversas dinâmicas sociais se estabeleciam. Vale frisar que referida situação não ocorreu somente na França, mas em outros países, também incluindo o Brasil. Nesse sentido dispõem Fantinel e Fischer (2012, p.283):

O café é um espaço organizacional que varia com o tempo, portanto, conforme os significados atribuídos aos contextos de sociabilidade urbana; além disso, varia no espaço, a depender do contexto urbano que o abriga. Ademais, observamos uma revitalização dos espaços-café na contemporaneidade, fenômeno perceptível no contexto urbano evidenciado pela diversidade de tipos organizacionais (há espaço para franquias, cadeias e cafés de estilo artesanal) e tipos de sociabilidade (interação, socialização entre outros) nessas organizações.

A peculiaridade das cafeterias, entre outros aspectos, se remete a ideia de que o produto café propicia a sua apreciação geralmente por um grupo de pessoas que se reúnem pelos mais diversificados motivos, gerando assim uma infinidade de sociabilidades no local.

Essas diversas sociabilidades também se devem ao fato de que esses grupos incluem indivíduos de várias classes sociais, raças, gerações e faixas etárias, o que acaba caracterizando as cafeterias como ambientes muito ricos de análise de suas relações sociais.

Referidos espaços são demarcados, muitas vezes, por uma segmentação em seu interior, atravessados por barreiras simbólicas, devido às múltiplas diversidades que ele abriga. Sendo assim, oportuno mencionar, que, por exemplo, o consumo nesses espaços se relaciona diretamente com a questão da classe social, pois até

mesmo os valores expressos em um cardápio podem colaborar com a divisão simbólica dele ou até mesmo servir como forma de selecionar as pessoas que vão frequentá-lo. E por esse motivo, as sociabilidades acabam por se tornar uma das características centrais desse tipo de estabelecimento.

Essa diversidade não ocorreu repentinamente, veio com todas as transformações que foram ocorrendo ao longo dos anos na sociedade, isso porque os cafés há alguns anos atrás eram ambientes que se caracterizavam por serem frequentados por um público elitizado, branco, de classe social elevada, e majoritariamente masculina. Com a entrada de camadas mais populares, mulheres, jovens e negros nesses espaços, acabaram ocorrendo mudanças relacionadas a muitos aspectos, entre eles a forma como passam a se dar as relações sociais nos cafés e as percepções de seus agentes a partir dessa inclusão. Desse modo, diante dessas novas significações dos espaços urbanos, convém analisar como se deu essa inclusão e se as antigas hierarquias se dissolveram com o tempo ou se estão presentes ao menos simbolicamente.

No que se refere ao público que ocupava as cafeterias, escreve Standage (2005 *apud* FANTINEL; FISCHER, 2012, p.31):

É possível dizer que os cafés da Europa funcionavam como bolsas de informação para cientistas, homens de negócio, escritores e políticos – o café público abrigava uma verdadeira rede de comunicação, sendo comum que se vinculassem a determinada classe profissional como forma de socialização e divulgação de informações. Os debates nos cafés moldavam e refletiam, ao mesmo tempo, a opinião pública, formando uma ponte entre o público e o privado. No entanto, era em geral um espaço de sociabilidade eminentemente masculina, como se manteve por muito tempo em diversos locais.

Ainda no sentido da questão da inclusão de um público diversificado dispõe Ellis (2008 *apud* FANTINEL; FISCHER, 2012, p.32):

[...] é importante trazer uma abordagem crítica sobre a suposta “igualdade” entre os frequentadores dos cafés. As mulheres consideradas “de boa família” não podiam frequentar os cafés, especialmente em Londres, embora em alguns fossem elas as atendentes (ELLIS, 2008). Aquelas que desejavam frequentar tais organizações não tinham, na maioria das vezes, um papel de igualdade com os homens – sua presença não era desejada e fazia-se com que se sentissem desconfortáveis. Havia, sim, mulheres nos cafés, mas em circunstâncias específicas, e não em patamar de igualdade com os homens. Assim, os cafés eram, também, espaços de divisão social, ilustrando fronteiras e hierarquias existentes na sociedade, apesar de alguns autores os descreverem como espaços igualitários.

Em consonância com a citação acima as mulheres no Aquários também se

faziam presentes por circunstâncias específicas, todavia não se coaduna com o mencionado em um aspecto, pois na Cafeteria eram as mulheres de famílias as poucas presenças femininas que participavam dos fluxos internos, sendo as lógicas familiares uma das portas de entrada para elas. Vale sublinhar que as mulheres enquanto trabalhadoras e funcionárias também se inseriam no Café desde então. Em síntese, numa lógica das sociabilidades do Café a homossociabilidade existia, mas em determinados momentos ela dava espaço para integrar as mulheres de família.

Após tecer comentários sobre os cafés enquanto espaços de sociabilidade, no tópico seguinte serão elencados os principais aspectos históricos acerca da Cafeteria Aquários, objeto de estudo deste trabalho.

1.3 O Café Aquários

O Café Aquários é um espaço social situado na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, sendo a cafeteria mais antiga da Cidade que se encontra aberta até os dias de hoje. Está situada no centro pelotense, mais precisamente no encontro das ruas XV de novembro e 7 de setembro.

O Aquários foi criado em 1942 com o nome de Café Nacional, sendo uma cafeteria que na época era frequentada quase que somente por homens, que lá se reuniam para tratar de negócios referentes à terra e gado, já que naquele tempo as referidas transações não exigiam tantas formalidades, podendo ser realizadas em ambientes como o Café, que inclusive era conhecido como a “bolsa de valores de Pelotas”. Posteriormente passou a ser chamado de Café 35 e somente em 1970 recebeu o nome de Café Aquários¹.

O aspecto masculino marcante da cafeteria bem como o comercial se reflete na história de outras cafeterias também, e nesse sentido Standage (2005) alega que na Europa há algumas décadas atrás os Cafés eram os espaços em que os denominados homens de negócio se reuniam para celebrar importantes transações. Assim, as relações que se desenvolviam nesses estabelecimentos acabavam por ficar vinculados a determinadas classes sociais onde o público era quase que homogêneo e majoritariamente masculino, aspecto este frisado pelo autor referido,

¹ A breve exposição histórica sobre a origem do Café foi baseada no site do próprio estabelecimento: <<http://www.cafeaquarios.com/Site/Content/Home/>>

que afirma que esse fato se manteve como característica dessas organizações por muitos anos.

O nome atual do Café Aquários se deve ao fato de ele sempre ter possuído enormes janelas envidraçadas, parecendo verdadeiras vitrines, permitindo aos frequentadores uma conexão com o lado de fora, onde os grupos de homens se reuniam, e através delas, entre outras coisas, exaltavam a beleza das moças que passavam na calçada, as quais eram chamadas de “peixões”². Dessa forma, fazendo uma analogia das janelas a um aquário e das mulheres aos “peixões”, surgiu à ideia do nome de Café Aquários.

Conforme também será explanado quando da análise das entrevistas realizadas, vale dizer que por volta das décadas de 50 e 60 na cidade de Pelotas o Café Aquários então frequentado quase que somente pelos homens da cidade, não tinha por hábito possuir mulheres como público que frequentasse o local. Muitas mulheres alegam que sequer passavam na calçada da cafeteria pois seriam mal vistas pela sociedade e mulheres de família não poderiam passar por situações como essas.

Reconhecido por relatos de frequentadores, homens e mulheres, que a inserção tardia do público feminino no espaço, também é decorrente de o Café ser conhecido como a esquina do “já comi”³, pois os grupos que nela se reuniam para tomar seus cafés e jogar conversa fora, apontavam para as poucas mulheres que ali se encorajavam a passar, como se com elas já tivessem tido relações sexuais, pronunciando a frase que originou a denominação da esquina, algo que, poderíamos dizer, se trata de uma característica própria aos ambientes de homossociabilidade masculina, conforme será desenvolvido posteriormente, marcados por fazerem das mulheres objeto de troca (ainda que simbólicas) entre os homens.

Nesse sentido dispõe Philippe Ariés que:

[...] os cafés se configuraram como círculos de sociabilidade onde as pessoas ditas *esclarecidas* encontravam-se, informavam-se em conversavam fora do universo doméstico, moldando o espírito público em um ambiente semiprivado. Essas novas formas de sociabilidade trazem suas marcas de origem, como a natureza quase que exclusivamente masculina (com raras exceções), o que evidencia determinada concepção de público e privado – em que havia uma preferência dos homens de se

² Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=RSMc0hF322E>>

³ Documentário realizado por estudantes do curso de jornalismo da Universidade Católica de Pelotas, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=RSMc0hF322E>>, de onde foram extraídas todas as informações.

encontrarem a sós. As mulheres que insistiam em frequentar os espaços eram vistas, com frequência, como subversivas (ARIÉS, 2009).

O trecho acima mencionado remete a outras questões que serão referidas adiante, analisados diante da narrativa das próprias entrevistadas que contribuíram para a realização deste estudo, mas pode-se desde já salientar como se trata de um espaço que conjuga, em seus fluxos, uma sociabilidade voltada para os negócios (e, como veremos a política), e, portanto vinculado à noção de uma masculinidade branca e com níveis elevados de renda e educação, conformando também um aspecto de classe como restritivo ao espaço.

Por fim, as mulheres e outros grupos sociais, que demarcaram todas as questões do espaço suscitadas passaram no espaço de uma forma que enseja a análise e abordagem de questões mais amplas e por isso é imprescindível desenvolver o conceito de gênero a partir dos movimentos feministas, bem como abordar a importância das questões da interseccionalidade (muito embora elas não sejam exploradas neste estudo, mas fazem parte da caracterização das sociabilidades do espaço), e da homossociabilidade masculina, conforme será feito no capítulo a seguir.

Capítulo 2 – Construção de conceitos e categorias fundamentais na análise sociológica do espaço

As relações sociais no espaço em tela foram se modificando com o passar dos anos, em relação aos mais variados aspectos, e em consonância com todas as mudanças que as sociedades vêm sofrendo, assim como o próprio Café que acabou por sofrer modificações em seus fluxos. Nesse sentido, sob a ótica das relações de gênero, pretendeu-se identificar as lógicas relacionais do espaço, bem como os aspectos simbólicos que ele carrega desde seu surgimento e que ainda hoje traduzem suas particularidades no que tange a diversos quesitos, mas principalmente, no caso particular deste estudo, em relação às relações de gênero.

Quando falo em ressignificação nas formas de sociabilidade do Café me atendo ao fato de que, conforme já explicitado no primeiro capítulo desta dissertação, quando foi fundado comportava quase que exclusivamente o público masculino como frequentador e grande parte das relações que se desenvolviam era para tratar de negócios. Ocorre que, com o passar do tempo, e com todas as modificações que as mais diversas sociedades vieram sofrendo, este espaço acabou por se transformar, ainda que preservando aspectos históricos de suas formas de sociabilidade. Com o decorrer dos anos o Café alterou substancialmente seu público, passando a incluir jovens, mulheres, crianças e indivíduos das mais variadas raças e classes sociais. Vale dizer também, que atualmente, ele se constitui como um ambiente de lazer, associativo e ainda simbólico em muitos sentidos, onde as sociabilidades e interações se dão de inúmeras formas e para diversos fins. De acordo com Fantinel e Fischer (2012, p.281):

[...] os cafés são representativos de seu contexto urbano. Estudar os cafés possibilita compreender fenômenos organizacionais perenes, mas que se transformam conforme os espaços e tempos em que vivem. Os cafés são, pois, emblemáticos nesse sentido, em cidades do Brasil e do mundo.

Todavia, diante de todas as modificações que ocorreram ao longo dos anos, é possível perceber que ainda hoje existem lógicas relacionais que ainda demarcam e dividem simbolicamente o espaço do Aquários. No quesito classe social, por exemplo, se percebe que o público dentro do espaço fica desconectado em ambientes divididos simbolicamente, e que muitas pessoas de classes mais baixas não se sentem incluídas na Cafeteria por diversas questões, dentre elas o alto custo dos produtos ali vendidos, além da questão da elegância que é uma característica inerente ao espaço conforme suscitado nas análises das reportagens da cafeteria no Capítulo 3 e que de certa forma acaba fechando simbolicamente o Café nesse sentido.

Na perspectiva de gênero existem as barreiras das mulheres que ainda tem a percepção masculina do ambiente também não se inserindo totalmente no Café. E ainda nesse sentido de gênero atrelado a classe social, se observa que há mais naturalidade de enxergar a mulher enquanto trabalhadora do café, atendendo e servindo atrás dos balcões do que simples pessoas frequentadoras daquele estabelecimento. As referidas questões nos ajudam a compreender que muito embora o público da cafeteria tenha se alterado com todas as conquistas dos movimentos sociais e de outras mudanças simbólicas e políticas da sociedade, por exemplo, ainda há muitas demarcações e barreiras simbólicas neste espaço que são atreladas a noções de classe social, raça/etnia, geração e gênero.

Assim, para que o objetivo desta pesquisa seja alcançado, imprescindível primeiramente, que se compreenda o surgimento da categoria gênero bem como sua conceituação por ser um dos eixos centrais deste trabalho, e para isso é necessário traçar uma breve discussão acerca dos movimentos feministas, pois foi na efervescência da denominada “segunda onda” deste movimento que ele se desenvolveu. As transformações dos movimentos feministas possibilitam a apreensão da consolidação do campo dos estudos de gênero, pois repercutiram nas teorizações sobre a categoria gênero e sua complexificação.

2.1 Do movimento feminista aos estudos de gênero

Discorrer sobre o movimento feminista de toda certeza não constitui uma tarefa fácil visto que há várias histórias de feminismos e muitas vertentes sobre o mesmo, pois o pensamento feminista que é produto das práticas do movimento com as teorias feministas não constitui uma unificação e homogeneização de suas ideias.

É importante assinalar, portanto, que o feminismo nunca foi um movimento consensual, ou contou um único projeto feminista. “Existiram no passado, e ainda hoje, diferentes projetos, alguns até mesmo antagônicos, em função de premissas e imagens sustentadas sobre o ser humano, os gêneros e a sociedade em geral” (HITA, 2002, p.324).

A partir disso, e reduzindo um pouco o universo histórico do movimento, temos que ele constitui um movimento marcado convencionalmente por diversas fases, o qual podemos apontar como gênese o período do final do século XIX até meados do século XX. O referido período é chamado de "primeira onda" e caracterizado pela luta por direitos políticos, pelo direito a voto, e ainda por direitos sociais e econômicos, como trabalho remunerado, propriedade, entre outros (PEDRO, 2005). Este momento é assinalado por um contexto histórico do liberalismo, o qual se buscava a ampliação por cidadania e valores republicanos. Neste período as feministas ficaram conhecidas como “sufragetes” ou “sufragistas” pela atenção que despenderam na luta do direito ao voto pelas mulheres.

A referida conjuntura nos possibilita inferir que esta onda do feminismo se restringe à busca de cidadania para as mulheres atrelada aos direitos civis que vinham sendo por elas conquistados. Mais precisamente no início do século XX das décadas de 20 e 30 as mulheres mobilizadas começaram a obter importantes direitos principalmente no que tange à cidadania e direitos políticos, como direito a propriedade, voto, acesso a educação, entre outros (PISCITELLI, 2002).

A "segunda onda" do movimento feminista inicia na segunda metade do século XX, tendo mais visibilidade nos anos 1960 e 1970. Neste período as questões relacionadas à igualdade de direitos de cidadania não foram abandonadas, todavia o destaque se direciona a questionar os motivos pelos quais são originadas as assimetrias entre homens e mulheres e as causas dessa desigualdade se sustentar ao longo da história e dos tempos. Assim, neste contexto, o movimento procura afastar do determinismo biológico as diferenciações e desigualdades de

gênero, ou seja, desnaturaliza a desigualdade entre os sexos como princípio para elucidar referidas questões. Em outras palavras, a busca se detém em compreender as origens das desigualdades sexuais, a opressão masculina e ainda a questão de somente os homens acessarem sem restrições a esfera política, ficando a mulher adstrita à esfera privada (PISCITELLI, 2002).

A segunda fase do movimento que surgiu após a Segunda Guerra Mundial, é assim abordada por Joana Maria Pedro:

O feminismo chamado de “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Naquele momento, uma das palavras de ordem era: “o privado é político” (PEDRO, 2005, p.79).

Ao pronunciar que o privado é político, ou "o pessoal é político", o feminismo pretende romper com a dicotomia público-privado e inserir nas questões de ordem pública o que antes era considerado como privado, ou seja, pretende evidenciar a opressão vivida pelas mulheres que ficava isolada no mundo privado e era tratada como questão unicamente pessoal. Em outras palavras, a seara público-privado era a base do pensamento liberal, em que era considerado público tudo aquilo se relacionasse com o Estado, economia e todas as atividades institucionais e privado as questões de ordem pessoais, sexuais, domésticas, familiar, ou seja, todas aquelas que pretensamente não se relacionassem ao político (COSTA, 2005). Assim, quebrar essa dicotomia era propor a transposição das questões que eram consideradas de ordem pessoal ao plano público. Nesse sentido escreve Pateman (1996, p.47):

As feministas fizeram finca-pé em mostrar como as circunstâncias pessoais estão estruturadas por fatores públicos, por leis sobre a violação e o aborto, pelo status de “esposa”, por políticas relativas ao cuidado das crianças, pela definição de subsídios próprios do estado de bem-estar e pela divisão sexual do trabalho no lar e fora dele. Portanto, os problemas “pessoais” só podem ser resolvidos através dos meios e das ações políticas.

De acordo com o explanado por Silva acerca do feminismo nos anos 60 e 70:

Assim, nas décadas de 60 e 70 emerge com toda a sua força a segunda onda do feminismo enquanto movimento social e político, questionando o porquê da divisão tradicional dos papéis sociais entre homens e mulheres. Segundo Franchetto et al (1981) nesse momento historicamente datado a mulher se descobre, ou se quer, como sujeito de seu próprio corpo, de sua sexualidade, de sua vida, produzindo assim, as mais diversas consequências políticas, econômicas e culturais.

Uma das consequências deste impacto se deu com a inauguração, no decorrer dos anos 70, de um campo de reflexão polêmico e de extrema importância no interior das universidades pelas militantes feministas. De acordo com várias autoras como Miriam Goldenberg e Miriam Grossi, as militantes feministas que estavam inseridas no universo acadêmico introduziram na academia questões e discussões relacionadas à mulher. Iniciam-se assim, os “estudos da mulher”. Nessas produções acadêmicas discutiam-se a psicologia feminina e os porquês das diferenças políticas entre homens e mulheres (FRANCHETTO *et al.* *apud* SILVA, 2014, p.55).

Essa segunda onda do movimento, mais precisamente pós década de 60, em que a busca que se fazia era pela igualdade de direitos e mesmo que o movimento, conforme já dito, não tivesse um todo unificado nos seus anseios, originou uma ideia central ao pensamento feminista na qual a problemática se dava em torno da seguinte indagação: considerando que a subordinação e o opressão feminina é injusta e deve ser desnaturalizada, como se chegou a essa condição e de que forma ela se manteve e se mantém ao longo do tempo? (PISCITELLI, 2002).

A partir dessa indagação, temos que apesar da heterogeneidade de ideias e pressupostos da busca de igualdade feminina é universal a subordinação feminina em diversos contextos históricos e sociedades distintas, logo, surgem algumas correntes feministas a fim de tentar compreender e elucidar as causas que originaram e justificaram as assimetrias e subordinações femininas. Em termos políticos, por exemplo, afirmavam que as mulheres ocupavam lugares subordinados em relação aos homens e ao mundo masculino, mas numa lógica que variava em decorrência de tempo espaço, mas tratada como universal, pois ocorre em todas as partes e períodos históricos (PISCITELLI, 2002).

As diversas correntes do pensamento feminista possuem como centralidade a investigação da causa que origina a opressão e subordinação feminina, afirmando que seria em decorrência da forma como a mulher é construída socialmente, isso porque, tudo que é construído pode ser modificado, então se as percepções acerca das mulheres fossem alteradas era possível alterar o espaço por elas ocupado (PISCITELLI, 2002)

Assim, pleiteando a igualdade do exercício de direitos através da investigação das raízes culturais que originaram as desigualdades e os seus desdobramentos, momento em que as feministas criaram várias frentes para isso, como a categoria mulheres, sujeito coletivo, e a busca de ferramentas teóricas para através dessa criação, explicar e acabar com a opressão e subordinação feminina (PISCITELLI, 2002).

Com o avanço dessa discussão teórica, surgem distintas correntes feministas marcadas por posicionamentos ideológicos e políticos distintos. Surgiram as feministas denominadas de diferencialistas e as igualitaristas, assim como ideologicamente surgiram as correntes denominadas de: feminismo liberal, socialista e radical.

Procurando esboçar rapidamente as ideias centrais de cada uma delas, podemos dizer que as feministas diferencialistas também chamadas de essencialistas, eram aquelas que na “segunda onda” do movimento feminista, para confrontar a categoria Homem (utilizado como caráter universal), procuravam reivindicar e incluir a categoria Mulher em nome da diferença, ou seja, distinguindo a identidade da Mulher e do Homem. Assim, começaram a se reunir em grupos que englobasse somente indivíduos do sexo feminino para que pudessem discutir suas questões. Devido a essa perspectiva de separação e reunião em grupos unicamente femininos é que foram chamadas de feministas diferencialistas. A atribuição de essencialistas se deve ao fato de que consideravam que o aspecto biológico do sexo determinava a diferenciação delas em relação aos homens, ou seja, bastava que fossem portadoras da mesma genitália para que fossem consideradas portadoras das mesmas demandas, subordinações, opressões e submissões (PEDRO, 2005).

No tocante as correntes ideológicas, surge em 1970 em oposição ao feminismo liberal o feminismo socialista diretamente influenciado pelo marxismo e partindo da premissa que a supremacia dos homens pelas mulheres teria como origem a propriedade privada, assim compreendia como o capitalismo explorava não apenas as classes trabalhadores, mas também as mulheres.

Algumas vertentes das feministas socialistas partem da discussão sobre a opressão de gênero de forma articulada com a divisão das sociedades em classes sociais, tendo como referência o estudo de Engels, em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, sobre a questão da propriedade e da dominação de classe e das mulheres, fundamentado nos pressupostos do materialismo histórico. Segundo Adriana Piscitelli elas se apoiavam na ideia:

[...] de que a divisão de trabalho baseada no sexo implicou desigualdade ou opressão sexual no momento em que surgiram as classes sociais baseadas na propriedade privada. As formas da opressão sexual, tais como as formas de parentesco e família, teriam uma base material na estrutura de classes. A opressão das mulheres, assim como a exploração de classe, poderiam ser superadas através da instauração de uma forma de organização social

mais desenvolvida, numa sociedade sem classes, por exemplo, no socialismo (PISCITELLI, 2002, p.3).

Todavia, outras vertentes do pensamento feminista socialista, criticam as referidas alegações, pois entendem que mesmo em sociedades onde o socialismo se instalou foram mantidas as causas de opressão das mulheres, ou seja, a forma de organização social que segundo elas dariam cabo as desigualdades também não foi suficiente para eliminá-las. Em outras palavras, segundo essa vertente colocar a questão da produção/de classe como causa primária e o sexo/gênero como secundária não era suficiente para operar as mudanças necessárias. Logo, as causas originais da opressão seriam então o capitalismo e o patriarcado associados, partindo da paridade de condições nas questões de produção e reprodução (PISCITELLI, 2002).

Outra corrente denominada de feminismo radical foi influenciada pela obra *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir e segundo Scott (2002): esse movimento lutava pelo fim das diferenças sexuais na política, luta que se desenrola de forma complexa, não sem apresentar seus paradoxos, contando que “a reivindicação tinha de ser feita em nome das mulheres (um produto do próprio discurso da diferença sexual), e acabava por alimentar a diferença sexual que procurava eliminar” (SCOTT, 2002, p.27).

As feministas radicais além de darem origem à categoria “mulher”, acreditavam que a opressão feminina se dava em decorrência do aparelho reprodutivo feminino, ou seja, apoiavam-se nas questões biológicas, que segundo esta corrente e nas palavras de Adriana Piscitelli:

[...] o feminismo radical entende de maneira diferente as causas da opressão das mulheres. Shulamith Firestone, uma das principais pensadoras desta corrente, afirma no livro *A dialética do sexo* que as origens da subordinação feminina estão visivelmente localizadas no processo reprodutivo. Segundo essa autora, os papéis desempenhados por homens e mulheres na reprodução da espécie são fatores fundamentais de onde derivam as características que tornam possível a dominação de que os homens exercem sobre as mulheres. As diferenças entre os papéis sociais e econômicos de homens e mulheres, poder político e a psicologia coletiva são resultado da forma como se reproduzem os seres humanos. De acordo com Firestone, o papel das mulheres no processo reprodutivo – uma vez que são os únicos seres humanos capazes de engravidar e amamentar e dado que os bebês humanos têm um período extraordinariamente prolongado de dependência física – as torna prisioneiras da biologia, forçando-as a depender dos homens (PISCITELLI, 2002, p.3).

Sob a ótica de Franchetto *et al.* (apud SILVA, 2014, p.55):

Diante dessas constatações, teóricas e feministas da época Simone de Beauvoir, Firestone e Reed, começaram a refletir e questionar sobre a universalização da opressão feminina, justificada seja na função reprodutora da mulher (biológico), seja como parte de um sistema social e histórico. Tal evidência ganha potência na medida em que nega o social como naturalmente dado. As mulheres recusam-se a se constituir num “segundo sexo”, ou “sexo frágil” por excelência.

A solução seria acabar com o patriarcado e para isso as mulheres teriam que passar a ter controle da reprodução. Ou seja, para Firestone a eliminação das diferenças só seriam possíveis a partir da eliminação da diferenciação sexual, através da substituição da reprodução natural para a artificial para que as diferenças sexuais fisiológicas não tenham mais significado cultural (PISCITELLI, 2002). Assim, podemos perceber claramente que nessa vertente de pensamento o corpo e a questão biológica exercem o papel principal na origem das causas da supremacia e dominação masculina.

Existem algumas categorias conceituais que surgiram no seio do movimento feminista, que são essenciais para compreendermos o contexto que originou a categoria gênero, sendo “mulher”, opressão e patriarcado (PISCITELLI, 2002).

Baseado nas concepções do feminismo radical emergiu a centralidade da categoria "mulher", dando origem a uma série de estudos focados no que se chama de "condição feminina". Nesta perspectiva, a categoria “mulheres” como sujeito coletivo atribui à opressão ao fato de todas serem mulheres, de modo que as diferenças entre elas (por exemplo, de classe social, "raça", nacionalidade, idade, etc.) ficam absorvidas por essa condição e a questão da identidade de gênero passa a ter caráter principal (PISCITELLI, 2002).

A identidade em que falamos acima, se relaciona com os aspectos biológicos e também sociais, nas palavras de Piscitelli (2002, p.5):

Em termos gerais, as feministas radicais sublinharam a conexão entre mulheres através do tempo e das culturas, considerando que o corpo feminino era uma pré-condição necessária para a permanência da opressão patriarcal. E, se a ênfase concedida aos aspectos biológicos colocava o feminismo num terreno potencialmente essencialista, o desenvolvimento do conceito de opressão incidiu num alargamento dos significados do político.

Apreender o alargamento acima referido estabelece a necessidade de se considerar o contexto histórico em que essas discussões eram desenvolvidas. Nesse sentido, essas feministas rebatiam as concepções oriundas do pensamento marxista em que a política era um meio racional de definir a exploração levando em conta aspectos objetivos, como a classe que seria um critério objetivo e considerado

condição de exploração. Desse modo, elas consideraram que essas concepções não eram apropriadas para explicar as opressões femininas, pois as mulheres poderiam se situar tanto em grupos dos oprimidos quanto dos opressores, ou seja, de acordo com esses princípios objetivos, as mulheres de branca de classe média não seriam consideradas oprimidas e subordinadas. E como as feministas afirmavam que todas as mulheres eram vítimas da opressão e da subordinação, seria necessário que fossem levadas em consideração todas as vivências e experiências que elas possuísem e se caracterizassem como opressoras. Desse modo, afirmam então, que as teorias subjetivas deveriam ser consideradas em detrimento das objetivas (PISCITELLI, 2002).

Assim, o alargamento que foi mencionado acima, se relaciona com a ideia de que todo modo de opressão e atividade de dominação masculina, era designada como política, pois política agora era entendido como designante de qualquer forma de poder tendo a ver com as questões relacionados ao Estado e suas instituições ou não.

A referida ressignificação do político, desenvolvida na segunda onda do feminismo e defendida pelas feministas radicais, visava desconstruir as relações de poder das mais variadas searas sociais onde passaram a atuar. Desse modo, teoricamente, a ideia central e origem do poder masculino, segundo elas, era o patriarcado e as relações entre homens e mulheres deveriam ser vistas como relações políticas. As radicais defendiam ainda, que o patriarcado e a dominação masculina teriam se perpetuado no tempo e nas culturas de modo que poucas sociedades escapariam dela, logo, a opressão masculina era universal sendo necessário, portanto que elas buscassem explicar o desenvolvimento do patriarcado nos seus casos específicos (PISCITELLI, 2002).

Nesse sentido, as teorias feministas foram se desenvolvendo e se consolidando, mas ao mesmo tempo em que novos conceitos foram se desenvolvendo outros foram sendo questionados e o patriarcado foi um deles. Uma das críticas se dava pelo fato de o patriarcado dificultar a compreensão da história feminina, pois segundo Piscitelli (2002, p.7):

O conceito de patriarcado foi importante na medida em que distinguia forças específicas na manutenção do sexismo e útil, em termos da tentativa feminista de mostrar que a subordinação feminina, longe de ser inevitável, era a naturalização de um fenômeno contingente e histórico, era que se o patriarcado teve um início poderia ter um fim. O pensamento feminista

procurou no patriarcado a ideia de uma origem, de um tempo anterior, quando teria começado a história da opressão das mulheres, a organização social contemporânea atualizaria a ordem existente nas sociedades arcaicas, na qual a dominação era exercida por homens. O problema é que a utilização desse termo fora do seu contexto obscurecia a compreensão das relações sociais que organizam diversas formas de discriminação.

Importante mencionar que o patriarcado buscava demonstrar a origem da opressão feminina e que essa condição não era natural e poderia ser combatida e eliminada (PISCITELLI, 2002). No entanto, o conceito foi se tornando problemático na medida em que ao descrever coisas muito distintas a partir do mesmo termo passou a parecer impreciso, inconsistente, passando a ser utilizado como sinônimo de opressão e dominação masculina de modo a ficar adstrito a essa opressão universal que se essencializava no tempo e no espaço.

Contemporâneo ao debate que discutia a origem social e cultural da opressão e subordinação femininas, já discutidas anteriormente, o conceito gênero foi formulado de forma pioneira por Gayle Rubin, embora já fosse utilizado. A referida autora conceituou o sistema sexo/gênero definido como:

[...] conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nas quais estas necessidades sociais transformadas são satisfeitas. Conjunto de arranjos através dos quais a matéria prima biológica do sexo humano e da procriação é modelada pela intervenção social humana (GAYLE *apud* PISCITELLI, 2002, p.8).

A fim de explicitar de que forma esses arranjos funcionam e também defini-los, a autora utiliza as ferramentas de autores como Freud e Lévi Strauss para abordar a vida social das mulheres, pois esse era o local que desencadeava a opressão não só delas, mas de todas as minorias sociais. Ou seja, Gayle Rubin se apropria da ideia de “intercâmbio de mulheres” de Levi Strauss de forma peculiar para explicitar as origens sociais da opressão feminina nas suas respectivas sociedades.

Piscitelli (2002) assim escreve sobre o sistema elaborado por Rubin:

Para Rubin, o “intercâmbio de mulheres” seria um “primeiro passo” para a construção de conceitos através dos quais pensar a subordinação das mulheres, na medida em que mostraria essa subordinação como produto das relações por meio das quais sexo e gênero são organizados e produzidos. Isto leva a autora (Rubin) a pensar na necessidade de estudar cada sociedade para determinar mecanismos através dos quais as convenções da sexualidade se produzem e mantém (PISCITELLI, 2002, p.9).

Ainda na visão de Rubin, na diferenciação entre os sexos o aspecto de maior

relevância é o de ordem cultural em detrimento do biológico. Nessa senda, a autora argumenta que os sistemas de parentesco seriam os responsáveis para a diferenciação de gênero e a subordinação das mulheres, criando a ideia de um sistema sexo/gênero e mais uma vez sustenta então a prevalência da importância cultural sobre a biológica na diferenciação entre os sexos. Segundo Piscitelli sobre a visão de Rubin: “Desta maneira poderia se dizer que, para a autora, gênero é um imperativo de cultura, que opõe homens e mulheres através do parentesco” (PISCITELLI, 2002, p.9).

Uma das críticas ao pensamento de Rubin se dá pelo fato de que se ela se apoia no parentesco como forma de elucidar as questões do sistema sexo/gênero ainda está respaldada por questões de ordem naturais e, ao mesmo tempo, universaliza as relações de gênero, em vez de atentar para suas especificidades contextuais.

A visão de Silva (2014) sobre as concepções de Rubin são assim expostas:

Gayle Rubin, antropóloga americana, numa perspectiva estruturalista, pensa a opressão feminina dentro de um sistema social. O foco era mostrar que a relação entre os gêneros não deriva da natureza, pois é histórica, decorre de um arranjo social e tem um momento de fundação. Suas formulações surgem no cruzamento com a leitura das Estruturas elementares do parentesco de Lévi-Strauss (1982), onde o sistema de troca de mulheres se evidencia, e também com ideias de cunho marxistas (sistema sexo/gênero). Explica a opressão da mulher como socialmente construída, estando o sexo para a natureza e o gênero para a cultura. Para Rubin, se as mulheres são trocadas para fins de aliança entre grupos, e esses casamentos configuram a passagem da natureza para a cultura, segundo suas regras de exogamia e tabu do incesto, a derrota histórica da mulher seria simultaneamente a criação da cultura. A opressão feminina (a autora mantém essa categoria do movimento feminista) surge com a criação da cultura, ou seja, é histórica e está afastada das bases do determinismo biológico da função reprodutora como algo fundacional. Segundo Franchetto et al. (1981: 30), “A teoria do social em Lévi-Strauss é, para Rubin, uma teoria implícita da opressão feminina.” (SILVA, 2014, p.56).

Por fim, importante elencar as correntes teóricas feministas assim definidas por Silva:

Estas as diferentes perspectivas de gênero seguem correntes teóricas construídas ao longo da história da disciplina, e assim se estruturam: na corrente estruturalista o gênero implica em alteridade, para que exista o masculino é necessário seu oposto, o feminino. O processo de constituição da identidade se dá pelo reconhecimento de que existem pessoas idênticas e diferentes de nós mesmos e que, portanto, só há a possibilidade de existirem dois gêneros. Na corrente pós-estruturalista o gênero se constitui pela linguagem/discurso, esses teóricos entendem que os discursos não são apenas palavras, mas linguagem, atos que tem significados. Segundo Joan Scott, o discurso é um instrumento de orientação do mundo, mesmo se não é anterior à orientação da diferença sexual. Na corrente

pósmoderna, há o entendimento que o gênero pode ser mutável, existindo por sua vez, múltiplos gêneros (SILVA, 2014, p. 59)

Sintetizando as questões da origem do conceito de gênero nas palavras de Piscitelli (2002, p.11):

O que me interessa reter de tudo isto é que o conceito de gênero começou a ser desenvolvido como uma alternativa ante o trabalho com o patriarcado. Ele foi produto, porém, da mesma inquietação feminista em relação às causas da opressão da mulher. A elaboração desse conceito está associada à percepção da necessidade de associar essa preocupação política a uma melhor compreensão da maneira como gênero opera em todas as sociedades, o que exige pensar de maneira mais complexa o poder. Vemos, assim, que as perspectivas feministas que iniciaram o trabalho com gênero mantêm um interesse fundamental na situação da mulher, embora não limitem suas análises ao estudo das mulheres.

2.2 Emergência do conceito de gênero e sua construção

As discussões sobre gênero surgiram na década de 70 na chamada segunda onda do movimento feminista, momento em que as reflexões dessa categoria se davam em torno da oposição ao determinismo biológico, ou seja, o masculino e o feminino não eram determinados pelas características anatômicas naturais, mas sim culturalmente variando de acordo com o contexto histórico.

O desenvolvimento em torno do referido conceito originou diversos estudos e abordagens sobre o mesmo, desencadeando ferramentas e significados diversos de acordo com a época que operavam. Na esteira do pensamento feminista, foi relevante historicamente distinguir sexo e gênero. Sexo referir-se-ia aos aspectos biológicos dos homens e mulheres e seus aparelhos reprodutores, gênero iria além abordando aspectos sociais, considerando as construções dos papéis que os homens e as mulheres que vão desempenhar na sociedade a partir das assimetrias sexuais deles derivados. Nas palavras de Joseli Maria Silva (2007, p.121):

O sexo, comumente estabelecido como um dado biológico, está relacionado à dimensão anatômica das diferenças dos corpos. Assim, o corpo, já categorizado como de macho ou de fêmea, é a base sobre a qual se institui os papéis culturais e as expectativas de comportamento que a sociedade tem para o desempenho do papel do macho, que deve ser masculino, e do papel feminino, desempenhado pelo corpo categorizado como de fêmea.

Dito isso, utilizaremos as abordagens de expoentes na discussão sobre gênero sendo elas Joan Scott e Judith Butler, para isso serão retomadas algumas ideias feministas já elencadas no item anterior a fim de contextualizar a discussão

das referidas autoras.

A categoria gênero teve como início de sua discussão o momento em que a categoria mulher era utilizada em contraposição a categoria homem, pois esta última abarcava a ideia de um sujeito neutro e universal e as feministas buscavam então através da criação da categoria mulher a visibilidade das mulheres e o fim das invisibilizações e subordinações femininas também presente na construção do conhecimento científico. Como um desenvolvimento dos estudos de mulheres surgiu a categoria gênero de forma a abordar não apenas a visibilidade das mulheres, mas a historicidade e o aspecto relacional e contextual dos sistemas de gênero. De forma crítica, Joan Scott (1995) salienta que a despeito de seu uso crescente ele era muitas vezes usado como sinônimo de mulheres e não como uma categoria analítica que desse conta do seu aspecto relacional. Nesse sentido escreve Joan Scott (1995, p.7):

[...] no seu uso recente mais simples, “gênero” é sinônimo de “mulheres”. Livros e artigos de todo o tipo, que tinham como tema a história das mulheres substituíram durante os últimos anos nos seus títulos o termo de “mulheres” pelo termo de “gênero”. Em alguns casos, este uso, ainda que referindo-se vagamente a certos conceitos analíticos, trata realmente da aceitabilidade política desse campo de pesquisa. O uso do termo “gênero” visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho porque “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”. O gênero parece integrar-se na terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissociar-se da política – (pretensamente escandalosa) – do feminismo. Neste uso, o termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada (e até agora invisível) (...) (SCOTT, 1989, p. 6)(...) “Gênero”, como substituto de “mulheres”, é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na idéia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo. Esse uso rejeita a validade interpretativa da idéia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres de forma separada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo [...].

Para Scott, o conceito deve ser pensado de forma relacional onde as mulheres e os homens, o feminino e o masculino, são diretamente relacionados e recíprocos, ainda que não constituídos de forma igualitária, não sendo possível pensar num sem o outro (SCOTT, 1995). Ou seja, em uma perspectiva pós-estruturalista, davam centralidade à linguagem e suas vinculações com relação de poder, compreendendo gênero de forma desvinculada a qualquer determinismo biológico, atribuindo a ele um sentido amplo e cultural frisando o caráter relacional entre o masculino e o feminino de modo a compreender as relações e organizações

sociais como marcadas por uma construção simbólica e interdependente entre masculino e feminino.

A historiadora propôs então a discussão em torno da relacionalidade dos gêneros, em que a história das mulheres não poderia ser escrita e discutida sem levar em conta a história dos homens. Para ela, abordar a história feminina sem levar em conta a masculina era também uma forma de essencializar as relações de gênero. Em vez disso, usando o gênero como uma categoria analítica, ela propõe compreender de que maneira mulheres e homens vivem em contextos específicos a partir de um sistema cultural que delimitam fronteiras entre o masculino e o feminino e, a partir delas, constituem desigualdades.

Para Scott, o gênero é perpassado por outras questões como classe, raça/etnia, geração, não tendo como colocar todas em uma mesma categoria como faziam outras teóricas de momentos precedentes. Logo, para a historiadora a questão da opressão e subordinação feminina não se restringia a questão anatômica dos corpos femininos e masculinos. Isso fez com que “a categoria ‘Mulher’ passasse a ser substituída, em várias reivindicações, pela categoria ‘Mulheres’, respeitando, assim, o pressuposto das múltiplas diferenças que se observavam dentro da diferença” (PEDRO, 2005, p.3).

Assim, Scott como historiadora propõe em seus textos demonstrar a forma pela qual gênero, como um termo, foi sendo incorporado de modo a substituir a categoria sexo. E o modo pelo qual ela propôs essa abordagem foi utilizando gênero como categoria analítica, procurando compreender como os seus desdobramentos atuavam na ordem social e analisar de que modo, contextualmente e relacionalmente, eram constituídos o feminino e o masculino.

Buscando investigar os motivos que levaram a mulher a se tornar invisível historicamente, fazendo isso através da utilização do conceito gênero como categoria analítica, utiliza ferramentas e conceitos pós-estruturalistas como de Michel Foucault (1977). Assim, analisa gênero sob as seguintes perspectivas: desconstruir a dicotomia homem/mulher em que o primeiro impõe sua supremacia, fugir da lógica natural e pensar gênero como construção social, não fixa e ainda que as relações sociais são impregnadas de poder desde suas construções.

A ideia fundamental de gênero para a autora consiste em conceber “gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, bem como ele próprio é uma forma primeira de dar

significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p.14).

Nas palavras de Scott (1994, p.19):

[...] examinar gênero concretamente, contextualmente e considerá-lo um fenômeno histórico, produzido reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo... A história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres, e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos.

Assim, podemos compreender que segundo Scott é possível abarcar gênero em uma perspectiva relacional, pois é um elemento composto pelas relações entre homens e mulheres historicamente, culturalmente, identificando os padrões de comportamentos sociais e culturais das masculinidades e feminilidades, e desse modo em decorrência da reciprocidade entre os gêneros e da dinâmica entre eles, o conceito de gênero está sempre em processo de ressignificação.

Assim, Joan Scott define gênero como:

[...] o núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único [...] (SCOTT, 1995, p.21).

Ainda na visão de Scott (1995) gênero é uma categoria de análise sociológica e histórica que permite compreender as relações sociais que estabelecem saberes para a diferença sexual, isto é, saberes que dão significados às diferenças corporais e que implicam numa organização social a partir delas. Estes saberes não são absolutos, mas sim relativos para cada sociedade e época.

No debate mais atual, Judith Butler (2003), critica o binômio sexo/gênero visto de uma perspectiva essencialista, fixa, imutável, propondo que através de uma genealogia se perceba que não há uma essência, ou seja, não há essencialismo na categoria gênero visto que se pode construir masculinidades em corpos femininos e feminilidades em corpos masculinos.

A autora discorda que somente gênero seja abarcado pela teoria social e que sexo teria como base apenas os aspectos naturais e biológicos. Em outros termos, ela problematiza a ideia de que há um sexo pré-discursivo, uma base biológica como origem das diferenças culturais. Pelo contrário, defende o caráter histórico do "sexo", na tentativa de diluir a dicotomia existente entre sexo e gênero, levando ao limite a

ideia construcionista de gênero.

Assim, ela propõe que sexo não é anterior a gênero, o que acontece é que o corpo é vivenciado a partir de definições pré-definidas e desse modo sua proposição é desprender-se dessas determinações de corpo/biologia alegando que é possível que as masculinidades e feminilidades sejam vivenciadas de formas diversas. Em outras palavras, por um não ser anterior ao outro, encontram-se no mesmo patamar, de modo que é possível desconstruir gênero e sexo, e consequentemente acabar com a dicotomia que os acomoda em corpos distintos.

A autora propõe ainda que gênero constitui uma modalidade de identidade que se imbrica e intersecta com outras como classe, raça, geração, não sendo possível, portanto separá-lo, pois com elas é construído e sustentado (PISCITELLI, 2002).

Nesse sentido, em relação ao aspecto transversal de gênero é necessário compreender que embora todas as mulheres sejam passíveis de discriminação de gênero por serem mulheres, existem outros fatores que são importantes na forma de como elas vão vivenciar essa desigualdade, tais como: classe, raça, cor, etnia, religião, aspectos geracionais, entre outros, fatores estes que estão diretamente ligados a identidade social dessas mulheres (CRENSHAW, 2002).

Os referidos fatores refletiram claramente nas entrevistas realizadas na construção deste trabalho, pois diante dos aspectos peculiares de cada entrevistada como os fatores acima citados, foi possível perceber que eles influenciavam diretamente nas percepções de cada uma delas em relação ao Café Aquários, e no modo como descreviam as dinâmicas das relações sociais dos homens e das mulheres no local.

Nesse sentido, passa-se a abordar gênero como perpassado por outros fatores, representações e construções sociais, entrelaçado com raça, classe, aspectos geracionais, etc. (LAURETIS, 1994).

Importante salientar, conforme as alegações de Alda Motta (1999, p.191) que a inclusão do fator geração pelos estudos de gênero foi essencial para respaldar suas teses, pois: “gênero e geração, como dimensões fundamentais da vida social, correspondem a categorias básicas – e mutuamente articuladas – da análise das relações sociais”.

2.3 Gênero como categoria de análise da Cafeteria

Após elucidar pontualmente as questões principais atinentes ao feminismo e a emergência do conceito de gênero bem como algumas de suas abordagens conceituais, convém abordar gênero sob o viés de uma categoria que possibilitará analisar as relações sociais no Café Aquários na Cidade de Pelotas. O objetivo então constitui demonstrar gênero como instrumento teórico que possibilitará compreender empiricamente e analiticamente as relações sociais no Café, as lógicas relacionais que lá se construíram e as dinâmicas sociais levando em conta as construções das masculinidades e feminilidades e seus aspectos simbólicos.

A construção social dos gêneros se dá, em uma primeira definição, de maneira relacional, ou seja, o feminino se constitui em relação ao masculino e vice versa, e, em uma segunda definição articulada, são originados pela dinâmica das relações sociais mais amplas, e nesse sentido Safiotti (1992) diz que:

[...] não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia (SAFIOTTI, 1992, p.210).

No que tange ao presente trabalho, gênero serve como categoria de análise das relações sociais que se desdobram no café Aquários, pois auxilia na descrição e na percepção das lógicas relacionais que lá se desenvolvem. Isso se deve ao fato de que no mencionado local, desde seu surgimento, era evidente a homossociabilidade masculina, ou seja, a predominância dos homens como frequentadores do local, muitas vezes delimitando fronteiras (ainda que nem sempre visíveis) que limitassem ou intimidassem a presença feminina na cafeteria. Dessa forma, através da categoria de gênero é possível compreender as relações e condições assimétricas entre homens e mulheres que foram se desenvolvendo ao longo do tempo no café, bem como as demarcações simbólicas do feminino e do masculino que o espaço social reflete.

As relações de gênero muitas vezes são reflexo de como cada gênero ou cada mulher e cada homem internaliza suas concepções e a construção da identidade de cada um vai se formando de acordo com aspectos como as relações sociais que são desenvolvidas com os demais e também com o mundo e suas pré

definições. Isso quer dizer que existem muitos fatores que vão influenciar no modo como vemos e percebemos determinadas lógicas relacionais, como por exemplo classe social, faixa etária, raça e por isso procuramos identificar de que forma essas diferenças refletem no modo como as mulheres identificam o café e se identificam nele.

De acordo com o exposto e trazendo a baila o espaço e suas sociabilidades que se constituíram como objeto da pesquisa, temos que gênero enquanto elemento que constitui e significa poder significou o Café como um espaço predominantemente masculino, sendo um local em que diversos tipos de relações simbólicas são marcantes. As relações de poder são características desde a época que ele foi fundado e estão presentes até mesmo nos dias de hoje, e isso será demonstrado em alguns trechos das entrevistadas no Capítulo 4, em que reproduziram de maneira natural algumas questões referindo o privilégio masculino e essas relações simbólicas de poder acentuadas.

2.4 Articulando gênero, classe e raça: a interseccionalidade no Aquários

O Café Aquários constitui um local que passou por diversas transformações das suas lógicas relacionais e dinâmicas sociais ao longo dos anos. Desse modo, o público que frequenta a cafeteria atualmente é bastante variado, incluindo indivíduos das mais diversas faixas etárias, classes sociais, raças. Desse modo, ciente da interseccionalidade existente na Cafeteria, abordaremos neste tópico brevemente algumas questões relacionadas a ela, mas não será explorada de forma aprofundada no trabalho.

Assim, buscaremos neste item abordar as noções principais acerca das categorias que formam a interseccionalidade do local para possibilitar a descrição dessas interações e das relações e do público do Café, identificados através de observação não participante realizada no espaço em tela. O objetivo então, é compreender como as diferenças operam no Aquários através da articulação dos marcadores referidos, pois eles são elementos que perpassam as relações sociais e que, a partir da análise da sua importância, possibilita maior compreensão acerca das relações de poder e dominação construídas e reproduzidas em sociedade.

Adriana Piscitelli (2008) sugere o uso da concepção de interseccionalidade e/ou categoria de articulação a fim de identificar a forma que se imbricam e

interagem as inúmeras diferenças e assimetrias que se verificam nos espaços e na sociedade. Assim, o que se pretende é ir além de um único eixo de subordinação (gênero) para compreender as dinâmicas e lógicas das relações sociais de grupos e diferenças através de outros marcadores de subordinação.

Vale mencionar que, embora interseccionalidade e categoria de articulação sejam instrumentos teóricos e metodológicos distintos, segundo Piscitelli (2008) constituem ferramentas importantes e produtivas para pensar, questionar e compreender as noções de diferenças e distribuições de poder e de que forma eles incidem no desigual posicionamento dos indivíduos nos espaços sociais. Assim Piscitelli (2008) afirma que:

Essa produtiva valorização das categorias diferença e poder implicaria uma secundarização relativa da categoria gênero, que no pensamento feminista assumiu lugar central nas últimas décadas, obscurecendo ou subordinando outros “outros”, como consequência não intencional do esforço para desnaturalizar a opressão das mulheres desde pelo menos a antológica afirmação de Simone de Beauvoir de que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (PISCITELLI, 2008, p.269).

Em consonância, Bilge (2009) afirma:

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2009, p.70).

Conceição Nogueira e João Manuel de Oliveira (2010) concordam com a importância desse conceito quando afirmam que a interseccionalidade pretende analisar como as várias categorias (social e culturalmente construídas) atuam conjuntamente a inúmeros níveis se manifestando em termos de desigualdade social. Assim, os sistemas de poder dentro de uma sociedade, englobando todos os marcadores sociais em foco, não agem independente uns dos outros e por isso não devem ser analisados separadamente.

É importante se aperceber da ideia de que:

[...] a pessoa não é divisível em cada situação particular, o que implica que as opressões a atingem de modo combinado, coexistindo e reforçando-se mutuamente na produção das desigualdades sociais. É por isso que interseccionalidade é um conceito analítico, ou seja, permite ler e interpretar

a realidade para melhor atuar sobre ela visando a sua transformação (MELO; GONÇALVES, 2010, p. 168).

Em consonância com o propósito deste trabalho, de abordar a perspectiva de gênero em um espaço marcado por questões de poder ancorado na homossociabilidade masculina, a importância da interseccionalidade se torna evidente pela heterogeneidade do público atual do Café. Isso se deve ao fato também de ser um conceito que elucida os diferentes fatores de discriminações, assimetrias, vulnerabilidade e diferenças que se entrelaçam ocorrendo de forma simultânea na vida dos agentes sociais independente do espaço que ocupem.

Segundo Berger (2007 apud MELLO; GONÇALVES, 2010, p.164):

[...] nossa localização no “mapa social” é determinada por pelo menos três forças sociais específicas: o sistema de estratificação (fundado em múltiplos aspectos culturais, sociais e econômicos, tais como a classe, a raça, a etnia, o gênero, a idade, a sexualidade etc.); o controle exercido pela sociedade sobre nós (entendido como coerção ao modo de Durkheim ao definir fato social) e os papéis sociais que somos chamados a desempenhar em cada contexto social particular. Ou seja, cada um/a de nós traz em sua bagagem: uma origem de nascimento, numa cultura particular; uma referência de classe social definida a partir da posse de bens materiais e simbólicos, posições de poder e prestígio; marcas corporais e psicológicas que podem definir se somos homens ou mulheres; uma classificação num sistema racializado baseado na cor da pele ou em outros fenótipos; uma orientação sexual expressa de modo público ou não; uma idade que sinaliza o que é permitido ou proibido, e assim por diante. Esses sistemas de classificação a partir de “marcadores sociais da diferença” são construções sociais, pré-existem ao nosso nascimento – não fomos nós que os criamos – e se articulam de maneira a produzir maior ou menor inclusão/exclusão, a depender do quanto confrontam identidades sociais hegemônicas. Logo, nossa localização no mapa social depende: de nossas posições nos sistemas de classificação (estratificação), do que representamos (papéis sociais) e do tipo de controle que é exercido sobre nós.

Marcadores como geração ou faixa etária, raça e classe são importantes serem mencionados neste estudo, pois, entre outros aspectos, permitem que identifiquemos a construção das identidades e posições sociais, análise das sociabilidades, suas constrições, limites e possibilidades no espaço dinâmico dos fluxos dos grupos e indivíduos que ocupam o espaço social do Café. Ou seja, através deles podemos perceber de que forma os aspectos simbólicos de gênero, classe, raça e geração estão presentes nas formas de interação do Café. A título de exemplificação da questão de raça, no documentário sobre o Aquários que será analisado no capítulo seguinte, um negro é entrevistado acerca de sua visão sobre a Cafeteria e a importância na sua vida, tem como resposta: “a importância na minha vida por ser da etnia negra é de alguns anos pra cá porque historicamente a

sociedade pelotense é preconceituosa e no café antigamente não entrava “crioulo”. “Nós não tínhamos acesso a nada. Eu fui o primeiro negro a participar da banda do Colégio Gonzaga e o pessoal da banda ia no Café e eu acabei indo junto e fui me acostumando porque ninguém nunca me disse que não.” Percebe-se na fala do entrevistado que a questão racial impedia sua inserção e seu fluxo no espaço muito embora fosse uma imposição simbólica como ele mesmo retrata pois nunca ninguém lhe disse que não após ele começar a frequentar o aquários. O relato dele é de um tom positivo pois conforme se depreende da sua fala eram barreiras invisíveis que quando foram transpostas ele se sentiu acolhido pelo espaço, passando a pertencer ao público e lá permanecer até os dias de hoje.

No que tange à posição ocupada pelas mulheres nos diz Bernardino-Costa (2014) que sob o viés do paradigma da interseccionalidade em que marcadores como gênero, classe e raça se articulam na individualidade constitui um aspecto de extrema importância no que se refere a sua negação ou afirmação, pois são estruturas que definem padrões sociais intimamente responsáveis pela definição da ocupação da posição das mulheres em sociedade devido ao fato de sua individualidade muitas vezes ser negada ou rejeitada em alguns locais.

Nesse sentido, explana Crenshaw (2002, p.177):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

De acordo com Stuart Hall (2006) as mudanças estruturais que ocorrem na sociedade a partir da modernidade ocasionaram uma transformação, fragmentação nas identidades. Referidas alterações refletiram em variáveis como classe, raça, gênero, sexualidade, etnia, cor, entre outros. Isso significa que a noção de estabilidade e todo unificado que se tinha anteriormente se transforma e os indivíduos passam a questionarem a si mesmos.

Para Hall (2006) os agentes sociais interagem com o mundo e tudo que está inserido nele, de modo que internaliza valores e significados que vão ser responsáveis pelas origens e construções de suas mais variadas identidades. Em outras palavras, há uma afinidade entre suas subjetividades e o mundo objetivo através dessa relação dinâmica operante. Nesse sentido, o conjunto formado pelos

pressupostos mencionados aliados a vivências e sentimentos, entre outros aspectos, originam significados que vão se imbricar com categorias como as de classe, raça, gênero que por isso devem ser analisadas e compreendidas conjuntamente.

O Café Aquários, por exemplo, é constituído atualmente por diversas classes sócias, gerações, gênero e raças que devem ser consideradas em suas diferenças e singularidades isso porque, a ressignificação da cafeteria e todas as mudanças sociais que ocorreram ao longo do tempo influenciam diretamente nos fluxos e nas lógicas relacionais que nele se estabelecem e que refletem nas identidades que ali se constituem.

A interseccionalidade permite que através das considerações de todas as diferenças das categorias sociais os sujeitos internalizem a sensação de pertencimento a determinados espaços sociais.

Assim, não haveria como abordar a questão de gênero na cafeteria e a questão da mulher no espaço, sem que se mencionasse os marcadores de diferenças, que conforme já explicitado, influenciam diretamente na construção da lógicas relacionais do Aquários, nas sociabilidades estabelecidas, nos fluxos e nas práticas sociais.

2.5 Da construção das masculinidades aos estudos sobre homosociabilidade masculina

Ao falarmos em gênero não podemos deixar de abordar a construção social da masculinidade e a masculinidade hegemônica, por serem fatores que auxiliaram na elucidação da construção do objeto de pesquisa, uma vez que a masculinidade e a homosociabilidade evidentes no Café exigem uma explanação acerca de suas construções.

Partindo de Pierre Bourdieu (2002, p.67) a masculinidade é: “uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construído, primeiramente dentro de si mesmo”. Na sua visão referida construção se origina da dominação simbólica que existe dos homens em relação às mulheres.

Conforme explana Silva (2014, p.57):

As décadas de 80 e 90 marcaram a abertura para os estudos sobre homens, masculinidades hegemônicas e subalternas (Connell, 1985; Kimmel, 1998; Nolasco, 1995; Vale de Almeida, 1995). Segundo Aragão (2013:344), somente a partir do próprio feminismo que as possibilidades se abriram para os estudos da masculinidade. “A despeito da alienação inicial, os estudos sobre os homens e as masculinidades se desenvolveram graças ao mesmo intento de questionar os padrões e opressões de gênero. Homens e mulheres são pensados agora no plural e as diferenças são percebidas como construídas no social. Deixa-se de estudar as mulheres isoladamente, e passa-se a estudar o gênero de forma relacional.

Segundo Kimmel (1998) as masculinidades são construções sociais que fogem da fixidez e do determinismo biológico, pois possuem caráter dinâmico e em constantes mudanças, tendo em vista aspectos como a cultura, o tempo, classe, raça, etnia, região, variando em termos históricos, culturais e até mesmo no transcorrer da vida humana. O termo no plural “masculinidades” indica que são identidades diferentes para diferentes grupos em diferentes tempos.

A referida questão constitui elemento de suma importância neste trabalho, pois embora o objetivo seja identificar a presença feminina no Café e seus desdobramentos, é essencial abordar ambos os gêneros pela relação existente entre eles, não tendo como abordar um sem o outro. E ainda, em consonância com o aludido, se dá a questão da construção social da masculinidade, pois o ambiente pesquisado é identificado pela homossociabilidade masculina e, além disso, possui um público marcado por outros fatores que se interseccionam.

Segundo Vale de Almeida (1995) as masculinidades e as feminilidades são símbolos de poder acessíveis aos homens e as mulheres, a eles não se sobrepondo, por isso existem as variantes nas relações de gênero e as diversas formas de masculinidades.

De acordo com Kimmel (1998) as masculinidades são construídas de forma relacional e simultaneamente, em dois campos de poder sendo eles: os que envolvem homens e mulheres, e os que envolvem relações entre homens apenas. A primeira forma de poder origina a desigualdade de gênero enquanto a segunda origina desigualdade de raça, etnia, sexo, idade, entre outros. Além disso, a própria constituição da masculinidade passa pela negação do feminino para e com os outros homens. Assim, para Kimmel (1998) a homofobia e o sexismo são os elementos que constituem a construção social da masculinidade.

Ao considerar a existência de diversas masculinidades, vários autores passam a afirmar o predomínio de formas de masculinidade sobre outras,

recorrendo e redefinindo o conceito gramsciano de hegemonia. Para Kimmel e Connell (2000 *apud* SILVA, 2014, p.60):

A masculinidade hegemônica representa a estrutura de poder das relações sexuais, que busca excluir qualquer variação de comportamento masculino que não se adapta a seus preceitos. É dessa maneira que ela está centrada no patriarcalismo e na heteronormatividade, construindo tipos subordinados de masculinidade tais como o homossexual que lhe serve de contraponto e de anti-paradigma. A manutenção da masculinidade hegemônica trata na verdade de uma trama de situações que a favorecem mais ou menos, dependendo das circunstâncias.

A partir dos estudos sobre masculinidades e considerando que o homem não pode ser considerado unilateralmente pois a relacionalidade dos gêneros deve ser evidenciada, a masculinidade hegemônica foi uma categoria criada por Connell com a finalidade de referir a um grupo masculino que se encontrem em posições privilegiadas de classe, raça com superioridade hierárquica não somente em relação às mulheres mas também a outros homens (ADELMAN; MORAES, 2008).

Na presente pesquisa, mencionada constatação se evidencia pela histórica sociabilidade masculina, constituída de homens brancos e de classes elevadas, onde grupos de minorias eram desprivilegiados e não frequentavam o Café, verificado também pelos depoimentos que fizeram parte do documentário sobre ele, explanado no próximo capítulo. A branquitude denominada como um ideal em sintonia com a modernidade constituída de seus aspectos físicos e simbólicos determinava os acessos a determinados espaços pelos agentes sociais, que como consequência ocasionavam a distinção social e hierarquias tanto de ordem racial quanto de classe, por carregar consigo a noção de que o padrão era ser homem e branco dotados de vários capitais que não somente o econômico.

Para Daniel Welzer-Lang (2001) as relações sociais de sexo entre homens e mulheres e somente entre homens são caracterizadas por dois modelos naturalistas: um direcionado ao sexismo, a dominação do homem sobre a mulher e separação total entre os sexos, e a segunda é orientada no sentido de que a sexualidade dita “normal” é aquela que se compõe das relações entre homens e mulheres, ou seja, heterossexuais, sendo as outras consideradas como “diferentes”. O paradigma naturalista divide os grupos masculino e feminino de forma hierárquica, onde os privilégios masculinos se dão em detrimento das mulheres. Importante mencionar que, a dominação masculina também se verifica entre os homens.

Desse modo, a pesquisa pretendeu compreender também se no ambiente do Café Aquários, a partir da inserção da mulher, essa dominação e esses privilégios masculinos ainda se fazem presentes de modo a emergir juntamente com tensões em um ambiente de poder consolidado.

A principal forma pela qual os homens tentavam demonstrar a sua bem sucedida masculinidade era através da desvalorização de outras formas de masculinidade, posicionando o hegemônico por oposição ao subalterno, na criação de um Outro. Atualmente, são as mulheres e os homens gays que têm servido como as visões clássicas da identidade de gênero subalterna, pano de fundo contra o qual os homens brancos heterossexuais projetam suas ansiedades de gênero e é sobre a emasculação destes que a hegemonia masculina é construída (KIMMEL, 1998).

Ainda nesse sentido, aduz Silva (2014) que:

A masculinidade só pode estar em competição com aquele que - na concepção masculina - pode estar fragilizando a sua masculinidade, ou seja, aquele que tenha pertença ao mesmo contexto social. É assim que os significados da masculinidade se desenvolvem socialmente e se estabelecem em relação e em oposição aos outros (SILVA, 2014, p.61).

No sentido do aludido anteriormente pelo autor, muito se coaduna com a problemática da pesquisa a hegemonia dos homens brancos heterossexuais, pois conforme observações que foram feitas, é este o aspecto que predominava no público que se fazia presente no Café, logo importante verificar como este dado repercute no objeto de pesquisa e seus desdobramentos.

Ainda na visão de Kimmel (1998, p.116):

A masculinidade hegemônica é invisível àqueles que tentam obtê-la como um ideal de gênero, ela é especialmente visível precisamente àqueles que são mais afetados pela sua violência. Aqui as palavras de mais um clássico canônico, de George Simmel em A Filosofia da Cultura (1911): A posição de poder dos homens não apenas assegura sua relativa superioridade sobre a mulher, mas assegura um padrão e este padrão torna-se generalizado como padrão genericamente humano que deve governar igualmente o comportamento de homens e de mulheres. Se alguém percebe grosseiramente as relações entre os sexos como a relação entre senhor e escravos, então se dará conta que o privilégio dos senhores não ter que pensar continuamente sobre o fato de que são senhores. Ao contrário, a posição do escravo é tal que nunca o deixa esquecer isto. Não há dúvida nenhuma que a mulher muito mais raramente perde o sentido do que ser mulher significa do que o homem a respeito do que é ser homem. Muito frequentemente parece que os homens pensam em termos de categorias puramente fatuais sem que o significado de masculinidade entre em jogo; em contraste, parece que a mulher nunca perde sentido disto, seja isto

claramente sentido ou esteja apenas subjacente ao fato que elas são, de fato, mulheres.

A dominação masculina não deve ser vista como algo pronto e acabado, que se reproduz sempre da mesma forma, mas sim articulando a hegemonia masculina às lutas e conquistas femininas e de outros grupos a fim de que o estereótipo das relações sociais sexistas sejam modificadas e consequentemente a subordinação feminina (WELZER-LANG, 2001).

Essa abordagem do autor demonstra que a hegemonia masculina não pode essencializar os fatos e as questões que perpetuavam há décadas atrás, pois nesse espaço de tempo as mulheres alcançaram muitas vitórias em relação a seus direitos e também foram conquistando seu espaço na sociedade. Logo, não há como não levar em conta todas essas mudanças sociais que ocorreram, ao falarmos em gênero, homossociabilidade, hegemonia masculina.

Ainda segundo o autor:

O paradigma naturalista da dominação masculina divide homens e mulheres em grupos hierárquicos, dá privilégios aos homens à custa das mulheres. E em relação aos homens tentados, por diferentes razões, de não reproduzir esta divisão (ou, o que é pior, de recusá-la para si próprios), a dominação masculina produz homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais da virilidade (WELZER-LANG, 2001, p.465).

De acordo com Connell e Messerschmidt (2013), os estudos de masculinidade derivados das teorias feministas que relacionavam a assimetria de relações entre homens e mulheres no patriarcado e a discussão acerca do papel do homem na modificação do patriarcado, constituíram uma das fontes do que ele denominou de masculinidade hegemônica. A referida masculinidade se diferenciou das demais por ter um caráter normativo, impondo um padrão de conduta que exige ser seguida pelos demais, através do ideal cultural de um homem muito honrado em que essa ideologia subordina totalmente as mulheres aos homens.

Nesse sentido, o ideal de masculinidade é atribuído culturalmente e as diferentes formas de masculinidades variam de acordo com a posição social que cada homem ocupa no espaço, ou seja, cada homem possui uma visão própria do que é ser homem sustentada por uma visão geral imposta socialmente (SILVA, 2014). E ainda Connell (*apud* SILVA, 2014, p.61):

[...] sustenta que a masculinidade representa uma configuração das práticas em torno da posição que os homens ocupam na estrutura das relações de

gênero. Estrutura que é histórica, pois o indivíduo não está sujeito ao mesmo modelo de “ser masculino” a que os avôs, estiveram sujeitos, bem como ao mesmo modelo masculino a que seu pai ou seu irmão foram submetidos.

Esse modelo pode ser demonstrado no objeto de pesquisa através da “esquina do já comi” em que a objetificação das mulheres aos homens é evidente, na medida em que as mesmas só participavam do ambiente enquanto objeto de troca entre os homens (SEDGWICK, 1985).

Quando se aborda a construção de modelos hegemônicos de masculinidade, é mister dizer que as relações entre os próprios homens se constituem como a arena especial na qual as masculinidades são testadas, comparadas e julgadas. Portanto, são os espaços de homossociabilidade masculina marcados por uma saturação de poder e, ao mesmo tempo, de regulação das condutas masculinas e, potencialmente, de exclusão das mulheres que estariam apenas presentes como objeto de troca entre os laços masculinos (SEDGWICK, 1985). No que tange à homossociabilidade, neste trabalho será utilizado o conceito desenvolvido por Sedgwick (1985):

Homossocial é uma palavra usada ocasionalmente na história e nas ciências sociais, na qual descreve os laços entre pessoas do mesmo sexo; é um neologismo, obviamente formado por analogia com ‘homossexual’, e também para se distinguir da palavra ‘homossexual’. Na verdade, essa palavra é aplicada a atividades de ‘ligação do sexo masculino’, que pode, em nossa cultura estar relacionado com intensa homofobia, medo e ódio da homossexualidade. Para ilustrar o que há por trás de ‘homossocial’ na órbita do ‘desejo’, do potencial erótico, ou seja, há uma hipótese de uma não ruptura e sim de uma continuidade entre homossocial e homossexual, uma continuidade cuja visibilidade para os homens, em nossa sociedade, é radicalmente interrompida” (LECHAKOSKI; ADELMAN, 2011, p.3).

Destarte, podemos compreender a partir do exposto, que a homossociabilidade pode ter estreita relação com a questão da homossexualidade, mas que nas sociedades contemporâneas, heteronormativas, são baseadas ao contrário pela constante recusa da potencialidade erótica das relações entre homens, ainda que com possíveis ambiguidades em relação a isso (SEDGWICK, 1985). Segundo Lechakoski e Adelman (2011), a homossociabilidade pode ser entendida como relações que desenvolvem em espaços privilegiados em que se formam entre homens, laços dos mais diversos tipos como de amizade, rivalidade, e que adensam relações de poder. Ainda nesse sentido, a homossociabilidade pode designar as lógicas sociais e os discursos que se desenrolam nesses espaços afim

de deles excluir a participação das mulheres caracterizando relações que se formam unicamente entre homens (LECHAKOSKI; ADELMAN, 2011).

Segundo Balieiro (2009) a masculinidade enseja a presença de dois fatores: a exclusão feminina e a homossocialidade, tendo a homossociabilidade masculina como suporte a partilha de poder entre os homens e sobre as mulheres.

O Aquários foi atribuído como espaço social de homossociabilidade masculina pela majoritária presença masculina que se configura desde seu surgimento e ainda se faz presente mesmo que de forma mais matizada. Nele as questões de masculinidade estão atreladas também a caracterização do Café como um espaço de lazer, trabalho e ainda transações de negócios em que essa homossociabilidade masculina significativa engloba homens atualmente de classes sociais variadas e consequentemente posições sociais distintas.

No texto denominado de “O homem cordial: modernização do Brasil e homossociabilidade” de autoria de Leandro Lechakoski e Mirian Adelman, após abordar e elucidar o conceito de homossociabilidade através da ótica acima apresentada, eles entendem a sociedade brasileira como marcada pela homossociabilidade masculina primitivamente. Abordam a modernidade como um período histórico em que diversos paradigmas são questionados e discutidos trazendo Felski (1995) para criticar o machismo nesse período, pois na visão desses autores as teorias e estudos que permearam essa época eram extremamente masculinos. Ou seja, os textos e narrativas tratavam apenas das questões e representações masculinas, momento histórico em que a mulher fica atrelada ao cenário privado e doméstico e o homem ao cenário público e político. Essa perspectiva que os autores referem como cenário e contexto homosocial.

Dessa forma, devido ao público masculino no ambiente do Café ser majoritário desde sua formação até os dias atuais, onde diariamente se reproduziam dinâmicas sociais predominantemente masculinas, que excluía as mulheres mesmo que forma simbólica do ambiente e ainda a permeação de poder intrínseco ao Café utilizaremos o conceito de homossociabilidade para caracterizar essas relações. Ainda que com esse conceito não queiramos caracterizar de forma estanque os fluxos desenvolvidos no espaço estudado. Pelo contrário, da forma abordada a homossociabilidade não pode ser pensada de forma estanque ou completamente fechada às mulheres, mas de forma a incorporá-las de forma a subalternizá-las, seja integrando-as episodicamente como "mulheres de família" ou

sexualmente como objetos do desejo sexual. Em qualquer dos casos, trata-se de abordar as mulheres como objeto de troca entre os homens.

Os espaços homossociais são, de fato, arenas nas quais os homens articulam posições de poder, excluindo as mulheres. Nas palavras de Lechakoski e Adelman (2011, p.9):

Falando de espaços públicos desde uma perspectiva da homossociabilidade, percebe-se que a sociedade brasileira é um contexto homossocial, pois grande maioria dos espaços públicos são masculinos, como por exemplo, a política, o mercado de trabalho, etc.

Para Sedwick (1985) as relações de homossociabilidade possuem como eixo central a dominação masculina em que as relações e partilha de poder são baseadas nos vínculos sociais estabelecidos entre os homens.

A homossociabilidade neste estudo foi o conceito que possibilitou identificar as relações iniciais que operavam na Cafeteria, pois conforme já mencionado no Capítulo 1, historicamente as cafeterias se constituíram em espaços masculinos de negócios, e o Café Aquários quando da sua criação eram somente os homens que frequentavam o local na sua grande maioria para tratar de negócios, ao que nos cabe averiguar de que modo esta característica se manteve duradoura ou foi modificada nas novas sociabilidades que se desenrolam no espaço. Cabe ainda salientar como a homossociabilidade se dava também de forma intra-racial, baseada na branquitude, conforme abordado no capítulo anterior. Considerando que as formas de sociabilidade interna ao espaço não são independentes das transformações externas, cabe analisar de que modo os fluxos que, em si, são marcados pela dinâmica e contínua transformação, mantiveram ou alteraram essas conformações, apresentando continuidades e rupturas.

A categoria do homem cordial sugerida por Adelman e Moraes (2008) propõe que como uma forma de sociabilidade ela permita e possibilite as trocas e interações sociais entre indivíduos que em outros espaços não conseguiriam realizar tais práticas, mas que também pode ofuscar e invisibilizar as hierarquias e assimetrias ali presentes. Esta categoria pode nos auxiliar a compreender a inserção da mulher no Aquários atualmente, pois a cordialidade pode ser considerada uma das categorias que permite os fluxos femininos no espaço e mascara as fronteiras invisíveis e simbólicas que existiam anteriormente.

Sintetizando algumas questões do presente capítulo podemos relacionar a masculinidade hegemônica com a homosociabilidade, na medida em que nos espaços de dominação masculina se criam relações de troca de poder entre os homens que geram um espaço homosocial, um espaço de troca e partilha de poder. De toda forma na Cafeteria é uma homosociabilidade relativa, que se fecha em determinados momentos conforme demonstrado na análise documental feita no Capítulo seguinte, mas que também se abre pra determinados grupos, por isso as da cafeteria são lógicas específicas e próprias do espaço como as familiares. Nesses espaços homosociais masculinos as mulheres são objetos de troca entre os homens. No Aquários, por exemplo, enquanto os homens negociam, as mulheres que passavam por lá eram objetos de troca assimétricas, conforme a “esquina do já comi” demonstra.

Por fim, após as categorias fundamentais desta pesquisa serem analisadas e aprofundadas, no Capítulo seguinte serão analisadas imagens e um documentário acerca do Aquários para que se possa contextualizar o histórico da Cafeteria e da sua representação na Cidade de Pelotas.

Capítulo 3 – O Café Aquários no contexto da Cidade de Pelotas/RS

Neste capítulo o objetivo constitui abordar alguns aspectos históricos do Café Aquários, bem como demonstrar sua importância no contexto social da cidade de Pelotas, a fim de que se compreenda a representação social da cafeteria para os pelotenses.

Para tanto, não há um material histórico compilado tratando da história do espaço, o que se tem são fragmentos de reportagens, histórias narradas pelos frequentadores do estabelecimento, depoimentos, e alguns poucos trabalhos científicos que retratam essas questões.

Assim, buscando não restringir o capítulo apenas aos aspectos históricos da cafeteria, mas também traçar uma abordagem analítica sobre ela, optou-se pela análise de alguns documentos e fotos do Aquários como ponto de partida para sua construção. Vale dizer, que as imagens foram extraídas da própria página do Café na internet, que através delas retrata sua história e sua importância na sociedade pelotense.

Desse modo, a análise documental retratada neste item centra na análise do sítio do Café, através das imagens veiculadas nas mídias, disponibilizadas pelo site e algumas de outros produtos midiáticos sobre o qual sobressai um documentário que aborda a história do Café a partir do relato de seus frequentadores. Vale destacar, que a análise documental foi uma das técnicas escolhida conjugada com a análise de entrevistas abordada posteriormente, pois analisar os fluxos é uma perspectiva sócio histórica que se caracteriza pela dinâmica interna e externa das relações sociais. Assim, é necessário que se analise as relações que ocorrem dentro da Cafeteria e as imagens, reportagens e o documentário na visão do próprio do público do Café permitem essa construção.

3.1 Representação social do Café através de um viés fotográfico e documental

Neste tópico utilizaremos fotografias como método de pesquisa qualitativa, pois conforme citado acima, não existe um acervo que reúna de forma escrita a História do Café Aquários, o que existem são fragmentos⁴, recortes, reportagens, documentários, e muitas imagens do espaço. Assim, a partir das imagens que seguirão abaixo procuraremos demonstrar a importância do Café no contexto social pelotense, reconstruir um pouco sua história e analisar a partir das imagens que se têm para traçar um panorama de como as lógicas relacionais se construíram e se modificaram nesse espaço.

Segundo Loizos (2002) um dos benefícios do emprego das imagens e fotografias como aplicações potenciais na pesquisa social é justamente nosso objetivo neste capítulo, qual seja demonstrar a natureza de espaços sociais e suas mudanças históricas. Segundo o autor: “um tipo diferente de emprego de fotografias históricas pode incluir fazer sua leitura para se conseguir uma informação cultural/histórica implícita” (LOIZOS, p. 143).

Loizos entende que “a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais, concretos e imateriais” (LOIZOS, p. 137), sendo este um dos objetivos do presente tópico.

Abaixo seguem as imagens com suas respectivas análises e representações.

⁴ As fontes das imagens elencadas abaixo são retiradas do site da Cafeteria (www.cafeaquarios.com/site/) como fonte primária, por isso não são mencionados detalhes de data e local sobre as mesmas.



Figura 1 – Reportagem sobre o Café Aquários

Fonte: Site do Café Aquários (<http://www.cafeaquarios.com/site/#/>)

Esta reportagem, retirada do site da Cafeteria a qual não se tem acesso a maiores detalhes como data e veículo midiático, destacando com muita clareza a importância da Cafeteria para a Cidade de Pelotas, basta observar o título da matéria denominada de “118 motivos para ter orgulho da região” e a referência ao Café no rol das causas de orgulho pelotense como importante espaço social.

No início da reportagem já se fala na localização do Café denotando que ele se encontra numa das principais zonas centrais da urbanidade pelotense. Em

seguida desta alusão demonstrando a importância da localização, vem a menção a "esquina do pecado", assim referida pelo próprio público do estabelecimento. Este trecho ilustra de forma muito clara a maneira como a Cafeteria e a localização naquele cruzamento de ruas eram conhecidas, representando o espaço como um lugar que possui um sentido simbólico especial para Pelotas.

Prosseguindo, há referência às janelas envidraçadas que embora não tenha sido mencionado, segundo relatos, foi a origem do nome da Cafeteria de acordo com o que também já foi explanado anteriormente (analogia das grandes janelas de vidros a um aquário e as mulheres do lado externo a peixões). Deste modo, a referências a mulheres, à "esquina do pecado", ao "já comi" revela que as mulheres - embora fisicamente ausentes no espaço - eram simbolicamente muito presentes, constituindo um elemento de laço entre os homens.

No último trecho da reportagem quando é referido o cardápio da Cafeteria, bem como o famoso sanduíche de chester, se percebe que o escritor chama a atenção para o fato de que aquele local atende não somente a homens, mas também a mulheres e outras classes sociais, enfatizando ser um espaço que agrega parcelas sociais variadas, algo que precisa ser matizado. Ao mesmo tempo de ansiar demonstrar a variedade de público que frequenta o Café, a fotografia escolhida como representativa do espaço é uma foto em que somente homens estão ocupando o local. Muito embora se compreenda que a fotografia é antiga e que há décadas era um espaço de homossociabilidade masculina, também é possível identificar que atualmente a forma com que o café é referenciada ainda é por esse público mais antigo, de homens brancos e bem vestidos. Vale dizer que a foto é externa salientando o espaço da rua como parte importante também na compreensão dos fluxos do Café.

Embora a fotografia seja externa não englobando o interior da Cafeteria, e reflita a masculinidade predominante do espaço é necessário esclarecer que a masculinidade era predominante, mas não exclusiva, pois as mulheres "de família" frequentavam, conforme já elencado, e as que lá laboravam também. Além disso, muito embora não houvesse exclusividade em relação a esses quesitos transparecia ser uma norma implícita ao Café, pois de forma simbólica ele se "fechava" em relação a essas questões, daí interessante buscar compreender como isso acontecia e quais os elementos que favoreciam essa ocorrência.

Note-se que inicia falando da "esquina do pecado", mesmo sem explicar de

forma clara o que isso significa, porém a maioria dos pelotenses, o que foi referendado pelas interlocutoras de pesquisa, conhece a famosa história da esquina 22.

Assim, implícito a esta alegação, podemos depreender que já não é mais a esquina do já comi nem a esquina do pecado, tampouco a homossociabilidade masculina que predomina na Cafeteria, de modo que atualmente e é bem frisado no texto, são homens, mas também mulheres, jovens, e classes sociais distintas que ali circulam. Em outras palavras, o texto reforça o espaço como democrático.



Figura 2 – Imagem externa do Café Aquários

Fonte: Site do Café Aquários (<http://www.cafeaquarios.com/site/#/>)

A figura acima, mais uma vez traz como título a menção da Cafeteria como patrimônio da sociedade pelotense, buscando exaltar sua importância na cidade de Pelotas.

Vale ressaltar que nesta imagem o Café ainda não era intitulado como Aquários, mas sim de Aquário termo ainda no singular, denominado dessa forma quando da sua aquisição pelos proprietários e irmãos Joaquim e Ramiro Rodrigues por volta de 1970, termo alterado alguns anos depois com acréscimo da letra S para registro da marca da Cafeteria.

Reitera-se com esta fotografia a característica acentuada do espaço tendo o público masculino como o majoritariamente frequentador e que visivelmente é representado por homens brancos, e de idade mais avançada.

E ainda, notadamente fica evidenciada a característica física do espaço, contemplando as enormes janelas de vidro que além de serem responsáveis pela origem do nome do Café, demonstram o contato da Cafeteria com o ambiente externo e a dinâmica então que se estabelecia e ainda se estabelece entre os ambientes interno e externo da Cafeteria.

Vale dizer que o ambiente externo aqui referido mesmo sendo a calçada das ruas XV de novembro e 7 de setembro, é considerada como parte integrante do Café, pois conforme relatado já era conhecida como a esquina do pecado ou esquina do “já comi” onde muitos dos frequentadores da Cafeteria acabavam se reunindo. Salienta-se que, até os dias atuais o espaço concentra grande parte do seu público nesse ambiente externo, onde também se situam os engraxates que ali trabalham há muitos anos, constituindo o ambiente.

Retomando aqui a questão dos fixos e fluxos, frequentar o Café equivaleria a participar dos fluxos não apenas internos, mas externos a ele, do centro da cidade de Pelotas, relativizando as fronteiras entre dentro e fora na compreensão da sociabilidade ali presente. Poderíamos dizer que um aspecto dos fixos seria a própria divisão (relativa) envidraçada entre o fora e o dentro, de modo que a visibilidade externa é constitutiva do espaço. Também poderíamos pensar a sociabilidade do Café como marcada por um elo com as relações sociais mais abrangentes da sociedade, onde o que ocorre internamente reflete e repercute externamente, quando consideramos as transações econômicas que fazem parte das interações internas, bem como as restrições externas constitutivas das normas culturais e de poder de seu tempo.

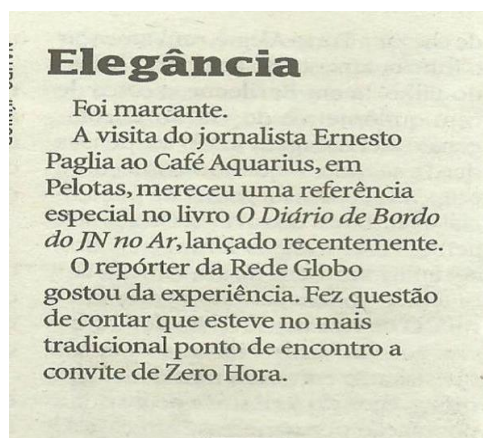


Figura 3 – Reportagem sobre o Café Aquários
Fonte: Site do Café Aquários
(<http://www.cafeaquarios.com/site/#/>)

A figura acima, também retirada da página da Cafeteria, do setor que ilustra sua história, demonstra e exalta a importância da Cafeteria tanto para o município pelotense como referência para as pessoas que vem de fora e visitam a Cidade.

Vale dizer que nesta manchete, o Café foi denominado como um dos pontos mais tradicionais de Pelotas, buscando transmitir a ideia de um certo “status” que evidentemente se comprova quando da utilização da palavra “elegância” como característica principal da estadia do repórter no Aquários e a menção ao jornal que fez o convite, por ser um dos mais importantes da região.

Desse modo, em relação a esses aspectos, seria possível traçar um paralelo com as questões já suscitadas de que há alguns anos atrás a Cafeteria não possuía um público heterogêneo, visto que mulheres, negros e classes sociais desprivilegiadas não eram frequentemente vistos na Cafeteria, ainda que não houvesse restrição formal para adentrarem no local. Muito embora vá se aprofundar esses quesitos ao longo deste trabalho, e sabendo que a origem desse público homogêneo se deva a aspectos bastante complexos, não é equivocado dizer que parte dessa característica histórica do espaço se deva ao status que por muitos anos o Café recebeu, local que comportava homens brancos, refinados, elegantes e de classes elevadas. Aqui cabe identificar a relação desses aspectos com a branquitude explicitada no Capítulo 1 imbricada com as relações de consumo que identificadas com as ideias de mercado indicavam que somente as pessoas com poder aquisitivo privilegiado detinha acesso a determinados bens consumíveis, de modo que era um fator determinante dos grupos sociais que iriam frequentar espaços sociais específicos, como no caso do Aquários, ou seja, era uma forma de distinção social.

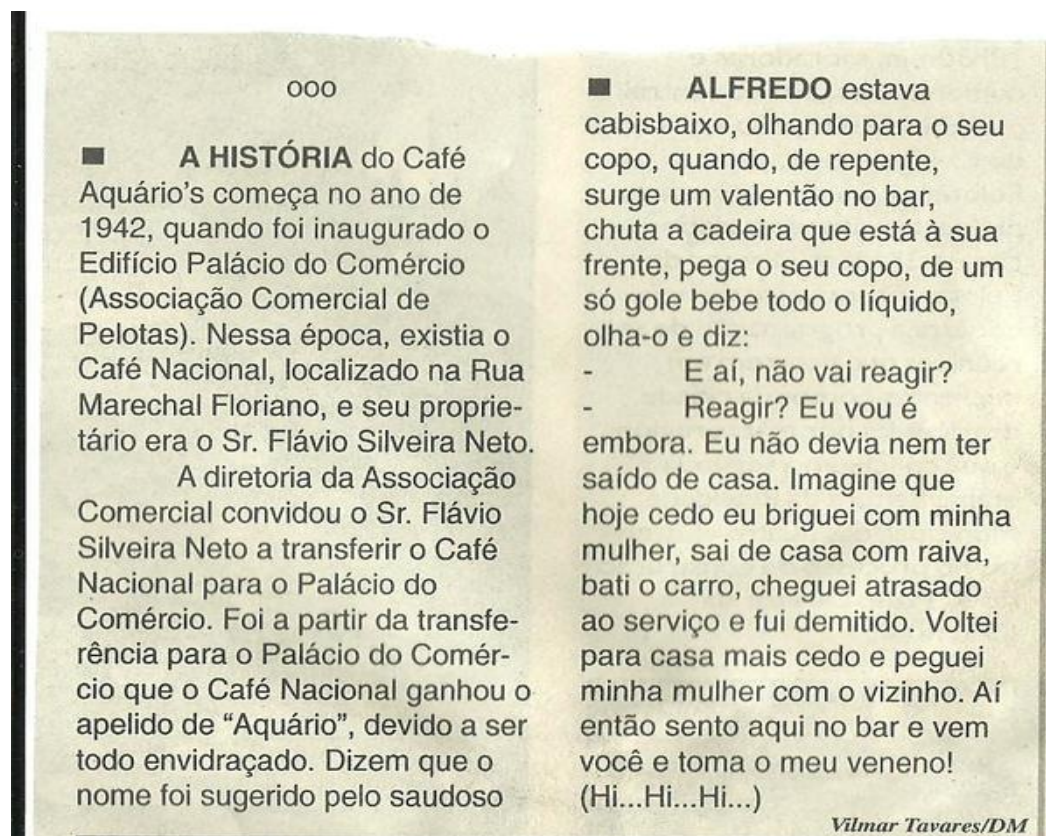


Figura 4 – Reportagem sobre o Café Aquários

Fonte: Site do Café Aquários (<http://www.cafeaquarios.com/site/#/>)

A manchete acima elenca fragmentos da história do Café, todavia foi postada no site sem abarcar a reportagem por inteira e não foi possível ter acesso a mesma. De toda forma, menciona a o ano de 1942 como momento de sua inauguração, onde o mesmo era localizado em outra localidade com o nome de Café Nacional, situado na Rua Marechal Floriano e que no mesmo ano foi inaugurada a atual Associação Comercial de Pelotas onde se encontra a cafeteria atualmente. Cabe salientar aqui a localização privilegiada quando abaixo do Palácio do Comércio e atualmente da Associação Comercial de Pelotas, pois é uma localidade de trânsito intenso que aborda lazer e comércio/trabalho, contribuindo para o público variado que transita nos arredores e até mesmo no próprio Café ao longo do dia. Nesse contexto, segue abaixo imagem da localização do Aquários no mapa da Cidade de Pelotas e seus arredores demonstrando a variedade do fluxo externo tendo em vista os arredores serem constituídos por estabelecimentos de lazer, de comércio e de trabalho.



Figura 5 – Mapa sobre a localização do Café Aquários
Fonte: Google Maps, elaborado pela autora.

Conforme aludido no texto do jornal, foi com a transferência do Café para o local que se situa ainda hoje, que o seu nome foi modificado, passando então a ser chamado de Café Aquário e referindo o novo aspecto físico do espaço as janelas de vidro que faziam o intercâmbio dos ambientes interno e externo.

Abaixo, segue foto demonstrando com clareza a localização atual do Aquários abaixo da Associação Comercial Pelotense, que além disso já demonstra um grupo de público variado onde faixas etárias diferenciadas ocupam o espaço.



Figura 6 – Imagem atual externa do Café Aquários
Fonte: <http://www.destemperados.com.br/>

EMOÇÃO - ALEGRIA **Melhor Idade** ATIVIDADE - VIAGEM

Encontro marcado no café

Certa Piegas

É no café mais democrático de Pelotas que ilustres anônimos se encontram diariamente para se inteirar dos acontecimentos da cidade, da região e do mundo. Tem turna para todos os horários: café da manhã, cafezinho após o almoço e lanche do final da tarde. A tradição e a posição geográfica fazem do Café Aquários uma verdadeira esquina democrática, onde todos participam das discussões, sem restrições a classes sociais.

Até os anos 90 o espaço era restrito aos homens. Hoje, mulheres, adolescentes e até crianças frequentam o local embora sejam os aposentados os mais assíduos. Mas a presença feminina não chegou a ser problema para a turma de músicos aposentados (Musitango) que costuma preencher o tempo com muito bate-papo e recordações. Pelo contrário, serve de inspiração.

Que o digam os músicos. O grupo só não assume que tem cadeira cativa porque respeita os demais colegas frequentadores. Se bem que, se o cantinho à esquerda de quem entra no estabelecimento – pela 15 de Novembro – estiver vago, pode ter certeza que lá estão eles, a debater os fatos do mundo e quem sabe até a compor canções.



Andressa Barria - Especial - CP

Inspiração de mesa de bar

Como nos tempos duros, quando grandes composições eram rabiscadas sobre mesas de botequins, os integrantes do Musitango procuram preservar as raízes. "Hoje não se compõe mais com a alma. Estamos à mercê da música comercial, que não satisfaz a alma e sim o ego", critica o cantor e compositor Pedro Monteiro, de 73 anos. O seresteiro Ari Pinto Silva, de 72 anos, há quase meio século vai ao café. Privilegiado por ter uma rotina agradável, ele adora falar com os amigos sobre música e tomar cafezinho quando tem dinheiro. "Aqui, apesar das divergências, todos se entendem ao final das contas", afirma.



Rafael Carlos Gualter - CP

Balcão de negócios

Na turma formada por compositores, seresteiros, violinistas, maestros e aficionados pela boa música, sempre há lugar para os novatos. A eles, a turma se encarrega de contar episódios hilários que transcorreram ao longo dos mais de 50 anos de atividade da casa. Segundo o preservacionista e coordenador do Projeto Pelotas Memória, Nelson Nobre Magalhães, o local já abrigou o Cinema Ponto Chic e os cafés João Pessoa e Nacional. "A beira do balcão é possível chegar a soluções e ao fechamento de grandes negócios, que em outros ambientes poderia se tornar mais difícil", atesta.

Um peixe no aquário

Ao adquirir o Café, em junho de 1972, Ramiro Rodrigues, não teve outra alternativa a não ser manter o nome do estabelecimento, construído entre 1937 e 1942, que se tornou marca registrada dos pelotenses. "Só acrescentamos um 's' para dar uma toque", brinca. O proprietário conta que o apelido surgiu de uma forma um pouco maliciosa. "Dizem que na década de 50 só a elite pelotense frequentava café, sendo que o comentário era que só os peixinhos circulavam pelo ambiente", relata. No entanto, Nobre explica que a origem do nome está relacionada à aparência do lugar. "A vitrina envidraçada e a disposição das mesas lembram a figura de um aquário", sintetiza.



Músicos aposentados, Francisco Costa (E) e Pedro Monteiro (D) são frequentadores assíduos das rodadas de café.

De portas abertas

"O Aquários simboliza uma grande mesa redonda por ser um ambiente altamente democrático", sustenta o preservacionista Nobre. O professor Afonso Celso acredita, inclusive, que há uma elatula no contrato de compra do ponto, entre a Associação Comercial de Pelotas e o proprietário, determinando que o cliente sinta-se à vontade. "Independente-mente se for gastar ou não", complementa. Outra característica marcante está na relação entre os clientes. "Aqui se abre um leque de amizades", afirma Jesus Barchini, de 72 anos.

Repertório de bar

Animados, bem humorados, simpáticos e muito criativos, os amigos admitem preservar o passado, embora gostem de viver o momento. "Velho fica em casa. Jovem é que vem para o Aquários", brinca o instrumentista Francisco Costa, de 79 anos. Independentemente do tempo ou data, Costa gosta de ouvir uma boa música. Na mesa de bar ainda se reúnem os músicos Beto Mereb, de 53 anos, João Lacerda, de 66 anos, João Carlos, 75, e Nilton Dias da Silva, 61. O grupo costuma se apresentar no Quiosque do Pelotas Memória, Teatro Sete de Abril e no Teatro do COP.



Figura 7 – Reportagem sobre o Café Aquários

Fonte: Site do Café Aquários (<http://www.cafeaquarios.com/site/#/>)

Talvez este fragmento jornalístico seja o mais rico, atual e variado de todos, nele podemos perceber que logo nos primeiros parágrafos da reportagem a alusão é referente ao ambiente democrático e heterogêneo do local, ou seja, mesmo que não se chegasse a ler os próximos parágrafos ou que o conteúdo deles fosse diverso, ficaríamos refletindo acerca dos motivos que fizeram esses aspectos serem sublinhados.

Não é necessário ir muito além para virem às respostas, pois nos trechos seguintes é revelada expressamente a noção de que a cafeteria abarca classes sociais bastante variadas e a questão de gênero é marcante no espaço, e de acordo com o próprio texto até os anos 90 eram os homens os maiores frequentadores do Aquários. Em seguida é chamada a atenção para o público atual diversificado que elenca além das mulheres também adolescentes e crianças. Outro aspecto citado é no sentido de serem os aposentados os mais assíduos do local. Vale sublinhar aqui a atenção para o texto abordar no mesmo parágrafo a ideia de uma “esquina democrática” juntamente com a exclusividade da masculinidade até os anos 90, muito embora a ideia de masculinidade possa e deva ser matizada devido aos fatores já explicitados.

A fotografia abaixo atual demonstra o público feminino no interior do espaço atualmente, conforme aludido acima e no próprio fragmento jornalístico.



Figura 8 – Imagem atual interna do Café Aquários

Fonte: <http://boaebelavida.blogspot.com.br/>

Dito tudo isso, muito embora o público do Café realmente tenha passado por uma reconfiguração e ressignificação ao longo dos anos, existem elementos simbólicos que demonstram que ainda os aspectos históricos se fazem presentes. Isso se percebe de uma análise mais profunda do texto, por exemplo, quando cita que a presença das mulheres "não chegou a ser problema" para os músicos do Café. Nesse fragmento talvez seja possível notar o caráter de propriedade masculina do local, bem como a presença feminina parecer uma permissão por parte desse público, que talvez por ser o majoritário por muitos anos, ditaria mesmo que de forma inconsciente, as "regras" do Café.

Nesse mesmo sentido, ao mesmo tempo em que a reportagem procura demonstrar toda essa riqueza, tradição e variedade atual de público, demonstra através da fotografia que a ilustra, a masculinidade muito marcante da cafeteria, onde na parte superior visivelmente se encontram majoritariamente homens e mais especialmente senhores tanto na parte interna quanto externa do Café.

Outra questão peculiar da cafeteria é a questão de pertencimento ao local de seus frequentadores mais antigos, este aspecto será retratado no capítulo referente as entrevistas pois foi levantado por uma das entrevistadas, mas vale frisar aqui também pois no próprio texto existe a menção à cadeira cativa, cantinho da esquerda e aspectos que evidenciam algumas divisões simbólicas no café que existiam há alguns anos e que permanece assim até hoje, onde os mais antigos senhores que o frequentam costumam ter seus lugares fixos para sentar. Mesmo que de forma simbólica esse aspecto demonstra com clareza uma imposição invisível das regras e dinâmicas que se estabelecem na cafeteria.

Referidas questões aparecem novamente quando, no tópico intitulado de "Balcão de negócios", é mencionada a permissão dos novatos a participar do grupo dos músicos, e em seguida mais uma vez a menção ao fato de que lá, até mesmo em tempos mais atuais é um ambiente de tratar de negócios, retratando a época de seu surgimento quando chegou a ser conhecido como a bolsa de valores da cidade de Pelotas. O referido grupo se reúne em diversos locais da Cidade sendo um deles o Café, onde trocam conversas, ideias e tocam juntos.

Dito isso, e no tópico seguinte da reportagem, novamente se remete ao nome do estabelecimento em que, segundo um dos proprietários, o S do nome do espaço foi acrescentado apenas para dar um toque ao local. E em seguida, há a expressa

confissão de que o nome foi criado de maneira um pouco maliciosa, abarcando no mesmo trecho tanto questões referentes à classe social, quando mencionado que na época do surgimento do café somente classes elevadas o frequentavam. E logo, mais uma vez, a referência às janelas de vidro como originárias do nome Aquário e depois Aquários. A foto abaixo já atual ilustra as janelas de vidro e demonstra a conectividade dos ambientes externo e interno.



Figura 9 – Imagem interna das janelas de vidro do Café Aquários
Fonte: <http://pu3yka.com.br/>

Vale frisar, que conforme já aludido, o material que se encontra a respeito da história do café são fragmentos de jornais como os presentes neste capítulo, fotografias, documentários, assim como as histórias contadas pelos seus frequentadores, o que além de enriquecer ainda mais o ambiente peculiar da cafeteria, permite que uma gama variada de contextos e origens surja dependendo de onde venha o relato.

No final da reportagem, mais uma vez para exemplificar os personagens conhecidos e importantes que ali estiveram, aparecem como nomes apenas referências masculinas, encerrando com a questão da heterogeneidade do público atual, salientando mais uma vez o ambiente democrático, o que conforme já demonstrado ainda carrega consigo aspectos bastante ambíguos e contraditórios nesse sentido.

DIÁRIO DA MANHÃ



Café Aquários

Em Pelotas, na esquina da Rua XV, encontrei um “aquário funcionando até os domingos, e há muitos anos contendo constantemente clientes, de forma que observando durante muitas horas, durante vários dias depois que o aquário abre suas portas, não há nenhum instante em que ele se encontre vazio, sempre em todos os momentos praticamente lotado.

É uma cafeteria, para nós lancheria, para muitos considerado um restaurante. Cada um lhe atribui o conceito que lhe apraz e alguns o consideram apenas um local acolhedor para se aconchegar alguns minutos. Todos sentem-se ali, no seu interior; protegidos. Assim como um aquário protege seus peixes, os quais lembram: abundância, bênçãos, riquezas.

Foi em volta desse “aquário” que a cidade cresceu, aumentou, subiu, expandiu.

Ali, mergulhado em cafezinhos, os frequentadores tiveram as primeiras ideias, o princípio da conversa, o primeiro ato que projetou os edifícios, construiu as casas, abriu estabelecimentos comerciais, decidiram-se negociações enriquecedoras, definiram-se vidas de sucesso.

Segundo Mário Osório Magalhães: “No ano de 1815 a Rua XV de Novembro era um privilégio só dos homens, onde nossos avós namoravam e passeavam, e cultivavam amizades, e falavam da vida alheia...”.

Uma das primeiras ruas projetadas por aqueles que tinham vindo da Ilha das Canárias em Portugal, 48 casais que vieram em 1789. Receberam terras e nela cultivavam trigo ao fundarem a Rua XV esta tornou-se imediatamente uma das mais movimentadas da época, e ali passaram a comercializar seus produtos, nesta primeira rua da cidade.

Em Pelotas, continua sendo em volta de um “aquário”, que a cidade cresce, que a economia se expande e que o progresso se projeta, na Rua XV. Já foram frequentadores os bisavós, os avós, os pais, os filhos, os netos, e agora vem os bisnetos. Não há nesta cidade quem não passe pelo aquário. Ali o líquido é o café, o alimento é o cardápio caprichado. O atendimento é rápido e o fluxo é interminável de manhã à noite.

Que será que mantém tão lotado este “aquário”, seus balcões ocupados e mesas preenchidas. É que o “aquário” mantém os pelotenses nutridos e a alma suprida de cada um que constrói o dia a dia de Pelotas.

É como disse Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena”.

Passe na Rua XV, entre no cafezinho colabore para que esta cidade amanhã melhor do que hoje. Assim como a de hoje já é melhor ainda, do que foi ontem.

BEAVARGAS
Pesquisadora

As cartas enviadas devem ser datilografadas e remetidas para a Redação do DIÁRIO DA MANHÃ, seção Tribuna do Povo, Rua Gonçalves Chaves, 771, assinadas, com o nome e endereço que permitam confirmação prévia. Os originais serão selecionados para publicação no todo ou em parte e, divulgados ou não, não serão devolvidos. O DIÁRIO DA MANHÃ não se responsabiliza por conceitos emitidos nesta seção.

Figura 10 – Reportagem sobre o Café Aquários

Fonte: Site do Café Aquários (<http://www.cafeaquarios.com/site/#/>)

A reportagem acima retrata aspectos muito interessantes e que demonstram mais uma vez a peculiaridade do espaço social estudado.

Primeiramente, vale mencionar que o Café funciona de segunda a segunda, tendo um público que circula ali nos horários mais diversos, sendo, portanto conforme expresso no texto, um estabelecimento que pode ser uma lancheria, restaurante, cafeteria, e até mesmo um ponto de encontro entre amigos.

O Café é tratado como ponto de partida da sociedade pelotense no que tange a inúmeros quesitos. Além disso, retrata novamente a questão masculina do espaço quando do seu início e ainda menciona a ideia de ser um local para se falar da vida alheia, aspecto este que pode convergir no sentido, além de outros é claro, da

esquina do já comi e da reunião dos homens do Café para falarem sobre as moças que por ali passavam.

A questão de tradição familiar na cafeteria é muito presente, e é expressamente sublinhada na redação da reportagem quanto é dito que já frequentaram bisavôs, avôs, pais, filhos, netos e afirmando que virão os bisnetos. Referido tema, aparece na fala de muitas das entrevistadas dessa dissertação como será demonstrado em capítulo próprio, e que aparece no parágrafo ora citado demonstrando que a frequência ao Café é quase como um legado que vai passando nas famílias de geração em geração, aparecendo sempre como uma tradição familiar. E nesse sentido, as mulheres que receberam esse legado, e algumas foram entrevistadas e terão suas concepções analisadas mais adiante, por talvez fazerem parte de famílias de classe social alta que frequentam o Café desde seu surgimento, retratam muito nas suas falas essa questão de família, de lugar de aconchego, de histórias e lembranças. Essas questões evidenciam o Café como um espaço que não se limita a ideia de espaço fechado e estanque e nem exclusivamente masculino, pois mesmo que a homossociabilidade masculina fosse uma questão evidente ela também, conforme demonstrado acima, e na fala de algumas entrevistadas no Capítulo 4, incluía mulheres específicas em situações específicas como as que recebiam o legado de frequentadoras em sua família como uma questão geracional.



Figura 11 – Reportagem sobre a importância do Café Aquários

Fonte: <http://www.destemperados.com.br/>

A figura acima foi elencada apenas para demonstrar que em tempos recentes, vale dizer que a data da citação do Café na página é do ano de 2015, a cafeteria

ainda é citada como referência no município, denominado pela autora do texto como “grife da cidade” e “lenda” daí mais uma vez a importância compreender que a cafeteria constitui um símbolo de Pelotas não somente para os pelotenses, mas também para quem por qualquer motivo passe pela Cidade.

As imagens que seguem abaixo, também datadas do ano de 2015 e da mesma fonte da fotografia acima, foram utilizadas para ilustrar a Cafeteria na atualidade já que são recentes. A partir delas, algumas constatações são possíveis de se perceber. Primeiramente, a primeira imagem retrata as janelas de vidros que permanecem ainda hoje, mesmo depois do café ter passado por reforma e esta deu um toque mais moderno ao estabelecimento. Em seguida, podemos depreender que o ambiente externo continua fazendo parte da sociabilidade da cafeteria por ali se estendendo, e que o público que ali se encontra é em sua maioria formado por homens.

Todavia, em muitos sentidos, as características do masculino, do homem, da masculinidade, aparecem como inerentes ao espaço seja nos seus símbolos e suas dinâmicas e lógicas relacionais, seja em relação aos seus aspectos físicos. Referidas alegações podem ser ilustradas não somente com a primeira fotografia do ambiente externo do Café, mas como as demais que seguem e que permitem visualizar o ambiente interno, momento em que mais uma vez a figura masculina aparece como referência de público, sendo as mulheres que ali se encontram apenas as que ali trabalham e estão atrás do balcão. É de extrema relevância mencionar aqui, que muito embora as lógicas da Cafeteria possuíssem obstáculos simbólicos, a mulher como frequentadora do Café, como trabalhadoras elas sempre estiveram lá. Desde a sua fundação as mulheres fizeram parte da classe trabalhadora do espaço, época em que, conforme já explicitado no capítulo 1 deste trabalho, a classe trabalhadora feminina era invisibilizada devido a não inclusão do gênero em setores como o laboral

Desse modo, mais uma vez não se pode falar em espaço exclusivamente masculino pois a mulher de certa forma esteve inserida no Café desde muito tempo, tanto na condição acima mencionada, como as mulheres de família frequentadoras

E por fim, muito embora os cigarros e charutos sejam muito remetidos a figura do café, principalmente do cafezinho, a charutaria do café permanece preservada no estabelecimento, e de alguma forma preserva a característica de masculinidade, do

homem de negócio, dos senhores que ali circulam há muitas décadas, conforme demonstra a fotografia abaixo.



Figura 12 – Imagem interna da charutaria do Café Aquários
Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br/>

A seguir, a fotografia demonstra a predominância das mulheres como classe trabalhadora da Cafeteria nos dias atuais.



Figura 13 – Imagem interna da das funcionárias do Café Aquários
Fonte: <http://pelotascultural.blogspot.com.br/>

Abaixo, temos duas fotografias também da atualidade demonstrando momentos em que as questões da masculinidade predominante dos homens, brancos, idades mais elevadas, ao menos em determinados horários do dia, levando em conta os fluxos externos do espaço se fazem ainda muito presentes. A última fotografia pode remeter até a ideia antiga do balcão de negócios onde sempre os mesmos grupos se reuniam para tratar de diversas questões.

Ao mesmo tempo, pode remeter a uma simples sociabilidade sendo realizada na Cafeteria por indivíduos que se reúnem ali para única e simplesmente dialogar sobre diversos aspectos da vida cotidiana.



Figura 14 – Imagens internas do Café Aquários
Fonte: <http://www.destemperados.com.br/>

3.2 Documentário Vitreo Habitat: Café Aquários e suas histórias

Em 2014 foi elaborado um documentário do tipo curta metragem, denominado “Vítreo Habitat: Café Aquários e suas Histórias⁵” acerca da cafeteria, retratando os aspectos históricos do lugar através de entrevistas e depoimentos de diversas pessoas que o frequentam, com faixas etárias das mais diversas, incluindo também negros e mulheres que relatam a sua inserção no espaço e a satisfação em frequentá-lo atualmente, frisando o saboroso café, a culinária e a descontração que oferece.

Ressalte-se, que o documentário demonstra com clareza a perspectiva peculiar do estabelecimento, pois retrata desde seus aspectos históricos assinalados pela evidente homossociabilidade masculina imbricada com a assimetria de gênero que nele existia desde a origem do nome até a não integração das mulheres. Ademais, abarca outros marcadores de diferenças que também ficavam excluídas como negros, pobres, juntamente com a notória marca de poder referente a diversos aspectos como o econômico, político, e a própria disputa entre as masculinidades presentes competindo para apontar para as mulheres como objeto do “já comi”; revelando um ambiente que além de tudo isso, também é reconhecido por atrair um público fiel aos seus cafés tão famosos, ambiente agradável e de lazer, entre outros aspectos. Daí a importância de estudar as dinâmicas sociais que nele se desenvolvem, tendo em vista a complexidade e a diversidade de reconstrução, desconstrução e construção de hábitos e valores além das sociabilidades características do Café. Em outras palavras, é um espaço de lazer marcado por uma série de outras questões como política, poder, negociações econômicas, gênero, classe, entre outros.

O documentário é composto por diversas entrevistas que retratam de certa forma aspectos fundamentais para este trabalho, desde a época em que foi criado até os dias atuais e que será utilizado aqui como forma de entrada no campo de pesquisa para perceber as concepções, interpretações e representações do espaço social e dos sujeitos da pesquisa.

Os próprios entrevistados alegam que antigamente a cafeteria não era frequentada por negros nem pobres, e que as mulheres que frequentavam eram

⁵ Trata de um documentário que faz parte de um projeto chamado “Pelotas Memória”, elaborado sob a supervisão do Jornalista Leonardo Tajés Ferreira.

poucas e somente entravam acompanhadas de seus maridos, destacando a predominância do homem branco e de classes elevadas. Logo, corrobora através da exclusão de negros, pobres e mulheres num dado momento, a evidência do preconceito e do conservadorismo na sociedade de Pelotas, assinalada pelo marco escravocrata e pela cultura do patriarcado.

Ainda segundo relatos do documentário, foi mencionado que com o passar dos anos e a popularização do meio social, a mulher demorou a se inserir no contexto social do Café, tendo em vista a esquina do “já comi” que despertava o medo de serem faladas pelos homens, apontando como há uma evidente objetificação feminina, ou seja, a presença das mulheres é automaticamente vista como objeto para escrutínio do prazer sexual masculino.

Outros três fatores interessantes que aparecem no documentário e que ilustram a necessidade de analisar outros marcadores sociais juntamente com gênero, são: primeiro a entrevista com uma senhora de mais idade, possivelmente entre 50 e 60 anos, aduzindo que fazer parte daquele espaço social atualmente representa uma conquista e uma igualdade entre as mulheres e os homens, logo se percebe claramente a hierarquia evidente nos tempos passados.

O outro fator é em relação a um dos participantes comentar que os sujeitos sociais começam a frequentar o lugar com 17, 18 anos e de lá não saem mais, o que justifica imbricar a questão de gênero com a categoria faixa etária devido a diversidade de gerações que constituem o público do Café, o que consequentemente vai influenciar no modo como as relações sociais lá se desenvolvem. Isso porque, conforme as observações realizadas, as sociabilidades são predominantemente entre senhores de idade avançada que frequentam a cafeteria há décadas e que transmitiram esse hábito para seus sucessores, todavia há também um público jovem adentrando no espaço como os que participaram do curta metragem aludido.

E por fim, e conforme já explanado o depoimento de um frequentador negro denunciando que “há alguns anos não podíamos entrar no Café e nem em lugar nenhum, pois era um ambiente onde somente os homens brancos podiam frequentar”, apontando de forma direta o preconceito existente na sociedade pelotense, pois segundo ele, além do Café não podiam conviver em muitos outros locais também, o que mais uma vez justifica a análise do objeto juntamente com a categoria de raça.

Por fim, após elencar as dinâmicas apreendidas com as observações do espaço, alguns aspectos das entrevistas realizadas, bem como a análise do documentário acerca do Café, podemos perceber a complexidade de relações que lá se desenvolvem diariamente e sua importante representação na vida dos pelotenses e das suas identidades. Desse modo, no capítulo posterior serão analisadas as entrevistas realizadas com 8 mulheres que contribuíram para a viabilização desta pesquisa demonstrando suas percepções e visões acerca do Aquários e o papel delas neste espaço social.

Capítulo 4 – Análise dos dados empíricos

Esta dissertação foi viabilizada através das técnicas de pesquisa da observação não participante primeiramente, análise documental e de imagens conforme abordado no Capítulo 3 em que foram analisadas fotografias, reportagens e um documentário acerca da Cafeteria e ainda a realização de entrevistas semi estruturadas.

Assim, no tópico seguinte serão levantados aspectos relevantes sobre a observação não participante realizada na Cafeteria com o propósito de conhecer mais profundamente o espaço social estudado e suas interações sociais e em seguida analisar as percepções das mulheres entrevistadas.

4.1 Considerações sobre a observação não participante realizada no Café

Serão abordados neste tópico as percepções da dinâmica social do Café através das observações lá realizadas a fim de que juntamente com o aporte teórico já revisado se possa compreender e expor a heterogeneidade, complexidade e diversidade do espaço social.

Em decorrência do presente trabalho ter como objetivo compreender a forma de inserção do público feminino no Café Aquários é importante conhecer, além dos aspectos históricos, a dinâmica social que nele se desenvolve. Para isso, optou-se em realizar como forma de pesquisa exploratória observações não participantes no espaço social a fim de nos aproximarmos do objeto de pesquisa.

As observações foram realizadas de forma esporádica, entre os meses de abril a dezembro de 2016, em horários diversificados, pois o público varia dependendo do horário, então buscamos nesse primeiro momento compreender um

pouco da dinâmica complexa e diversa dos fluxos que se desenvolvem no Café. Vale dizer que embora o horário influencie no tipo de público, no que se refere ao fluxo de pessoas o movimento é sempre intenso, mas ele toma diferentes caracterizações.

Primeiramente, em relação ao perfil de frequentadores, foi possível perceber que os homens ainda são maioria, entre eles os brancos, grande parte aparentando ser provenientes de classes médias e altas, e conforme os assuntos que se desenvolviam havia muitos advogados e aposentados, de idades que variavam aparentemente entre os 35 aos 82 anos de idade. Todavia, percebemos mesmo que em menor quantidade, negros, mulheres e jovens frequentando o espaço normalmente, refletindo a heterogeneidade de público atual do Café. Nota-se também a presença dos funcionários sendo eles homens e mulheres, aliás mulheres em sua maioria, que conforme já suscitado estão lá fazendo parte de tal classe há muitos anos.

O estabelecimento é dividido entre a parte interna e a externa, pois o lado de fora comporta os engraxates, geralmente são dois, que também fazem parte do Café há muito tempo. Diariamente grande parte do público masculino senta na janela externa para engraxar seus sapatos e ali se desenrolam conversas entre um café e outro, entre grupos de senhores de idade mais avançada, sendo aquele espaço um local basicamente de sociabilidade masculina, pois as mulheres que frequentam geralmente ficam no lado de dentro da Cafeteria.

No interior do estabelecimento também há uma divisão simbólica do espaço e seus fluxos, onde em um ambiente se encontra o público mais fiel da Cafeteria que frequenta o local diariamente, predominantemente homens, e no outro lado se encontram indivíduos de diversas faixas etárias, mulheres, ou seja, bastante variado e que circulam mais intensamente ou seja, permanecem por menos tempo dentro da cafeteria. Uma das entrevistadas, denominada com nome fictício de Luana, se referiu no sentido desta observação:

Falando contigo aqui agora eu tô observando que o café tá completamente dividido, o lado que a gente tá todos tem idade pra ser meu vô e do outro lado é onde tem algumas mulheres e outras pessoas sentadas comendo. Parece que é dividido entre a parte do café, a parte de comer onde ficam mulheres e crianças, e a parte dos homens na rua que é onde também ficam as pessoas que parecem ser mais humildes. Eu sempre queria sentar do outro lado, nunca queria sentar aqui.

De acordo com o que foi alegado, podemos identificar nas palavras da

entrevistada que os aspectos simbólicos na sua concepção são bem visíveis de modo que ela percebe nitidamente a divisão que se constrói no espaço social. Ainda que o Café comporte nos dias atuais um público mais variado de diversas searas sociais, existe uma divisão simbólica entre alguns marcadores, dando a entender que cada seguimento ocupa um lugar específico dentro da cafeteria. Em suma, podemos perceber que existem fronteiras simbólicas e invisíveis que ainda hoje funcionam no espaço da Cafeteria de forma lógica sem nenhuma regra expressa e formal e que rege as relações sociais demarcando como os espaços ocupados no seu interior. Os fluxos internos são visivelmente identificados nesta passagem, pois as práticas sociais e as sociabilidades e comportamentos dos que estão presentes no espaço vão determinar a posição de cada um deles no interior da Cafeteria, eles caracterizam e hierarquizam e regulamentam de certa forma as condutas e discursos do Aquários.

Em relação à dinâmica social a maior parte dos senhores chegava sozinho, buscavam seu café e em seguida se inseriam em grupos e rodas de conversa, onde permaneciam por um tempo que durava aproximadamente uma hora ou mais. O período de mais movimento era no final da manhã, perto do horário de almoço e no final da tarde, fim de expediente.

Foram observadas mulheres frequentando o local com menos frequência que os homens, mas o gênero feminino aparece diariamente no público frequentador do espaço. Nesse sentido percebeu-se que algumas já eram conhecidas também se inserindo em rodas de conversa inclusive de homens, outras nem tanto, chegando acompanhadas de grupos de amigos para tomar um café ou realizar refeições.

No que tange ao público jovem, percebemos que é bastante frequente mesmo que em menor quantidade, alguns misturados entre os senhores de idade outros entre grupos apenas de menor faixa etária. Alguns aparentavam muita afinidade com o local, sugerindo que além de frequentarem há um tempo significativo também era uma habitualidade que se transferia das gerações mais antigas em suas famílias. No sentido desta percepção a entrevistada de nome fictício Letícia interpreta:

Tem os tradicionais, os de sempre, mas eu acho que tem uma coisa também que a gente tem essa característica na cidade desse povo universitário, e com essas mudanças que a Universidade Federal trouxe muitos estudantes de fora, e o estudante de fora ele geralmente adora Pelotas e se sente em casa, e se apropria dessas coisas que muitas vezes

os pelotenses não enxergam. Então eu vejo assim que tem muita guria nova que tá morando aqui que agregou o café aquários como seu ponto, que realmente é legal, e ao mesmo tempo tem gente que mora toda vida aqui que não enxerga isso, então acho isso muito interessante. E tem aqueles jovens que viram seus pais e avós virem aqui diariamente e incorporaram esse hábito, ou seja, o Café é tão família que se transmite o hábito de geração pra geração como eu faço com a minha filha.

De acordo com a narrativa da entrevistada acima, e partindo da premissa de que o estudo abarca as questões atinentes a gênero, buscando traçar uma ligação entre as questões familiares delineadas acima e as de gênero, temos que os filhos são guiados e expostos em suas famílias a valores de gênero, por exemplo, que são transmitidos e os guiam em suas vidas como valores. Nesse sentido, as interações familiares revelam ideologias de gênero que se expressam em seus descendentes e refletem diretamente nas suas percepções acerca do mundo e nas construções sociais que originam nos espaços sociais.

A importância dessa breve exposição relatando um pouco das dinâmicas sociais do espaço é imprescindível para o estudo em tela, pois mesmo que o objetivo do trabalho seja compreender os fluxos e os aspectos simbólicos e de gênero no Café observando sua historicidade, bem como a entrada das mulheres no Café e as formas de sociabilidade que nele desenvolvem, devido a grande gama de pessoas que lá circulam atualmente e depois de todas as abordagens que justificam o estudo interseccional, se faz importante que se ilustre um pouco como se dá a caracterização do público da cafeteria.

Todavia, mesmo diante da diversidade de público que circula no Café e da inserção de muitos segmentos sociais nele, é importante mencionar que ainda existem fronteiras simbólicas, mas que não são estanques e bem expressas e bem definidas, mas disputadas pelo novo público que vem frequentando o espaço e que variam de acordo com questões como o horário por exemplo. Os fluxos novamente permitem compreender que devido às interações, as práticas sociais e a característica de um espaço de troca as fronteiras e dinâmicas não são estanques, são fluidas.

A noção da interseccionalidade auxilia na compreensão de algumas lógicas que se verificaram no discurso das entrevistadas, pois ficou evidente que as diferenças de marcadores sociais entre elas refletiam diretamente no modo como articulavam suas percepções acerca da Cafeteria.

Para exemplificar o que foi mencionado acima, podemos notar que a diferença de faixa etária bem como a classe social age de forma direta no modo como essas mulheres se relacionam no Aquários, a frequência que visitam o local e o que ele representa na formação de suas identidades.

Após relatar as percepções das dinâmicas e práticas sociais da Cafeteria bem como seus fluxos internos, será feita no tópico seguinte uma análise do discurso das entrevistadas afim de que se possa responder as questões que suscitaram a realização desta pesquisa.

4.2 Relatos e análises das entrevistas semi estruturadas

Foram realizadas entrevistas com oito mulheres que se dispuseram a dialogar acerca da representação social da Cafeteria Aquários no contexto da Cidade de Pelotas bem como nas suas próprias vivências. A escolha das referidas mulheres se deu da forma mais diversa possível e vamos elucidando essas características e detalhes na análise das percepções de cada uma delas oportunamente.

Desse modo, e tendo em vista a peculiaridade do espaço principalmente no que tange as questões relacionadas a gênero imbricadas com fatores como classe, raça e geração, não seria possível que o trabalho fosse baseado apenas em depoimentos de mulheres que são frequentadoras do espaço, se fazendo necessário compreender as percepções também daquelas que não se inserem como público do Café independente de qual razão contribua para tal fato.

Por tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo, ou seja, não constituir em uma amostra quantitativa e representativa em números, da realidade do estabelecimento, e ainda por tratar de um trabalho que considere a importância dos aspectos interseccionais de gênero incluindo classe, raça e geração, buscou-se mulheres que preenchessem esses requisitos a fim de que fosse possível perceber e compreender de que forma as ambiguidades, as sociabilidades, os aspectos simbólicos do Café nelas se refletem, ou seja, de que forma percebem a questão de gênero e a inserção da mulher no espaço do Café.

Foram realizadas 8 entrevistas, dentre as quais 6 mulheres são frequentadoras ou já frequentaram o Café e as 2 outras não. A partir desses números buscou-se mulheres com idades e, portanto gerações diferenciadas, além de incorporar classes sociais e raças distintas. Vale dizer ainda que serão utilizados

nomes fictícios para cada uma das entrevistadas com a finalidade de preservar a identidade de cada uma delas.

Importante mencionar, que as entrevistas foram estruturadas a partir de um tópico guia, que constitui um roteiro para realização das entrevistas, mas não de forma fechada, são tópicos contendo os principais eixos e problemáticas da pesquisa que permitem aos entrevistados maior liberdade nas suas respostas, não ficando adstritos a uma questão ou pergunta certa e acabada. E nesse sentido, permitem uma análise em profundidade das suas narrativas já que o espaço estudado é marcado por diversas fronteiras simbólicas, que ao mesmo tempo são fluidas e não são estanques e são responsáveis por novas formas de representações sociais que devem ser observadas.

4.2.1 Entrevista 1

O nome fictício da entrevistada é Joana, 40 anos, profissão farmacêutica, casada, natural de Santa Vitória do Palmar, mora atualmente em Pelotas no bairro laranjal, da raça/cor branca.

Referida entrevistada foi escolhida tendo em vista seu marido ser uma personalidade bastante conhecida no Café sendo cliente há muitos anos e que frequenta o Aquários diariamente. Devido ao fato de o mesmo ter sido meu professor na Universidade e eu saber dessa afinidade dele com o espaço em tela e de seus comentários sobre sua esposa ser seu oposto e não se sentir a vontade no estabelecimento, foi que achei interessante tê-la como uma das entrevistadas nesta pesquisa. Assim, entrei em contato com a mesma que optou por não ser entrevistada na Cafeteria e marcamos uma data e horário em sua casa para que fosse realizada. Sendo assim, seguem abaixo as explanações de Joana sobre as indagações feitas.

Comente como conheceu o Café:

Quando vim morar em Pelotas uma das primeiras pessoas daqui que conheci era por acaso filha de um dos donos do café. Ainda meu namorado na época, hoje marido já frequentava o local.

Como foi a primeira vez que entrou no café:

Acompanhada do meu namorado. Algumas vezes fui também lá lanchar com a minha amiga filha do dono. Nunca me senti bem lá dentro, não

gostava de ir lá, e quando ia me sentia melhor assim ou com a filha do dono ou com meu namorado, atual marido, de outra forma não iria.

A entrevistada Joana relata que não sendo natural de Pelotas e tendo ido morar na cidade para realizar seus estudos, conheceu a filha do dono tendo se tornado sua amiga. Em vista disso, com ela frequentou algumas vezes a Cafeteria e com seu namorado também, tendo sido com ele a primeira vez que entrou no estabelecimento. Conforme suas próprias palavras se percebe claramente que Joana faz parte do grupo de mulheres que sente presente no Aquários ainda obstáculos quanto a presença feminina lá, de modo que não se sente a vontade para frequentar o Café, ressaltando a necessidade de possuir uma companhia quando ia.

Em seguida foi pedido que ela contasse suas primeiras percepções do espaço e se mudaram ao longo do tempo (visão a respeito do local que englobe todos aspectos que julgar pertinentes acerca do local) e desde quando frequenta/frequentou o local, com que frequência:

Mesmo acompanhada de meu namorado ou de minha amiga que tinha uma certa autoridade no local eu não me sentia bem, achava o ambiente abafado, cheiro de cigarro e comida, conversas altas e masculinas. Além do que mesmo que acompanhada sempre havia muitos homens que não se sentem nem um pouco desinibidos em enviar olhares lascivos em relação as mulheres.

Não costumo frequentar o café, entrei raras vezes. Creio que continue da mesma forma, pois quando passo ali ainda sinto o mesmo clima pesado até mesmo dos que ficam na calçada, podendo atravessar a rua.

A entrevistada conta que, mesmo com pessoas que possuíam autoridade no local, ela não se sentia a vontade na cafeteria, estando expressa em sua fala seu incômodo quanto a masculinidade inerente ao Café, em que ela refere como um ambiente abafado, mal cheiroso, conversas altas e masculinas, e os olhares “lascivos”. Revela que sentiu a presença de olhares constrangedores, que não frequenta a cafeteria em vista de todas essas características por ela exaradas, observando que acredita não ter sofrido alterações nesse sentido e que quando percorre os arredores do Aquários sente presente toda aquela carga que ele possuía há alguns anos atrás, preferindo até mesmo atravessar a rua quando passa por ali.

Suas percepções sobre as relações no Café.

Homens que gostam de conversar os “assuntos de homens”, seria a rede social de uma época onde não havia rede social eletrônica. Ficam ali falando de futebol, política e mulheres e ainda comentando sobre elas como faziam há tempos atrás, lançando os mesmos olhares.

Quanto às relações sociais no Café ela explica que de acordo com sua opinião o espaço que segue predominantemente masculino, comporta homens que se reúnem para tratar dos temas referentes a futebol, política e mulheres, julgando serem “assuntos de homens”, ou seja, exaltando o machismo do espaço. Frisa ainda, que seguem os homens que lá se reúnem lançando olhares constrangedores às mulheres e sobre elas tecendo comentários maldosos. Em outras palavras, segundo ela nesse sentido as relações sociais que se estabelecem na Cafeteria atualmente são as do mesmo conteúdo que de anos atrás, de cunho machista sob seu ponto de vista.

Se frequenta o local há muitos anos conte se percebeu modificações em relação a público no local.

Vejo homens de todas as idades, turistas e já hoje em dia algumas mulheres que mencionam não se sentir perturbadas por aquele ambiente. Mas isso fico sabendo por diversas pessoas e até mesmo pelo meu marido que frequenta todos os dias o Café, eu mesma sigo sem ir lá.

Em relação ao público ela revela que muito embora não mantenha vínculo com a Cafeteria, pelo que sabe, o público se alterou de modo que hoje comporte pessoas de várias idades, pessoas que vem de fora, algumas mulheres que segundo ela se sentem acolhidas pelo espaço. Ressalta que toma conhecimento desses aspectos por terceiros pois segue sem frequentar o Aquários.

Quando questionada acerca de como eram as relações no Café ao longo dos anos de acordo com sua visão do local e Como são agora e que comentasse se mudou algo ao longo dos anos, conta que:

Vejo que há frequentadores por turnos no local, se conhecem entre eles, são os amigos do café. Ali nascem amizades e inimizades. Não creio que tenha mudado muito. São relações em sua maioria, creio eu, de amizades entre homens que engloba os assuntos que já mencionei anteriormente.

Atinente as relações sociais que o Café incorpora, Joana conclui no mesmo sentido da entrevistada Paula, em que o espaço se divide em grupos que variam dependendo do horário, havendo reconhecimento entre eles por frequentarem com certa habitualidade o local.

Reconhece as relações como amizades e inimizades, ou seja, muito embora sua visão negativa do espaço entende ser um ambiente que desenvolve relações amigáveis, mas também de inimizades. Segundo Joana essas relações são assim

desde décadas atrás não mudando muito em relação a esse aspecto, inclusive sendo as mesmas pautas de assuntos a se estabelecerem entre eles.

Indagada sobre como é frequentar um local frequentado majoritariamente por homens explica que:

Não frequento pois não me sinto a vontade, me sinto reprimida e isolada e não gosto muito de quebrar paradigmas. Prefiro evitar o local.

A entrevistada exalta não se sentir incluída pelo local, por não se sentir a vontade e sim reprimida, mencionando não sendo do seu gosto “quebrar paradigmas”, ou seja, dito isso, expressamente aduz que o local segue sendo machista e masculino em que não há espaço para a mulher, não há espaço para a expressão feminina, de modo que evita ir até lá.

É interessante analisar aqui que a mudança de perspectiva das mulheres se refere a uma disposição delas em questionar normas e da inserção fruto das redes familiares, o que mostra que as mulheres não são vítimas passivas e que o machismo não incide da mesma forma para todas, independentemente de outras lógicas, e na qual a familiar aparece como fundamental.

Quando a pergunta foi sobre o que significa a mulher ocupar esse espaço ela conta que:

Significaria a mulher poder usufruir de um espaço que também é dela já que não há porque haver distinção de gêneros nesse tipo de local. Para isso, entretanto, teria que se expor e prefiro manter minha energia focada em outras lutas.

Indagada sobre o significado de a mulher ocupar aquele espaço, narra que as diferenças e desigualdades de gênero não podem refletir em nenhum espaço e nem mesmo lá, ou seja, defende que a mulher deve ocupar aquele espaço como qualquer outro, tendo este direito como qualquer outra pessoa. Todavia, talvez reflète que para isso ocorrer as mulheres precisariam se expor e lutar o que segundo ela não é do seu interesse, preferindo simplesmente não frequentar o espaço.

Quando perguntada se já presenciou alguma situação constrangedora em vista de ser mulher em um ambiente ocupado majoritariamente por homens, conta que:

Prefiro normalmente atravessar a rua e não passar naquela esquina pois o que percebo são homens parados olhando e comentando as mulheres que passam, lançando olhares desagradáveis. Isso com certeza já presenciei.

Neste segmento, ela expõe uma situação que certamente remonta há décadas atrás e a esquina do “já comi” e possui uma percepção, mesmo com 40 anos de idade, daquela das atuais senhoras que viveram na década de 70 como jovens ou até em período anterior a esse, em que nem mesmo passavam na calçada da Cafeteria. Relata que até hoje quando percorre aquelas proximidades sente olhares que a deixam desconfortáveis e incomodada, e por isso acaba realizando as mesmas atitudes que as “moças de família” realizavam há muitos anos atrás para não serem mal vistas pela sociedade.

Dê sua opinião em relação a pontos positivos e negativos do local:

Pontos positivos: um local onde a rede social é o olho no olho, onde as pessoas conversam e trocam ideias, debatem como antigamente. O lanche, assim como o café e o atendimento são sempre bem elogiados. Negativos: acho um ambiente um pouco abafado e opressor.

Citando os aspectos positivos entre outros aspectos frisa mais uma vez que a Cafeteria reflete relações como antigamente, mesmo que alegando como um ponto positivo, implicitamente defende a ideia de que ela não sofreu muitas alterações em suas relações no decorrer dos anos. Como pontos negativos refere um ambiente opressor, sente presente a questão da imposição da superioridade masculina sobre as mulheres.

Quando sugerimos que comentasse sobre o papel da mulher na Cafeteria, explica que:

Quanto ao papel da mulher na cafeteria ainda enxergo as mesmas na cozinha e atrás do balcão servindo aos homens, papel este que se mantém e ainda é uma luta diária da mulher a luta para muda-lo.

Neste último tópico, quando questionada sobre o papel da mulher na cafeteria, enxerga a mulher dentro daquele espaço como a funcionário que está ali para servir os clientes, atrás do balcão, submissas de certa forma e não como pessoas e frequentadores que por ali realizam sociabilidades. Retrata para ratificar sua opinião a ideia de luta, de visão consagrada que ainda levará tempo para se modificar.

4.2.2 Entrevista 2

O nome fictício da entrevistada é Luciara, 29 anos, analista de qualidade em uma empresa de Pelotas, solteira, natural de Pelotas onde também reside, vive no

bairro Fragata, é de raça/cor negra.

Esta entrevistada foi escolhida tendo em vista a sugestão da entrevistada acima que a conhece e salientou durante a entrevista que ela teria uma opinião parecida sobre o Café mesmo com seus pais frequentando a Cafeteria. Desse modo, Joana me passou o contato de Luciara que prontamente se dispôs a participar da pesquisa dando seus relatos. Vale dizer que quando sugeri que nos encontrássemos no próprio Aquários a mesma optou por me receber em sua casa pois não costumava e nem tinha muito apreço pelo espaço social em tela.

Primeiramente foi pedido que ela comentasse como conheceu o Café, tendo respondido que:

Conheci através do meu pai que frequenta o local.

Quando perguntada sobre como foi a primeira vez que entrou no café explica que:

Com meus pais, quando ainda era bastante jovem. Não teria ido se não fosse acompanhada e de pessoas que me passassem segurança. Não me senti a vontade lá dentro. Acho um lugar que passa um ar arrogante, onde por ter quase que somente homens toda pessoa que não é se sente um peixe fora d'água. Não me senti a vontade mesmo sendo jovem.

Luciara revela que seus pais frequentam a Cafeteria e que foi com eles que esteve lá pela primeira vez. Nesse sentido, conta que foi com eles, pois se sentiu segura, ressaltando características de arrogância, machismo, masculinidade predominante o que a fez ir com seus pais por se sentir segura frente a essas questões. Não se sentiu incluída pelo espaço e transmite a ideia de que o local possui certa característica no seu público que todo aquele que com ele não se identifica não é acolhido pelo ambiente. Vale destacar que a visão é de uma mulher que faz parte do fluxo externo da Cafeteria e que tem sua percepção como uma agente que não faz parte das dinâmicas sociais da Cafeteria, o que nos leva a refletir acerca da questão racial como fato de contribuição para que ela se veja como externa ao Café.

Quando sugerido que contasse sobre suas primeiras percepções sobre a Cafeteria e se mudaram ao longo do tempo, bem como visão a respeito do local que englobe todos aspectos que julgar pertinentes acerca do local e ainda falar desde quando frequenta/frequentou o local e com que frequência menciona que:

Quando adolescente frequentava acompanhada com meus pais, porém não tinha a sensação que hoje tenho. Tanto que sozinha nunca frequentei o

local, pelo alto público masculino. Hoje mesmo não frequentando vejo que segundo algumas pessoas as coisas mudaram por lá, mas mesmo assim prefiro não ir. Vejo gente jovem falando de lá, mulheres, todo tipo de gente. Nesse sentido parece que mudou.

Luciara descreve novamente que ia somente com seus pais e que era muito jovem quando isso acontecia e que atualmente não frequenta mais. Todavia, relata que segundo o que ouve de outras pessoas acredita que a cafeteria tenha se modificado, pois engloba um público mais variado em que mulheres e jovens segundo ela, estão inseridos.

Quando pedido que contasse sobre suas percepções acerca das relações sociais no Café, profere que:

Tenho a percepção que são homens que ficam cuidando as mulheres que passam próximo ao local, visto que o Café está localizado num ponto central da cidade. Acho que era assim antes e continua até hoje. Sinto isso só de passar por ali. Acho que quanto a isso não mudou.

As percepções de Luciara referentes às relações sociais do Café são no sentido de masculinidade, de homossociabilidade masculina, ou seja, relações que se estabelecem entre homens e que em sua maioria são voltadas as mulheres no sentido de se reunirem para as observarem como acontecia há anos atrás. Sua visão, segundo ela, se confirma toda vez que passa por ali e sente o comportamento dos homens que permanecem na parte externa no café ainda neste sentido.

Em seguida foi perguntado se frequenta o local há muitos anos e se percebeu modificações em relação a público no local, tendo respondido que:

Não percebo mudanças, mesmo não frequentando o local, continuo passando na frente do estabelecimento e vejo que ainda são muitos ou quase que somente homens, senhores mais velhos como antigamente.

Luciara alega que não frequenta mais o local, mas acredita que o público não tenha se alterado, pois ela conta que quando passa pela frente da Cafeteria ainda percebe como público predominante os homens mais velhos como acontecia há alguns anos atrás. Talvez esta percepção possua certa contradição ao momento em que relata que ouve jovens e mulheres falando do café e que por isso algumas “coisas” teriam mudado por lá, ao passo que aqui relata que o público não teria sofrido alterações.

Indagada sobre como eram as relações no Café ao longo dos anos de acordo com sua visão do local, responde da seguinte forma:

Vejo o local como ponto de encontro para debater alguns assuntos de interesse masculino (política, mulheres, futebol).

Nesta passagem vai de encontro com o relatado pela entrevistada Joana no sentido de que as relações que se desenvolvem na cafeteria são basicamente entre homens que têm como temas centrais política, futebol e mulheres.

Em seguida foi perguntado como são as relações no Café agora e se mudou algo ao longo dos anos, tendo a entrevistada explicado que:

Como eu frequentava o local com meus pais, acredito que o público teve uma certa modificação, passando de famílias para homens desacompanhados.

Aqui quando indagada sobre as mudanças das relações sociais no espaço ela remete ao público do Café, sendo que quando questionada acerca deste aspecto ressaltou que não houve mudança nesse sentido e aqui voltou a falar do quesito público com uma visão diferente, ressaltando que houveram mudanças. Nesse sentido, contradizendo o que já havia falado entende que o café era há anos atrás, quando frequentava com seus pais, um ambiente familiar e que atualmente além de familiar abriga homens desacompanhados, seguindo no sentido da masculinidade sem referir mulheres, faixas etárias e classes sociais distintas.

Pedimos que falasse mais sobre a mudança, quando ela responde que:

Também percebo alta concentração de homens na parte externa do estabelecimento.

Logo, foi questionado como é frequentar um local frequentado majoritariamente por homens, tendo como resposta:

Esse é um dos motivos pelo qual não frequento o local sozinha. Me sinto observada por esses homens que na maioria são mais velhos.

No questionamento acima observa que, a predominância masculina a incomoda, pois segundo ela os olhares tendenciosos são presentes no espaço, sendo este um dos motivos que a faz não frequentar a cafeteria.

Em relação ao que significa a mulher ocupar esse espaço, em sua opinião ela explica que:

Não vejo nenhum problema em ver mulheres frequentando o local, não realizo pré-julgamentos. Acredito que a mulher tem liberdade para frequentar todos os locais nos quais ela se sente bem.

Neste fragmento ela reflete a possibilidade das mulheres frequentarem o Café, mas seguido dessa ideia ela menciona a palavra “pré-julgamentos” de modo que implicitamente na sua visão, de repente fosse possível que as mulheres por frequentarem a Cafeteria ainda, nos dias atuais, fossem julgadas por isso. Defende a ideia de a mulher frequentar o espaço que se sentir confortável e por este motivo ela não faz parte da clientela do Aquários.

Foi pedido que desse sua opinião em relação a pontos positivos e negativos do local, tendo a entrevistada elencado que:

Pontos positivos: local histórico, gastronomia e localização. E os pontos negativos: acúmulo de homens na entrada do estabelecimento público predominante masculino e mais velhos, cheiro de cigarro (quando eu frequentava).

Novamente na questão acima e como na maioria dos outros depoimentos aparece a visão do Café de tradição pelotense e a excelência do cardápio. No sentido dos pontos negativos e segundo a visão da entrevistada vem à tona a questão da masculinidade predominante e dos senhores de idade avançada.

Por fim, foi pedido que comentasse sobre o papel da mulher na Cafeteria, em que ela diretamente menciona que:

Não percebo mulheres frequentando o local.

Para finalizar, no que tange ao papel da mulher no Café, muito embora haja algumas contradições em seu relato em relação a questão da presença da mulher do público no espaço, conforme já explanado, neste questionamento ela observa que não percebe mulheres no interior do Café.

4.2.3 Entrevista 3

Daremos a entrevistada o nome fictício de Raquel, possui 23 anos de idade, é estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas, solteira, natural de São Paulo, residindo atualmente em Pelotas para estudar, mora no centro da cidade, se considera da cor/raça negra.

Referida entrevistada foi escolhida no momento em que eu fazia buscas na internet de dados sobre a Cafeteria e encontrei um trabalho da mesma com ideias afins às deste, de modo que achei interessante procurá-la para conversar. Assim, ao entrar em contato com Raquel ela se dispôs a participar do trabalho e marcamos de

conversar na própria Cafeteria por sugestão dela inclusive. Era uma quarta feira por volta das duas horas da tarde, o Aquários estava bastante movimentado, nos encontramos na frente e logo entramos. Ao entrar ela logo se dirigiu a minha pessoa salientando que não seria confortável sentarmos do lado que era, segundo ela, destinado aos senhores, tendo nos dirigido ao espaço onde havia um público mais heterogêneo marcado pela presença de homens e mulheres de idades variadas realizando algumas refeições.

Primeiramente ela foi questionada sobre como conheceu o café e expõe que:

Eu conheci o café porque sempre que passava aqui com as minhas amigas depois do RU a gente notava que sempre só tinham homens aqui fora, e como a gente sempre debate sobre essas questões lgbt a gente começou a se questionar do porque sempre só ter homens aqui fora, porque não tem diversidade e inserção da mulher aqui? Porque é exatamente o que a gente vive dentro da faculdade. Pra gente é totalmente normal e aqui parece algo tão distante. Achávamos interessante e estranho ao mesmo tempo. Então essa curiosidade que nos fez entrar aqui, e de certa forma na faculdade já havíamos escutado falar sobre ele, pois todo mundo sabe que é um lugar tradicional da cidade e da fama que ele tem também.

O relato de Raquel sobre como conheceu o Café Aquários demonstra mais uma vez a peculiaridade do local, pois ela vem de fora, de um grande centro urbano que é São Paulo e mesmo que já tivesse ouvido algumas questões sobre o café na própria Universidade, o que despertou sua curiosidade sobre o Aquários foi justamente a percepção que possuíam ao passar pelas suas proximidades e perceber a predominância masculina naquele espaço. Vale salientar que ela é estudante de Ciências Sociais e realizou um trabalho acadêmico na Cafeteria tratando do machismo no espaço, fato que ocasionou certa proximidade com o Aquários também.

Nessa esteira a respeito de como foi a primeira vez que entrou na cafeteria e suas primeiras percepções bem como todos aspectos que julgasse pertinente sobre o espaço, alega que:

A primeira vez que entrei foi por isso então foi pra tomar um café e conhecer essa realidade. Estavam comigo duas amigas uma de Porto Alegre e uma do interior de São Paulo e nenhuma dessas duas sabia a história do café. Eu já sabia um pouco da sua fama. Entramos meio desconfiadas e curiosas. As primeiras percepções foram de se tratar de um ambiente extremamente machista. Não tenho como saber exatamente como era antes, mas desde que entrei ali tive a sensação que se de lá pra cá se mudou alguma coisa acho que muito pouco. Pode ser realmente que a mulher tenha se inserido mais, de forma melhor e mais fácil ainda mais por ser uma cidade universitária que ajuda bastante às pessoas a quebrarem um pouco esse

estereótipo de muita coisa, e isso também reflete aqui dentro. Acho que isso mudou um pouco.

Quando Raquel explana sobre suas percepções sobre o Café e da primeira vez que frequentou o espaço, utiliza a palavra machista para caracterizar o ambiente, mas de certa forma parece que se tratava, por todo exposto, que ela retratava um ambiente masculino, de predominância masculina e não machista, até mesmo pela falta de conhecimento acerca do local para caracterizá-lo dessa forma. Cabe salientar aqui o olhar diferenciado desta entrevistada sob o viés de categorias como machismo, em contraste com a primeira entrevistada que tem o olhar marcado por outras categorias como família, tradição, gerações, identidades pelotenses. Ela vem de fora já com uma visão crítica das Ciências Sociais, mas que demonstrou certos exageros em seus vieses.

Nessa situação suas hipóteses de quando passavam na rua e percebiam um lugar com poucas mulheres acabou se confirmando. A questão universitária referente à Cidade de Pelotas, que abrange muitos universitários, aparece nesta entrevista também de modo a justificar um pouco da heterogeneidade do público atual e das alterações que ele sofreu ao longo dos anos.

Sobre sua frequência no espaço, ela diz que:

Venho as vezes mas não frequento muito aqui porque além de ser um pouco distante da faculdade pro nosso bolso como estudante é sempre meio complicado, tem outros lugares que são mais baratos e que a gente se sinta mais confortável. Os preços são absurdos e nesse sentido parece que ele não faz questão de incluir pessoas de classes diferentes porque nem todo mundo tem condições de bancar os preços desse cardápio. E já que não é um lugar muito confortável pra nós mulheres eu acabo dando preferência a outros, mesmo sendo feminista e não tendo problemas com essas coisas eu acabo dando preferência pra outros lugares, mas é mais por isso mesmo.

A questão do cardápio já foi suscitada em outros momentos neste trabalho e nesta entrevista aparece novamente, e especificamente nas palavras da entrevistada o preço do cardápio que segundo ela era muito alto, poderia ser um instrumento a selecionar as classes e as pessoas que frequentam o Café.

Sobre suas percepções sobre as relações no café:

Eu acho que as pessoas sempre que vem aqui tem relações muito de amizade e família, ainda assim. Você percebe fisicamente, pela estrutura do local que as pessoas estão comendo e conversando e que tem a parte das mulheres que conversam com os maridos, tudo isso de um lado. Do outro lado então tem a parte dos homens que são sempre predominantes, parece que o espaço é só deles. É uma coisa fácil de se perceber, que o espaço

físico é dividido entre as pessoas que são relacionadas, que tem uma mistura e do outro lado que tem um ambiente mais homogêneo, masculino.

As sociabilidades na Cafeteria, segundo sua visão, são em grande parte familiares, o que acaba convergindo com o relatado por outras entrevistadas, ou seja, a questão familiar atrelada ao Café novamente. Nesta fala há algo mais ambíguo que nas anteriores pois anteriormente os relatos eram voltados ao machismo e a masculinidade e aqui para laços entre os frequentadores e as famílias.

Dando continuidade ao relato, aponta novamente a divisão do espaço onde segundo ela as relações se desenvolvem de formas distintas. De um lado existe um espaço mais gastronômico e heterogêneo e é nesse espaço que aparecem as famílias, as mulheres, os jovens, entre outros. E do lado contrário, perto do balcão, estão os senhores que frequentam o espaço diariamente que passam muito tempo ali trocando ideias e tomando seus cafés. Da mesma forma que antigamente os senhores continuam se reunindo em volta do balcão onde mantêm seus lugares cativos destinando o lado oposto da cafeteria ao restante do público.

Em seguida questionamos: tendo em vista as alegações dos senhores entrevistados em seu trabalho e o que percebe atualmente dentro da cafeteria, o que considera sobre o público do local?

Não sei se mudou ao longo dos anos porque moro na cidade há pouco mas creio que sim pois além de haverem mulheres foi o que eles nos relataram no trabalho. A mudança então seria em relação a isso, a inserção da mulher, mas que ainda não é 100%, melhorou, mas ainda tem muito pra melhorar. Por ser um local histórico, tradicional e um dos símbolos da cidade tudo que acontece aqui reflete em toda cidade até mesmo na periferia.

No quesito acima mencionado, muito embora Raquel não possa traçar um panorama das relações do Café ao longo dos anos, e suas vivências, por ser jovem e além de tudo não ser natural de Pelotas, abordou o seu histórico quando do contato com os senhores no local para realização de seu trabalho, em que acredita que mesmo em menor quantidade as mulheres se inseriram no naquele espaço social. Prossegue no sentido de que a inserção que se reporta a presença da mulher como algo que não tem total naturalidade e normalidade no Café, o que foi relatado também pela entrevistada Maria, e o mais interessante aqui é a mesma percepção sob ponto de vista de mulheres de gerações muito distantes. Atrela em seguida, a importância dessa questão de inserção e ultrapassagem de barreiras dentro daquele

espaço, por ser ele um dos símbolos da cidade, onde diversas sociabilidades se desenvolvem refletindo em grande parcela da sociedade pelotense onde é reproduzida.

Em relação a ser questionada em como é frequentar um local majoritariamente masculino explica que:

Pra mim, pra nós, creio eu que é tranquilo pela questão do estereótipo da mulher que se veste mais feminina então é aceitável, mas muito provavelmente se uma mulher que fosse que tivesse um estereótipo mais masculino de repente os olhares masculinos não fossem tão bem vindos. Me sinto confortável embora note toda essa questão simbólica ainda presente mas acho que tem pessoas que evitam.

Na questão acima, ela demonstra certa contradição em seu discurso, pois em questões anteriores mencionou que na sua primeira estada no Café não se sentiu a vontade e sentia a masculinidade predominante no local a ponto de traduzir barreiras simbólicas no espaço. Já neste tópico alega que para ela é tranquilo frequentar o Café, ainda mais por possuir um estereótipo feminino, mais uma ambiguidade, pois se de certa forma não considera a mulher totalmente incluída no local não justifica ser natural e tranquilo a ela ocupar aquele espaço justamente por caracterizar-se como mulher feminina.

No que tange a mulher como ocupante e frequentadora desse espaço atualmente diz que:

A mulher frequentar esse espaço na minha opinião é uma conquista porque se a mulher se insere no símbolo e coração da cidade, num lugar importante como este, de modo a se inserir, ter voz e participação dentro desse ambiente é um reflexo de toda cidade.

Mais uma vez demonstra a importância da mulher no espaço pela questão de refletir as conquistas femininas no tocante as assimetrias de gênero, entre outras, e ainda no que se refere ao fato de as relações e dinâmicas sociais que ali se desenvolvem serem reproduzidas na sociedade devido a importância que o Café representa no contexto social pelotense.

No que se refere a situações constrangedoras no local em vista de ser mulher em um espaço de masculinidade acentuada, responde que:

Situação constrangedora nunca, mas olhares estranhos sim principalmente quando estava com amigas que não designavam o estereótipo tradicional a que eles estão acostumados e aceitam facilmente (tradicional). Senhores sempre olhavam e ficavam falando (eu acho).

Remonta no trecho acima a questão do conservadorismo que notou no discurso de alguns de seus entrevistados quando da realização de seu trabalho acadêmico e justificou os olhares “estranhos” que sofreram dentro do estabelecimento, desta vez não por serem mulheres, mas pelo estereótipo não tradicional que uma de suas amigas representava e que teria chamado a atenção dos presentes no café. Esta percepção não parece estar atrelada a exclusividade masculina mas sim a um controle das normas de gênero no espaço, dando a ideia de que algumas mulheres são bem vindas e outras não.

Sobre os pontos positivos e negativos da cafeteria Raquel explana que:

[...] como ponto positivo vejo a inserção da mulher, mudança de comportamento e visão dos homens que frequentam aqui. Vejo muito machismo ainda, mas muitos já mudaram isso. Um senhor de 76 anos falou pra mim sobre isso de uma forma muita aberta e pra mim isso é fantástico, porque até mesmo em SP por ser uma cidade grande, uma diferença de classes, diferença muito grande tudo ainda tem muito conservadorismo. Negativos: desconforto por ainda ser um ambiente muito retrógrado, que fica ainda muito fechado pra pessoas da mesma idade, não vejo muitos estudantes vindo aqui justamente por não ser um local atrativo, pra pessoas mais jovens.

Finalizando sobre os aspectos positivos ressalta a mulher mais presente no espaço, mesmo que a masculinidade ainda seja marcante, reconhecido até mesmo pelo senhor que falou abertamente sobre essas questões com ela. E de aspectos negativos a não abertura total para outros segmentos da sociedade, o que de certa forma segundo ela ainda não é um local que inclui totalmente a todos.

Em síntese, a entrevistada possui um olhar de estranhamento ao Café, sendo de alguma forma representante de mudanças dos fluxos externos da Cidade o que acaba implicando nos internos e originando esse estranhamento. Isso pode ser resultado de um novo período incorporado pelos estudantes de fora que vem estudar em Pelotas.

4.2.4 Entrevista 4

Esta entrevistada tem como nome fictício Maria, possui 77 anos, professora formada em artes atualmente aposentada, viúva, natural de Pelotas onde mora e sempre morou, raça/cor branca, reside no centro da Cidade.

Esta entrevistada surgiu no trabalho de uma forma interessante, pois enquanto eu apresentava um trabalho acadêmico na cidade de Porto Alegre uma

estudante de Pelotas que também se encontrava no evento me chamou ao final da explanação para dizer que também estava realizando uma dissertação de mestrado com base na história de vida de uma senhora pelotense e que esta poderia me auxiliar na pesquisa com informações ricas, pois já havia conversado com ela sobre a Cafeteria. Desse modo me passou o contato de Maria que prontamente se dispôs a conversar comigo e relatar suas percepções sobre o Aquários, tendo escolhido sua casa como local a ser entrevistada.

Quando questionada sobre como conheceu o Café, relata que:

Quando eu era jovem as mulheres não passavam nem pela calçada naquela época, ficavam muitos velhos parados ali na esquina. Eu estudava do colégio São José no internato e nem eu nem as minhas amigas passavam ali pra não ficarem mal faladas. Aí com o passar do tempo acompanhadas de maridos ou namorados nos animávamos a passar de mão. Nessa época então não se frequentava por todas essas razões, de repente esporadicamente alguma vez, mas se sim sempre acompanhada de algum homem. Não me lembro exatamente da primeira vez que entrei lá, mas com certeza deve ter sido com o meu marido. Não era um lugar que fazia parte da minha convivência, mas é um local clássico da cidade, que por ser histórico acaba fazendo parte da vida do pelotense, então parece que sempre estive ali.

Em relação à entrevistada anterior vale mencionar que Maria faz parte de outra geração e por isso suas lembranças incluem outras épocas, ou seja, é possível acessar outras interpretações sobre o espaço, no qual a generificação se torna saliente. Assim, sua visão é a de que as mulheres não frequentavam o espaço na época e nem mesmo ela e desse modo, devido aos homens que permaneciam na esquina da rua XV de novembro com a 7 de setembro não eram bem vistas as moças que por ali passassem ou mais ainda se entrassem na Cafeteria.

A ideia de masculinidade inerente ao Café parece tão presente em sua visão que mesmo não lembrando exatamente do dia que entrou na Cafeteria pela primeira vez, afirmou que deve ter sido acompanhada de seu marido, pois naquela época só assim era “possível”. Talvez tivesse uma visão mais conservadora ainda a respeito do estabelecimento naquela época devido ao fato de estudar em um colégio religioso em um internato.

Em relação a suas primeiras percepções sobre a Cafeteria, bem como se percebeu mudanças no local com o passar dos anos, podendo abarcar todos os aspectos que julgasse pertinentes sobre o café na sua visão responde que:

É um lugar místico, que intriga, diferente, que tem um certo mistério e que antigamente a gente sentia olhares diferentes mesmo que fosse acompanhada. Até hoje não tenho o hábito de ir muito lá. Eu tinha uma irmã

13 anos mais velha que sempre teve o hábito de ir ao café e já ia desde antigamente porque sempre foi uma mulher muito a frente da sua época. Quando fiquei viúva acompanhei a minha irmã algumas vezes para ir tomar um café, mas sozinha nunca fui e nem vou e nem me passa pela cabeça ir, porque não é um lugar que me seduza, prefiro frequentar muitos outros locais antes do café. Nas últimas vezes que fui com a minha irmã não senti muitos olhares como antigamente, é bem mais natural mas ainda estranho. Quando estou lá dentro sinto como se não estivesse em Pelotas, como se tivesse em outra cidade. Até me sinto um pouco a vontade mas percebo que ainda é um ambiente pesado, marcado pela masculinidade. É um lugar que vai demorar a ser neutro e encarar com naturalidade a presença da mulher. Sobre os dias de hoje vejo que segue sendo a velharia que frequenta, não vejo muitos jovens nem gente pobre, as gerações vão mudando mas sempre estão ali em maioria os mais velhos que seguem ocupando a rua e a calçada para entre outras coisas ainda falarem das gurias que passam ali.

Percebe-se pelo conteúdo da fala da entrevistada a presença da assimetria de gênero no local segundo sua visão, pois segundo relata, sentia olhares diferentes as poucas vezes que frequentou mesmo acompanhada e afirma que até os dias de hoje não possui o hábito de frequentar o café. Ao mesmo tempo conta que sua irmã mesmo mais velha era frequentadora assídua da Cafeteria, frisando que ela era uma mulher bem a frente de sua época, ou seja, somente por considerar a irmã a frente da época é que justificava ela se inserir no público feminino que frequentava o Café pois a maioria das mulheres sequer passava na calçada.

Em síntese, suas percepções vem de uma posição de um agente social externo, alguém que não participa das dinâmicas sociais da Cafeteria e que não se inclui nos seus fluxos mas que ao mesmo tempo demonstra que por mais que ela não fizesse parte do público outras mulheres faziam, como sua irmã por exemplo.

Vai além alegando que após ficar viúva acompanhou sua irmã algumas vezes, mas que sozinha jamais iria, pois não é um espaço que chame muito sua atenção. Desse modo, podemos refletir sobre o fato que referida situação se deve a carga que a Cafeteria possuía no passado fazendo com que até mesmo nos dias atuais, em que as mulheres circulam no Aquários, por pertencer a época que isso nem se imaginava, é que ela até hoje não cogita fazer parte daquele espaço.

Importante mencionar que com o passar dos anos quando voltou lá acompanhada da irmã, ela relata que percebeu os olhares estranhos em relação à presença feminina no local, menos intensos e presentes, ou seja, percebeu que o ambiente em relação a esse aspecto teria sofrido mudanças, de modo que a presença feminina lá já não era algo que destoasse tanto do ambiente como há alguns anos atrás.

Mas ao mesmo tempo seguia afirmando ser um local “pesado”, marcado pela masculinidade e que a intrigava, que era carregado de mistérios e indo além que parecia que estava em outra Cidade quando dentro da cafeteria.

Tão logo ela ressalte essas questões, podemos perceber que na sua percepção, embora com o passar dos anos ao entrar lá se sentisse mais a vontade, não era um local neutro que segundo suas próprias palavras para isso acontecer ainda levará muito tempo.

Dito isso, se percebe que a mulher que vivenciou toda essa situação de não inclusão no Café por razões de assimetrias de gênero, ainda percebe a presença de limites simbólicos e barreiras invisíveis no espaço a ponto de sentir que aspectos de décadas atrás como a questão da masculinidade. O que fica bem evidenciado na sua fala, quando se refere ao público, dizendo que é sempre "a mesma velharia" que se encontra no estabelecimento.

A presença dos mais antigos e cativos talvez seja o fator responsável por trazer a tona, nessas gerações de mulheres, essa questão masculina marcante que demarca barreiras dentro do Aquários e que as faz não se sentir tão inseridas lá dentro.

Sobre sua frequência de ida ao Café já havia dito que não tinha o hábito ainda hoje, mas complementou que:

O meu marido frequentava, eu largava ele depois buscava, muito raramente ia junto. Como já disse a minha irmã era frequentadora assídua e me levou algumas vezes quando eu já era viúva. Ela conhecia todo mundo lá dentro, e quando eu chegava com ela me passava a sensação de que ela queria me demonstrar que era possível a mulher frequentar aquele lugar sim, fazendo questão de cumprimentar e falar com todo mundo pra verem que ela era conhecida lá, inclusive os senhores.

As minhas amigas não frequentavam e não frequentam até hoje pois ainda temos a mentalidade de que é um lugar masculino.

Na fala acima ela ressalta que não frequentava nem depois de casada, que seu marido era frequentador diário do Café e que ela somente “largava” ele lá e depois ia buscá-lo.

No tocante ao retomar a questão da sua irmã, ela demonstra a importância que sua irmã parecia ter em se sentir reconhecida como membro do Café, como uma mulher que frequentava o espaço e que era acolhida e conhecida pelos homens que ali marcavam suas presenças diariamente, fazendo questão de evidenciar essa situação quando levava Maria junto. Isso significa que determinadas

mulheres, ainda que exigindo ousadia e enfrentamento, estiveram presentes e inseridas no Café.

Mais uma vez presente em suas alegações, está a questão de sua irmã por ser uma mulher a frente de sua época frequentar o espaço, e ela e as amigas não, tanto que até hoje não costumam ir no Aquários por considerarem um local masculino. Deixa bem claro que era importante para sua irmã ser aceita naquele espaço tanto que fazia questão de demonstrar essa situação. Vale sublinhar que tais percepções vão de encontro com os estudos feministas que tratam das mulheres que negociam e ultrapassam códigos morais opressivos.

Quando foi pedido que comentasse sua percepção acerca das relações no Café, ela diz que:

Percepção de masculinidade muito presente desde sempre e até hoje, mesmo que eu nunca tenha presenciado nem vivenciado nenhuma situação constrangedora em vista disso. Como já disse, não enxergo um público muito diferenciado lá dentro dos que iam há anos atrás. Continuo vendo muitos homens e mais senhores. Pelotas é um lugar muito rico para os jovens então entendo que tenha opções mais sedutoras a eles do que ir ao Aquários. Que eu saiba jamais uma turma de jovens vai entrar lá pra sentar e tomar e tomar um cafezinho ou comer alguma coisa. Eu acho que isso não acontece, não acho que a juventude tenha interesse de ir lá. Não é um ponto de encontro de jovens.

Seguindo sua fala, relata novamente a questão de ainda ser um local carregado de masculinidade, muito embora além dos olhares estranhos, ela nunca tenha vivenciado nem presenciado nenhuma situação constrangedora em relação a questão de gênero.

Sublinha mais uma vez que, segundo sua visão, o público não sofreu muitas alterações, pois segundo ela são sempre os mesmos senhores que continuam ocupando aquele espaço. Inclusive alega que para os jovens a cidade de Pelotas teria opções mais “sedutoras” parecendo que teriam outros locais mais adequados. Importante frisar que é uma visão feminina externa de quem não frequenta a cafeteria, logo acompanha com menor interesse as mudanças atuais.

Outro aspecto de barreiras e fronteiras invisíveis e simbólicas que ela traduz na sua fala é em relação a aspectos de geração, de faixas etárias e não somente em relação a gênero e as mulheres.

Prosseguindo, contou que:

Esses dias eu estava passando com uma bota de cano alto ali na frente e um dos engraxates perguntou se eu não queria lustrar os meus sapatos e

eu aceitei e sentei ali nas janelas onde os homens sentam. O que mais me fez agir assim foi essa questão do tabu das mulheres ali, então eu quis mostrar pra mim mesma e talvez pros homens que estavam ali que são da mesma faixa etária que eu que tudo aquilo que vinha de muitos anos tinha mudado, quis sentir o apoderamento da mulher naquela situação naquele local. Nunca tinha me imaginado nessa situação antes, quis me desprender desse tabu. E não é que me senti bem? alguns olharam mas nada de mais aconteceu.

No relato acima, a situação referida demonstra que aquele ambiente que, segundo ela, era místico e diferente e ao mesmo tempo não a seduzia, despertava inquietações a ela certamente ligadas as barreiras instauradas no Café, de modo a relatar que ela quis surpreender a si mesma e aos homens que ali estavam, que ela também podia sentar ali para engraxar seus sapatos.

Talvez aqui, semelhante ao que alegava sobre sua irmã, também foi despertado nela o desejo de ser aceita naquele local, de mostrar para os homens e para ela mesma que algumas coisas haviam mudado e que hoje a mulher também poderia ocupar aquele espaço, visto como um espaço de poder. Inclusive ela afirma essas questões quando se refere ao “tabu das mulheres ali”, sinalizando que um ato como aqueles poderia representar uma forma de igualdade de gêneros e um acerto de contas com os homens de sua geração. Finaliza essa questão com certo alívio na fala, alegando que se sentiu a vontade diante daquela situação, que fora surpreendida.

Ainda sobre as relações no Café e suas percepções sobre a cafeteria desde antigamente até os dias atuais diz que:

Eu acho que a masculinidade ainda é forte e marcante e que deveria ter mudado mais, mas que já mudou bastante. Na minha época de jovem eu ia a vários locais bem próximos quase ao lado do café por ser uma zona onde todos os pontos comerciais principais se localizavam mas só até a casa de fotografia que ficava antes do Café, não passava dali só mudando a rota ou atravessando a rua para não ficar falada. Na época dos carnavais as pessoas colocavam as cadeiras no centro pra ver os desfiles e muitas ficavam ali na frente do café mesmo mas eu não ficava ali no café ia pra outras quadras.

Aquela esquina sempre foi muito ventosa e em época de vento já que usávamos só vestidos era bom que não passássemos nem perto de lá pra não correremos o risco de os vestidos voarem e nos ficarmos mal vistas ou algum homem ver nossas pernas delas. Se por ventura tivéssemos que passar mesmo que pelo outro lado da calçada era com a cabeça pra baixo sem olhar pros homens que estavam ali na esquina. Uma colega ou outra mais ousada as vezes passava ali pra ver como era e o que acontecia e que no dia seguinte era o assunto do colégio e do recreio onde ficávamos por horas falando sobre isso.

Um amigo que pintava comigo na Pampa anos depois inclusive comentou comigo uma vez que nunca frequentou porque achava um lugar muito machista e que os homens se reuniam ali só pra falar das mulheres, muitas vezes inventar coisas que nunca tinha acontecido e que na opinião dele as

mulheres não deveriam frequentar aquele local. Eu nunca fiz questão de perguntar pro meu marido se era assim mesmo, se só falavam de mulher e o que tratavam ali, mas captei que algumas vezes que eles ficavam ali olhavam sim mas eu não via problema nisso em olhar e apontar as mulheres.

Na fala acima ressalta e reafirma questões que já haviam sido por ela abordadas, sempre no sentido de que o Café ainda é um espaço de masculinidade acentuada, mas que nesse aspecto já teria mudado um pouco e sua situação de engraxar as botas converge nesse sentido.

Para demonstrar como se davam as relações e as percepções sobre o Café em décadas atrás, relatamos sua fala contando que muito embora passassem ali perto inúmeras vezes, pela localização central da Cafeteria, não iam além ou não passavam pela calçada e esquina da Cafeteria, devido a questões já suscitadas.

Ilustra bem a questão da masculinidade e da esquina do “já comi”, inclusive intitulada como a “esquina do pecado”, conforme demonstrado no capítulo 2, quando foram trazidas reportagens para relatar um pouco da história do local, a situação que ela fala da esquina ventosa e que então dia de muito vento não passavam ali, pois geralmente usavam saias e vestidos e seria muito mal visto pela sociedade suas passagens e mais ainda se o vestido levantasse logo ali naquela quadra.

Outro aspecto interessante levantado pela entrevistada é em relação ao fato de que passavam ali de cabeça baixa, porque não poderiam cruzar olhares com os homens ali presentes, evidenciando claramente a hierarquia de gênero presente, a subordinação feminina, tanto no local quanto na referida época, a submissão da mulher nesse sentido muito clara nessa passagem do relato.

Novamente enfatiza que somente as mais ousadas adentravam o Café, e relata que uma ou outra colega as vezes entrava lá e que no dia seguinte seria o comentário do colégio pois as outras queriam muito saber como era estar ali, talvez nesse momento esteja presente o que ela se referia há alguns trechos acima o misticismo do local, os mistérios que ele carrega consigo que despertava essa curiosidade nas mulheres de saber como ele era.

Em seguida traz em seu relato, uma questão que ela recordou na hora, que se referia a um amigo que pintava com ela que concordava com o fato de o Café ser um lugar machista e masculino demais em que os homens se reuniam apenas para fofocas sobre mulheres. Ela pareceu não demonstrar indignação com referida questão, pois em seguida conta que seu marido não costumava contar sobre o que

ele e seus amigos conversavam quando estavam no Café, e que ela também nunca fez questão de saber, mesmo tendo notado algumas vezes que eles ficavam ali sentados olhando e falando sobre mulheres, o que segundo ela não tinha problema algum.

Sobre o que ela acha a respeito de a mulher ocupar o lugar como o Café que foi e talvez seja até hoje um espaço ocupado majoritariamente por homens, como se sente em relação a isso e sobre o papel da mulher na cafeteria, diz que:

Acho importante a conquista da mulher nesses espaços mas entendo que isso deveria acontecer de maneira natural. Eu achava e ainda acho uma coisa diferente, como se não pertencesse a cidade, encantador, deslumbrante. Foi importante ter entrado lá, ter estado lá e frequentado mesmo que por poucas vezes, ir de vez em quando, era interessante. Eu achava curioso e interessante frequentar um local masculino. Eu acho interessante a mulher ocupar o café, acho que deveria ser mais aberto porque as pessoas ainda tem um certo mistério lá, ainda existe uma certa restrição, não deveria mas tem sim, não me senti mal mas sinto que não é natural, nunca dei muita bola para que os outros vão dizer mas noto claramente que ainda é um local restrito aos homens. Mas as mulheres estão entrando e sendo bem recebidas, nunca soube de nada que estavam sendo mal vistas pelos homens, inclusive eles vão conversar com elas e tudo.

Na fala acima transcrita, relata a importância da mulher no sentido de conquista ocupar espaços em que antes somente os homens poderiam ocupar. Todavia salienta que essa situação não deve ser imposta nem forçada, mas sim “natural”, novamente demonstrando uma referência a conquista e não no sentido de coerção, de algo forçado. Interessante salientar nesta passagem que a visão da entrevistada tem total afinidade com a sua geração.

Reforça a ideia de lugar peculiar, diferente, místico, como se não fizesse parte da cidade, desta vez utilizando até mesmo a palavra “encantador” para caracterizar o espaço que segundo ela era masculino e pesado, ou seja, mais uma contradição e uma ambiguidade acerca de sua percepção do local.

Enfatiza mais uma vez a satisfação e importância de frequentar aquele local, por ser marcado pela masculinidade, reforçando a ideia de conquista e superação da mulher nesse sentido. Demonstra que as mudanças de uns anos pra cá, pois segundo ela atualmente as mulheres são bem recebidas no Café, muito embora as restrições em relação as mulheres, segundo ela, ainda existam, pois, conforme já disse, melhoraram mas vão demorar a se tornar algo natural.

Encerrando, quando questionada sobre os pontos positivos e negativos do espaço aduz que:

Olha como não vou muito lá é difícil falar com propriedade, mas eu vejo como positivo as comidas e lanches de lá que são muito bons, o cafezinho que é espetacular e acho importante para Pelotas ter um lugar clássico e de referência como esse. Como pontos negativos tem esse tabu de as mulheres serem vistas de uma forma diferente, mesmo que eu não me sinta mais assim lá hoje, mas também não vou muito. Tem a questão da história de lá em relação as mulheres e a pessoas de baixa renda que também não podiam entrar lá. Acho que são essas coisas.

Em relação aos aspectos positivos do local, quase como unanimidade das entrevistas, e isso será demonstrado ao longo do capítulo, a primeira questão que aparece, e com Maria não foi diferente, foi a questão gastronômica elogiando os pratos, cardápio e o próprio cafezinho do Aquários.

Outro aspecto que vem a tona no tema referido, é o fato de ser um local clássico, histórico, tradicional e importante para a cidade de Pelotas, aqui sempre ficando em segundo plano (aparentemente) as questões como assimetrias de gênero, classe e questões em detrimento dos fatores já mencionados.

Quanto aos pontos negativos, reaparece pra ela a questão do “tabu” em relação as mulheres não frequentarem o local desde o início e ainda ser, mesmo que de forma simbólica, restrita sua entrada. Nesse quesito além de elencar a questão da mulher como ponto negativo, traz a questão da classe social, pois ela não enxerga gente de baixa renda ocupando o espaço do Café e o que predomina são os senhores de mais idade que estão sempre bem arrumados e são aposentados que em sua maioria vem de famílias ricas e/ou tradicionais da cidade de Pelotas.

4.2.5 Entrevista 5

O nome fictício da entrevistada é Isabela, 74 anos, socióloga e doutora em Sociologia, divorciada, natural de Santa Vitória do Palmar, mora atualmente no Rio de Janeiro, mas morou em Pelotas por muitos anos e tem família na cidade, é da raça/cor branca.

Referida entrevistada foi escolhida por sugestão da primeira entrevistada Joana, que a conhecia e salientou que podia ser interessante conversarmos, pois ela faz parte de uma geração bem distinta e tem uma visão completamente oposta da Cafeteria, ou seja, muito embora não a frequente também não a vê como um espaço totalmente fechado às mulheres, conforme será exposto a seguir. Assim, Joana me passou seu contato e quando Isabela estava de passagem em Pelotas me

avisou para que pudéssemos conversar. Por sugestão da própria entrevistada nos encontramos na Cafeteria em um dia de semana, por volta das três horas da tarde, havia bastante fluxo de pessoas naquele momento e sentamos no espaço que normalmente se destina a um público mais variado, onde as pessoas sentam para fazer seus lanches e refeições. Nossa conversa foi descontraída e demonstrava que Isabela se sentia a vontade no espaço relatando o que ia lhe sendo questionado.

Quando questionada de como conheceu e como foi a primeira vez que entrou no Café conta que:

Conheci o café nas épocas de estudante, quando frequentava a Faculdade de Direito e o Curso de Filosofia da Católica. Ele é um patrimônio histórico da cidade de Pelotas e não tem quem não o conheça. Nessa época não eram muitas mulheres que frequentavam o local e quando fui a primeira vez foi em grupo com as colegas da graduação.

Neste trecho, como quase que em todas as passagens das outras entrevistas, pode se perceber ser inerente a visão delas ao Café Aquários a história de Pelotas, ou seja, todas relatam a importância do local no contexto da Cidade e o consideram como patrimônio histórico, espaço tradicional e clássico da cidade.

Ratifica mais uma vez a questão de ser um espaço que não incluía totalmente as mulheres em seu interior e que mesmo não tendo sido acompanhada de nenhuma presença masculina específica, quando frequentou pela primeira vez foi acompanhada de um grupo de colegas de graduação.

Sobre suas primeiras percepções e se mudaram ao longo do tempo (visão a respeito do local que englobe todos aspectos que julgar pertinentes acerca do local) conta que:

Era claramente um local de frequência masculina, as mulheres eram raras. E os temas, predominantemente, do domínio dos homens (tais como futebol, política e mulheres). Tenho um ex marido que é frequentador assíduo da cafeteria e um filho também e vejo que até hoje muita coisa não mudou. Acredito ser ainda um local de predominância masculina com os mesmos assuntos e que passam para as futuras gerações esse hábito de frequentar o Aquários.

Ressalta a masculinidade evidente do espaço social e a raridade da presença feminina, inclusive utiliza a palavra “domínio dos homens” para caracterizar referidas alegações. Segundo ela, o espaço comporta pessoas que o utilizam como ponto de encontro para tratar de temas de futebol, política e mulheres semelhante ao que ocorria há décadas atrás, não tendo sofrido muitas alterações nesse sentido. Ou

seja, segundo Isabela o tema mulheres ainda estaria presente entre os assuntos principais abordados pelos homens que lá se reúnem.

Quando indagada sobre suas percepções acerca das relações no Café responde que:

Não havia comunicação entre homens e mulheres. Cada qual no seu grupo. A não ser que fossem namorados. Eu não via relações entre grupos distintos e conforme falei os assuntos eram e creio serem até hoje em sua maioria política, mulheres e futebol.

Segundo a visão da entrevistada as sociabilidades que se estabeleciam no Café eram isoladas, se realizado entre grupos específicos, ou seja, as mulheres socializavam somente com mulheres e os homens com homens em grupos distintos. Segundo Isabela, inclusive referida distinção se dava entre outros motivos pelos assuntos que eram discutidos entre os homens, sendo eles política, futebol e mulheres os quais não eram temas para mulheres.

Em relação ao público do local de antigamente e de hoje diz que:

Não vejo grandes mudanças, parecem os mesmos, apenas mais velhos. Continuam sendo em sua maioria homens, bem vestidos, classes mais altas tudo bem parecido com a época que ainda morava na cidade. Ao meu olhar os frequentadores e o perfil não mudou muito.

Novamente ratifica que segundo suas percepções, o tipo de público que frequenta o espaço não teria se alterado substancialmente de modo a prevalecer os mesmos senhores de antigamente. Vale frisar que muito embora não resida em Pelotas e por isso não frequente assiduamente o Café, suas percepções se apoiam em relatos e no que observa do comportamento do seu filho e ex marido que fazem parte do público que socializa quase que diariamente na cafeteria.

No tocante ao questionamento de como é frequentar um local frequentado majoritariamente por homens, narra que:

Sempre gostei de quebrar rotinas e ignorar preconceitos. Dessa forma, não me sentia isolada, ao contrário, exprimia minha opinião e queria ser ouvida.

Entre outros aspectos, o mais relevante foi o exposto acima quando ela elucida que muito embora a masculinidade seja acentuada no espaço ela considerava com naturalidade frequentar o Café tendo em vista sua total inserção quando presente no seu interior, inclusive ressaltando que se sentia ouvida e que podia exprimir sua opinião. Não atrela essa questão a nenhuma presença masculina que a acompanhasse nessas situações e no tocante a sua menção a “ignorar

preconceitos” de certa forma acaba por afirmar que tratava de um espaço preconceituoso mesmo que isso não oferecesse obstáculos a sua ida a cafeteria. Vale destacar que a visão desta entrevistada desmonta novamente a ideia de que o Café era um espaço exclusivamente masculino.

O que significa a mulher ocupar esse espaço, em sua opinião?

Atualmente essas barreiras foram vencidas na sua maioria, mas a mulher só consegue superá-las pelo estudo e a boa informação, estar atualizada e se sentir segura. Só assim param para ouvir. Enquanto que os homens dizem qualquer bobagem e os demais ficam atentos.

Trata com normalidade a questão da presença das mulheres no Café, expondo que a questão das assimetrias e disparidades de gênero são em sua concepção barreiras já superadas. Direciona a superação de determinadas diferenças a questões de segurança que advém da educação e da formação intelectual das mulheres, que somente por essa via podem se fazer ouvir e se incluir em diversos espaços sociais, inclusive no Aquários. Aponta uma desigualdade no sentido de que as mulheres são excluídas das rodas de conversação e os homens são levados a sério independente da pauta, já as mulheres necessitam se destacar para serem ouvidas.

Em relação ao papel da mulher na cafeteria diz que:

Na minha opinião, ainda são aquelas que preparam os lanches e servem o café. Desde muitos anos atrás mesmo quando a mulher não fazia parte do público que ia no Aquários a maioria dos funcionários era do sexo feminino e isso me chamava muito a atenção, e pelo que vejo continua assim até hoje. Por isso, mesmo que saiba e veja que hoje as mulheres frequentam livremente o café mesmo que em número bem mais reduzido se relacionado aos homens, a ideia que tenho de mulheres na cafeteria é delas servindo os clientes, de mulheres funcionárias e trabalhadoras de lá.

A maior ambiguidade e/ou contradição que se percebe no discurso de Isabela se refere à resposta acima exposta, pois ao mesmo tempo que considera a questão das mulheres em espaços masculinos já superadas e não se sente excluída de determinados locais e situações em vista de ser mulher, declara que o papel da mulher na Cafeteria é a de trabalhadora, atrás do balcão servindo as pessoas justificando que a mulher sempre esteve nessa condição lá até mesmo quando elas não se inseriam como consumidoras e frequentadoras do espaço. Interessante que com todo desprendimento que relata em relação a questões de gênero não enxerga a mulher como um dos segmentos de público na cafeteria, mas sim como as que servem o cafezinho e os lanches. Em síntese, novamente a evidência que de

alguma forma a mulher sempre esteve presente no espaço e que muito embora existissem normas implícitas restritivas elas não impossibilitavam as mulheres de ir à Cafeteria.

4.2.6 Entrevista 6

O nome fictício da entrevistada é Paula, 46 anos, cirurgiã-dentista, divorciada, natural de Pelotas onde mora e sempre morou, reside no bairro laranjal, é da raça/cor branca.

Esta entrevistada foi escolhida por ser uma conhecida minha e até já ter me atendido como dentista. Sabendo de sua afinidade com o Café, que frequentava diariamente e que seu consultório era situado na frente do Aquários optei por entrar em contato com a mesma e falar sobre a minha pesquisa. Assim, quando contatei Paula ela prontamente se dispôs a participar da pesquisa e sugeriu imediatamente que nos encontrássemos no Aquários.

A entrevista foi realizada em um dia de semana antes de começar seu expediente, por volta da uma e meia da tarde e o movimento no Café era bastante intenso. Ao chegarmos ela cumprimentou quase todos os senhores que se encontravam na calçada da Cafeteria e entrou na mesma onde avistou uma mesa logo de chegada, situada no espaço em que haviam muitos senhores em pé e no balcão conversando. Ali nos sentamos e começamos a conversar, notava-se que ela se sentia muito familiarizada com o ambiente e a vontade no espaço, onde bebeu um cafezinho e comentou todas as indagações que iam sendo feitas. A seguir serão então elencadas as perguntas que foram sendo feitas a Paula.

Comente como conheceu o Café e como foi a primeira vez que entrou lá:

Ainda criança ia comprar bala com o meu avô. Então a primeira vez que entrei lá foi de mão com ele. Conheço e frequento o café há muitos anos assim como toda a minha família.

Paula faz parte do rol de mulheres que tem o Café presente na tradição familiar, situação expressamente relatada por ela na passagem acima. Muito embora se refira a presença e companhia masculina do seu avô quando frequentou o espaço pela primeira vez, foi quando criança que este contato se deu pela primeira vez.

Foi sugerido que contasse sobre suas primeiras percepções da cafeteria e se mudaram ao longo do tempo, ou seja, sua visão a respeito do local que englobe todos aspectos que julgar pertinentes acerca do local, tendo respondido da seguinte forma:

O Café sempre foi um ambiente aconchegante que toda minha família frequenta e eu vou desde pequena. As minhas percepções sempre foram de ser um local de reunião entre amigos pra tomar um café e trocar ideias. Acredito que nesse sentido siga a mesma coisa ainda hoje e quanto ao público acredito que hoje em dia o público do café é bem variado com gente de todas as idades, ao contrário do público masculino e 'mais velho', que frequentava o local no início.

Neste trecho ela ressalta a Cafeteria como um espaço de lazer onde grupos de amigos se reúnem para conversar, convergindo com o que já havia dito acerca de ser um espaço também muito frequentado por famílias inclusive a sua. No que tange ao público, sublinha que antigamente era um espaço ocupado majoritariamente por senhores, ou seja, era um local masculino mas que hoje o público é bem variado mas se refere apenas aos aspectos etários para demonstrar a mudança de público ao longo dos anos.

Quando foi pedido que ela falasse desde quando frequenta/frequentou o local e com que frequência, conta que:

Desde pequena. Como trabalho em frente ao café há mais de 20 anos, sempre que sobra tempo, entro para um cafezinho, pelo menos 2 vezes por semana. Vez que outra também almoço lá.

No seguimento acima ratificou o que já havia mencionado explanando que frequenta o Café desde muitos anos, desde quando era pequena quando já ia acompanhada de seu avô comprar balas. Quanto à frequência atual em que vai ao local, ela explica que é frequentadora semanalmente, ao menos duas vezes na semana, pois seu consultório se situa na frente do Aquários. Comenta também que muitas vezes até almoça lá reafirmando e ressaltando os laços constantes que possui com o espaço.

Em relação as suas percepções sobre as relações no Café conta que:

Tem um público fiel, vários grupos que se encontram em horários certos (o grupo das 8, o do fim da manhã, o de depois do almoço...) e também os que entram por primeira vez. Acho difícil alguém não gostar do Café Aquários. Normalmente quem entra, volta. Como já disse no meu ponto de vista as relações são de amizade, de parceria, de conhecidos que se encontram ali pra conversar sobre diversos assuntos e também relações de família pois assim como eu tem diversas pessoas que vão ali desde muito tempo, começaram com seus pais, avôs e vão até hoje com eles ou sem eles e isso vale tanto pra homens quanto pra mulheres.

No que tange as relações sociais que se estabelecem no Café, segundo sua visão, frisa ser um espaço família, onde familiares levaram pela primeira vez seus sucessores que até hoje frequentam o espaço, assim como ela, e aqui mais uma vez aparece a Cafeteria atrelada a questão familiar e de geração.

Complementa também no sentido de ser um ambiente onde se realizam e se estabelecem relações de amizade, onde conhecidos e amigos se reúnem para conversar e trocar ideias sobre assuntos variados. Explica também que o espaço se divide em grupos diferentes dependendo do horário e ainda caracteriza o Aquários como um espaço acolhedor pois afirma que é difícil que alguém que vá ali não volte.

Posteriormente foi indagada se frequenta o local há muitos anos e se sim que contasse se percebeu modificações em relação ao público no local, quando menciona que:

Vejo hoje um público bastante variado, como já disse não são mais somente os senhores de idade que frequentam o café. Acredito também que as mulheres se sentem mais à vontade para frequentar o café hoje em dia. Pode perceber que indo lá hoje vai encontrar jovens, crianças, mulheres, negros, ou seja, um público bem misto diferente do que era antigamente.

Em relação às mudanças de público ao longo dos anos, ela explica que o público mudou, que hoje é bastante variado sublinhando a presença de mulheres, jovens e negros no espaço. Ressalta a presença das mulheres como uma transformação, pois segundo ela elas se sentem mais a vontade hoje do que antes, ou seja, de certa forma condiz com a situação das barreiras que existiam para que elas frequentassem a Cafeteria há algumas décadas atrás assim como outras classes, outras faixas etárias e outras raças.

Quando questionada de como eram as relações no Café ao longo dos anos de acordo com sua visão conta que:

Os homens ainda são maioria, mas, como falei anteriormente, acredito que existe menos preconceito de ambas as partes. Então, se vê mais mulheres de todas as idades frequentando o Café e não somente elas, mas um público variado em relação a tudo, a jovens, a negros, a pessoas mais pobres. Mas acredito que ainda as relações que se estabelecem ali são as mesmas, de amizade, de família, de pessoas conhecidas que se reúnem ali pra trocar ideias e dar boas risadas, enfim é um espaço muito rico nesse sentido e muito agradável também.

Neste trecho ressalta o público heterogêneo do Café atualmente no sentido de que teria sofrido alterações, pois embora seja ainda predominantemente masculino, engloba diversos grupos sociais. Quando alega estas percepções traz a

ideia de preconceito, alegando que atualmente tem menos preconceito no local, isso nos induz a pensar que segundo sua percepção o preconceito de homens e mulheres era recíproco desde muito tempo e hoje isso mudou e possibilitou a entrada da mulher como público que frequenta o café.

No tocante as relações sociais ela alega que não sofreram alterações, pois ainda reflete um ambiente familiar, de amigos e de conhecidos tratando o Aquários como um espaço de lazer em que se reúnem para confraternizar.

Indagada de como é frequentar um local frequentado majoritariamente por homens explica que:

Não vejo nenhum problema, nunca passei por nenhum constrangimento lá. Vou desde pequena e conheço mulheres que também vão e tanto pra mim quanto pra elas é uma situação normal, como se tivéssemos frequentando qualquer outro lugar. Mas sabemos a fama que a cafeteria tem, embora eu ache isso mais uma questão folclórica porque isso já faz muito tempo, hoje em dia é tudo muito natural e uma questão superada essa história da mulher não poder ir no café que os homens vão mexer com elas ou tratar de uma forma estranha.

No que concerne à questão acima suscitada, Paula afirma conhecer a fama do Café na questão das mulheres, mas considera essa questão algo que não se aplica atualmente, pois segundo ela esse tema já foi superado.

Ela alega que nunca sofreu nenhum constrangimento lá dentro pelo fato de ser mulher frequentando um espaço que até os dias atuais é considerado como masculino. De certa forma, mesmo afirmando ser uma questão superada a assimetria de gênero no Aquários, ela reconhece que ele possuía e talvez ainda possua essa imagem de machista.

Foi questionada sobre o que significa a mulher ocupar esse espaço, em sua opinião, tendo como resposta:

Acho importante as mulheres frequentarem os lugares que quiserem, quando quiserem, sem qualquer constrangimento ou preconceito. É assim que me sinto no Aquários, como me sinto em qualquer outro lugar e acho que todas as mulheres deveriam sentir o mesmo pois conforme já disse são questões que já foram superadas.

Mais uma vez no aspecto das mulheres, nas questões de gênero, ela explica que não vê diferença para ela e nem deveria haver para nenhuma outra mulher em frequentar o Café ou outro espaço qualquer, pois acredita que as mulheres devem superar ou já deveriam ter superado as disparidades e diferenças de gênero, ressaltando a importância delas de circularem por onde quiserem.

Em relação ao questionamento de se ela já presenciou alguma situação constrangedora em vista de ser mulher em um espaço predominantemente masculino aduz que:

Nunca, mas, por vezes, notei alguns olhares ‘diferentes’, principalmente dos grupos que ficam na calçada. Dentro do local sempre foi tranquilo.

Aqui, no trecho acima, talvez sua percepção vá um pouco de encontro ao que tenha dito em alguns momentos anteriores, pois tratava do Café como um espaço neutro e “tranquilo” em relação a masculinidade marcante e em relação a presença das mulheres lá dentro nos dias de hoje. Ocorre que, quando questionada acerca de situações de constrangimento em vista de ser uma mulher nesse tipo de espaço, aduz que a parte interna do Café é bem tranquilo mas que na parte externa já sentiu olhares tendenciosos, parte esta que já foi designada como esquina do pecado ou esquina do já comi conforme já explanado e que de repente mesmo que somente para algumas ainda esteja presente no ambiente do Aquários.

No que se refere a situações que tenham ocorrido no local e chamado sua atenção, ela menciona que:

Uma única vez, assisti uma briga com socos e chutes entre dois homens por causa de futebol. Normalmente o local é calmo, apesar de ter bastante gente conversando.

Nesta questão não mencionou nenhuma situação de homens em relações a mulheres ou vice e versa, mas sim de uma briga entre homens em que o assunto que originou tal ato de violência teria sido o futebol.

Pedimos que desse sua opinião em relação a pontos positivos e negativos do local, quando elencou que:

O café saboroso! A comida em geral é muito boa, destaque para os sanduíches. Lugar claro e alegre, nem sempre muito limpo, especialmente as mesas. Abre todos os dias, inclusive domingo, com um horário super estendido, o que é raro em Pelotas. É ponto de referência na cidade. O atendimento é legal, embora um pouco enrolado nas mesas quando está muito lotado.

Questionada acerca dos pontos positivos e negativos do local descreveu o espaço de forma bem objetiva elencando aspectos de atendimento, cardápio, características físicas do ambiente, não atentando para as sociabilidades que ali ocorrem, pois sobre isso já teria falado.

Procurei questionar sobre o cardápio e ela mencionou que era bem variado, que apreciava muito e que embora algumas pessoas achassem um pouco caro, ela

não considerava um estabelecimento que impedisse as pessoas de sentarem ali e tomar um café ou fazer um lanche.

Quando sugerido que comentasse sobre o papel da mulher na Cafeteria explica que:

Tomar café, conversar e se divertir como todo mundo. Não vejo nada de mais, como disse acho que a mulher deve ocupar o espaço que quiser e considero a cafeteria um desses lugares, acho leve e tranquilo em relação a isso.

Neste sentido, novamente, atenta para o fato de as mulheres ocuparem os espaços que julgarem pertinentes, sendo o Aquários um desses lugares, pois segundo sua percepção não existe mais essa barreira em relação a mulher lá dentro sendo um local que permite que as mulheres lá se reúnam para tomar café, conversar e se divertir como todos e como fariam em outros ambientes também.

4.2.7 Entrevista 7

No primeiro contato com a entrevistada, foi pedido que fizesse sua apresentação acerca de questões referentes a nome, idade, profissão/ocupação, estado civil, naturalidade, local (cidade e bairro) de moradia, escolaridade, raça, e em seguida explanamos o conteúdo de que trata o presente estudo.

Letícia é uma mulher de 48 anos, jornalista, casada, natural da Cidade de Pelotas onde mora e sempre morou, reside na região das Charqueadas e se considera da raça/cor branca.

A entrevistada foi escolhida, pois é esposa de uma personalidade bastante conhecida em Pelotas e que possui muita afinidade com o Café, inclusive já tendo feito alguns trabalhos artísticos sobre o espaço. Ambos são conhecidos da família e por isso entrei em contato com Letícia que se dispôs a conversar na Cafeteria. A entrevista se deu em um dia de semana, no meio da tarde, o fluxo de pessoas era tranquilo. Ao chegarmos lá nos direcionamos, por sugestão de Letícia, ao lado da Cafeteria em que haviam várias pessoas sentadas lanchando, oposto ao lado do espaço em que os Senhores se reúnem no balcão para conversar.

Após sua apresentação, foi sugerido que começasse contando a forma pela qual ela conheceu o Café e como descreveria a primeira vez que frequentou, tendo como resposta o seguinte:

Eu nem sei como conheci o café, ele sempre fez parte de Pelotas, e sempre fez parte da minha vida. Não foi de vir um dia conhecer, ele é um lugar que eu sempre vim desde que me lembre de vir ao centro. Eu sempre morei pra fora, morava nos arredores da charqueada São João que era super afastado, então a gente tinha uma coisa que quando era menor minha mãe sempre vinha no centro comigo e com a minha irmã eventualmente pra comprar coisas e a gente sempre tinha essa coisa de fazer um lanche ou aqui ou na lóbras, era o nosso passeio vir ao centro e terminal com um lanchinho aqui como a coisa mais normal do mundo.

Percebe-se com as alegações da entrevistada que o Café faz parte de sua vida há muitos anos de modo que nem mesmo ela lembra como conheceu o estabelecimento. É possível constatar a partir de sua fala que ela frequenta o Café desde pequena, pois não morava na zona urbana de Pelotas, e quando sua família resolvia ir até a cidade fazer as compras o café era considerado parada obrigatória.

Nesse sentido, o Café representava para ela e sua família um espaço de lazer e entretenimento quando se dirigiam a cidade. As reflexões de Letícia remontam a uma época de aproximadamente 40 anos atrás pelo menos, ou seja, década de 70, momento em que para as mulheres de sua família frequentar o Aquários não demonstrava nada de diferente do que frequentar outros espaços destinados a lanche e diversão. Desse modo, referida constatação demonstra na sua visão o espaço aberto às mulheres em que os fluxos femininos eram naturais e possíveis e pressupõe implicitamente a homossociabilidade masculina relativizada e não exclusiva.

É um espaço social que, segundo ela, remete com grande alegria a sua juventude e sua infância. Ainda que descenda de família tradicional de Pelotas deixou claro que a figura paterna, ou seja, masculina nem sempre as acompanhava nas idas ao Café e isso se dava segundo ela com a maior “naturalidade”.

Indagando se a entrevistada lembra suas primeiras percepções a respeito do Aquários e se elas foram se modificando ao longo do tempo segundo sua visão, ela afirma que:

As minhas primeiras percepções e se mudaram? Eu acho realmente que na última década, nos últimos 15 anos mais ou menos tem muito mais gente jovem no café. Tem os tradicionais, os de sempre, mas eu acho que tem uma coisa também que a gente tem essa característica na cidade desse povo universitário, e com essas mudanças que a universidade federal trouxe muitos estudantes de fora, e o estudante de fora ele geralmente adora Pelotas e se sente em casa, e se apropria dessas coisas que muitas vezes os pelotenses não enxergam. Então eu vejo assim que tem muita guria nova que tá morando aqui que agregou o café aquários como seu ponto, que realmente é legal, e ao mesmo tempo tem gente que mora toda vida aqui que não enxerga isso, então acho isso muito interessante.

No trecho acima ela demonstra a importância, segundo sua visão, da modificação do público que frequenta o local, evidenciando que os jovens participam do cotidiano da cafeteria de uns anos pra cá, mas ressaltando que embora os “novos integrantes” estejam ali os tradicionais continuam nos seus lugares.

De sua fala podemos depreender algumas contradições e/ou ambiguidades, pois ao mesmo tempo em que revela que frequentar o Café é algo natural para ela e sua família desde sempre e que nunca enxergou o café como um espaço fechado a determinados grupos sociais, que excluía parcelas de pessoas de seu círculo (implícito no que já foi citado e explícito no decorrer do texto que segue), ela exalta a importância de uns anos para cá de o público jovem ter adentrado no local, ou seja, é uma forma de assumir que antes era um espaço que não comportava este público e que agora com o decorrer dos anos ele foi incluído no Café.

É possível perceber também que atrela muito a questão do público jovem que hoje frequenta o local como estudantes que em sua maioria vem de outras cidades para realizar seus estudos em Pelotas, dando ênfase ao fato de o pelotense não dar o devido valor ao ambiente rico, familiar, aconchegante e especial que considera o Aquários.

Neste aspecto surgem algumas questões: será que segundo a entrevistada o pelotense tem um acesso mais restrito ao Café pelas suas marcas históricas de ser um local seletivo quanto aos seus frequentadores? Ao passo que quem vem de fora não percebe essa lógica do local passando a se inserir nele com mais naturalidade? Na esteira de suas palavras será que somente aqueles que vêm de fora se sentem “em casa” na cidade a ponto de se sentirem livres para frequentar o café sem qualquer obstáculo? É uma questão relevante mas que ao mesmo tempo vai de encontro quando ela diz que é pelotense e sempre se sentiu “em casa”. Ela alega que as pelotenses muitas vezes não enxergam essa visão que o Café deveria passar a elas de espaço familiar, mas será que realmente eles não enxergam ou muitos deles ainda possuem uma percepção de que o Café não agrega um público diferenciado como jovens, mulheres, negros e pobres?

Vejamos que na pergunta acima o que se questionava era as percepções do Café, ou seja, todos os aspectos sobre o local que julgasse relevante, tendo em vista suas primeiras entradas no estabelecimento e comparando com a atualidade,

em outras palavras, não se falou em público pois seriam as próximas questões conforme veremos a seguir.

Ainda assim, a entrevistada respondeu diretamente no sentido de que hoje a cafeteria engloba um público variado, ressaltando os jovens no local. É possível notar nessa fala que a questão da diversidade de frequentadores no local não foi assim desde sua criação ao contrário do que ela já havia alegado, de modo que essa variedade inclusive chama a atenção dos clientes mais antigos do Café.

Tendo-se questionado a frequência com que vai a cafeteria, suas percepções das relações sociais que lá se estabeleciam há alguns anos bem como se notou alguma mudança dessas relações desde então e também no que se refere ao público que passa por lá (aqui foi referida a questão do público frequentador expressamente), explanou que:

Acho que aqui não tem muita novidade dos frequentadores e das frequentadoras femininas fixas como eu, a gente meio que se reconhece os que vem sempre. Mas tem esse povo novo então acho que isso mudou, mas os que não vem continuam não vindo, dentro da nossa sociedade pelotense acho que não mudou muito.

Eu não acho que isso seja por preconceito eu acho que é por não se dar conta do quanto é legal e especial, que as vezes viajam pra Paris por exemplo e acham incrível o cafezinho lá, e tem uma coisa muito legal aqui então acho que é uma característica que o pelotense tem assim de sempre achar que o de fora daqui é melhor.

Eu acho o café um lugar incrível por que eu acho que acima de tudo ele consegue reunir todas as classes sociais na volta daquele balcão, diferentes ideologias políticas, pessoas que talvez fora dali não tivessem a menor condição de um papo e aqui no café tudo é permitido, isso acho de uma grandeza enorme porque não são todos os lugares que permitem isso e tem essa abertura. E outra coisa que acho maravilhosa, a gente que tá sempre aqui e a gente vê e conhece os mais velhinhos assim, então teve muitos assim que a gente acompanhou por muitos anos, por exemplo o cantinho tal que era do seu Ferreira, então tinha a mesinha do seu Ferreira que sempre chegava de noite pra tomar o cafezinho dele, aí um dia a mesinha estava vazia porque ele tinha falecido. E assim tiveram outros tantos, a gente vai acompanhando a vida, a gente vê que tem assim um nicho que esse lugar é uma referencia deles nesse fim de vida, da rotina que é acordar vir pro café e ficar aqui até tal hora, tem um que sempre dorme naquele cantinho. Acho isso lindo, de uma poesia de vida linda. A gente tem muitos amigos desses senhores.

Quando a Marina nasceu, o primeiro lugar que a gente trouxe foi aqui, tem uma foto do Nestor Carrasco que era fotógrafo do diário da manhã levantando ela assim porque foi o primeiro lugar que a gente trouxe ela. Ela está com 11 anos, vem sempre com a gente aqui, ela adora vir aqui. O que é muito legal é que pra esses senhores 10 anos é um tempo totalmente diferente do tempo dela e eles enxergam ela crescendo, ela no balcão que não alcançava depois de uns anos já alcançava no balcão, ela hoje em dia grande, já mais tímida porque é pré adolescente o que eu acho maravilhoso.

Percebo muito mais gurizada, acho um lugar muito acessível. Acho muito legal uma coisa assim se tem algum show alguma coisa diferente no Guarani seguido tu vê alguém que tá ali hospedado no manta e aí vem aqui, sei lá o Zeca Baleiro ele veio percebeu que era um lugar legal e veio tomar

um café aqui ou alguém falou pra ele. É um lugar que tem essa universalidade, pra algumas pessoas que vem de fora. Eu acho que a gente carece dessa história do Café, acho que ninguém fez ainda um trabalho muito histórico sobre o café, acho que seria muito interessante e acho que os donos não exploram muito isso, tanto que agora quando eles fizeram essa última reforma muita gente estranhou, a gente mesmo estranhou tvs de led, logo novo, ele ficou mais com cara de lugar moderno, de início achei ruim porque fiquei com medo que perdesse essa característica, essa memória e acho que não se tem muito essa memória e resgate do café e acho que seria muito legal de fazer.

Nesse longo trecho a entrevistada deslancha descrevendo vários aspectos importantes e peculiares sobre as relações na Cafeteria, sobre o público, sobre questões pessoais, sobre vínculos entre o Café e aspectos tradicionais da Cidade remetendo a uma espécie de identidade pelotense.

Ela inicia a fala dizendo que não tem muita novidade ao passo de que na primeira questão mesmo sem ter se referido expressamente ao público ela logo fala da sua atual diversidade, denotando que, embora em sua visão, o espaço sempre atraiu uma diversidade de público, ele se faz mais aberto e agrega um público mais jovem e de fora da cidade.

Em seguida, alega que as mudanças não ocorreram aos frequentadores fixos como ela e que eles se reconhecem lá dentro, dando uma ideia de que entre eles não existe barreiras, mas e quanto aos outros? Este trecho é marcado pelo pressuposto de que haviam outras mulheres frequentadoras fixas que sempre frequentam tal como ela, ou seja, a mulher estava presente na cafeteria desde aquela época. Mais adiante fala novamente sobre a juventude ao mesmo tempo em que frisa que os que “não vinham continuam não vindo”, de alguma forma os associando àqueles que desvalorizam o local e, conseqüentemente, a algo pertencente à identidade pelotense.

Referidas contradições e ambigüidades ficam evidentes na medida em que ela ao mesmo tempo em que afirma a variedade de público atual no que se refere à faixa etária e classe social, alega também que quem não ia continua não indo. Afinal quem vai então? Somente parcelas de pelotenses de uma determinada geração em diante? Ela responde que sim. Questionamos o porquê disso e a resposta imediata foi que não teria relação com preconceito e sim com a sociedade pelotense que não valoriza a especialidade do Café valorizando espaços de outras localidades como ela cita Paris. Ou seja, ela percebe que quem não vai é por escolha própria e por não valorizar o espaço e não por qualquer tipo de segregação.

Outro aspecto levado em conta no público que participa da dinâmica do Café é a inclusão, da visão da entrevistada, de diversas classes sociais que ali se reúnem para trocar ideias que segundo ela não seriam possíveis em outros locais por não deixarem as pessoas tão a vontade e tão livres. Há a menção a permissão e a abertura, expressando que na cafeteria as relações sociais entre os agentes que ali se encontram são assim: livres, desprendidas de regras, onde é livre a expressão de opinião e onde diversas classes sociais se misturam. Vale salientar que o que configura essa visão é o fato de ela ser frequentadora assídua do espaço, pois ela está inserida nas dinâmicas sociais e fluxos da Cafeteria.

E nesse sentido há um aspecto interessante, pois quando sentamo-nos à mesa para conversar e logo iniciar a entrevista, a atendente veio até a nossa mesa, momento em que eu pedi uma água e Letícia um suco e um sanduíche, conforme fomos conversando preliminarmente eis que ela faz o seguinte comentário: o Café é um lugar ótimo em todos os sentidos, mas os preços do cardápio são “meio salgados”, não é todo mundo que pode pagar esse valor por um sanduíche”. Considero que este fato vai de encontro à interpretação que ela faz sobre o Café incluir todas as classes sociais, pois talvez devido aos altos preços do cardápio, e nesse sentido tivemos unanimidade nas entrevistadas, ele seja uma forma de selecionar o público que lá consome.

Outro aspecto que é interessante analisar é como um local que por tanto tempo foi “fechado” para certo público hoje abrangendo diversos segmentos da sociedade pelotense consegue ser esse local tão “especial” que permite essa abertura e essa liberdade tão ampla de diálogo e expressão? Talvez ela não perceba as barreiras simbólicas que existem ali, pois ela referencia o Café a uma lógica familiar, por ser uma mulher que se insere nas lógicas relacionais e sociais do Aquários.

A entrevistada volta novamente na questão dos frequentadores assíduos, da questão da tradição dos frequentadores do local, quando cita “os velhinhos” e suas “cadeiras cativas” que somente ficaram vazias quando da morte dos senhores que as ocupavam.

Ainda no sentido da questão familiar e de tradição e geração, menciona o fato de que leva sua filha no café desde que nasceu e que todos aqueles senhores que frequentam a cafeteria todo dia viram sua filha crescer e que aquela situação para ela era muito especial.

Após ressaltar a importância do café na sua vivência a ponto de deixar claro que transmitiu seu hábito de frequentar o café diariamente a sua filha desde pequena hoje sendo uma quase adolescente, frisa que o café é referência na cidade de Pelotas para todos que visitam a cidade até mesmo figuras conhecidas como cantores, atores, etc.

Outro aspecto retratado por Letícia é em relação à reforma que o estabelecimento passou, alegando o receio que sentiu, pois devido às mudanças que ocorreram, o espaço social poderia perder sua identidade, seus aspectos tradicionais, antigos e clássicos, temendo que os aspectos modernos implantados causassem uma perda no sentido de local histórico e de pertencimento e por isso tradicional, momento em que ela fala que tudo isso poderia causar uma perda de memória do café, ou seja, retratando que o café tem seus aspectos simbólicos que não os de exclusão, mas na perspectiva do público que pertence ao espaço e representativos dos pelotenses de modo geral.

Após essas explicações, foi perguntado como é para ela frequentar um local frequentado majoritariamente por homens, respondido da seguinte forma:

Eu não vejo nenhum problema com essa questão de ser mulher aqui, me sinto super a vontade, tanto que venho com a roupa que vier. Me lembro de quando era solteira da época dos bailes de carnaval do comercial a gente vinha tudo fantasiado pra beber aqui de grupo, de manhã depois de festa pra tomar café e nunca teve nada de constrangedor, pelo contrário me sinto em casa aqui. Tem muitos lugares que eu acho que não me sinto tão em casa porque tem essa visão que é uma característica de algum seguimento da sociedade que tem que evoluir, e tem uma gurizada jovem que ainda repete esse modelo que não é legal, saber que tu é autêntico no lugar que tu frequentar e isso que é legal e não o contrário e acho que o café tem muito isso. Teve uma coisa muito legal que aconteceu aqui ano passado, um casal de amigos pelotenses que agora moram fora já casados e com filhos, mas que queriam casar no papel e um dia chegamos aqui num sábado de tarde eu e Mauro e quando chegamos no café ficamos sabendo que ia ter um casamento ali, o nosso amigo não falou nada pra ninguém, organizou tudo lá de Goiânia, tem até matéria no G1 sobre isso, foi casamento surpresa. O Mauro acabou fazendo as fotos do casamento, foi muito por essa relação que tem aqui no café, foi muito lindo. A mulher dele amava o café. Qual lugar tu faria isso? Só num lugar que carrega tudo isso, que tem essa alma e é muita gente que percebe isso.

A entrevistada, no trecho transcrito acima, alega novamente o Café como um ambiente tranquilo, onde se sente a vontade para realizar diversos tipos de relações, pois desde criança frequentava com sua família fazendo do estabelecimento seu ponto de referência de lancheria quando iam a cidade. Com o passar dos anos, em sua juventude, fez do Café também um espaço de diversão quando menciona a

questão dos bailes de carnavais e cafés da manhã pós festas e ainda na atualidade demonstra ser um espaço em que ela compartilha momentos com sua família assiduamente em que leva sua filha desde que ela nasceu.

Ou seja, dito isso, podemos perceber que na vida da entrevistada este estabelecimento tem um papel de transmissão de geração para geração, de local tradicional em que podem ser realizados diversos tipos de sociabilidades e dinâmicas e lógicas relacionais conforme mencionados, atrelando a Cafeteria a lógicas familiares que perpassam por várias gerações em sua família. Mais uma vez o Café acionando significados simbólicos relacionados à tradição e família.

Mais uma vez em relação à questão da mulher no espaço perguntou-se o que ela achava de a mulher frequentar hoje um espaço como o Aquários, em que ela respondeu:

Sobre a mulher ocupar o espaço do café eu acho que a mulher sendo a mulher como ela deve ser e eu não acho que tenha qualquer constrangimento. Esses dias teve um negócio aqui de um grupo de feministas entrou aqui fazendo uma manifestação. Eu acho super válido todo protesto, mas achei um pouco agressivo porque quem frequenta o café aquários sabe que essas pessoas que tavam aqui não são elas que fizeram qualquer coisa são pessoas de bem então acho que ficou um negócio meio violento pela forma que foi feito, algumas cuspiram os que estão sempre aqui. Sou super a favor de qualquer protesto, não gosto de ficar julgando a causa do outro, democracia foi conquistada pra isso, mas achei pesado porque essas pessoas talvez não tenham entendimento do que esses frequentadores pensam hoje ou não, vamos primeiro saber e depois pensar. Quem sabe se entrassem na câmara dos deputados seria muito mais de acordo frente a visão que estão tratando a alma feminina. A mulher tem que ocupar todos os lugares, ela tem que estar em todos os lugares então eu vejo isso com naturalidade, nada do tipo estou lá porque tenho que representar a mulher.

Novamente esclarece que segundo suas convicções não vê nada de diferente a mulher estar inserida dentro da Cafeteria, momento em que cita o aspecto de um protesto que ocorreu no local onde feministas protestavam no espaço social contra o machismo inerente a Cafeteria. Nesse contexto compreende com um ato exagerado pela forma como foi feito.

Quando perguntado se ela já havia presenciado alguma situação constrangedora no que se refere ao fato de haver mulheres ocupando um espaço em que há alguns anos somente homens ocupavam e ela disse que nunca viu nada de constrangedor além dessa questão das feministas.

Enfatiza mais uma vez a questão da naturalidade da mulher no Café citando a seguinte narrativa:

Uma coisa legal que esqueci de falar, é que tem o sobrado aqui do lado, e domingo de noite é a coisa mais querida porque vem aqueles casais que vão dançar no sobrado super arrumados e vem também as mulheres que estão sozinhas e que vem aqui tomam cerveja e vão pra lá depois, lugar de total respeito tanto o café quanto o sobrado que tem uma regra invisível de respeito.

Em relação a pontos positivos e negativos da Cafeteria responde que:

Pontos negativos: não vejo, adoro fazer lanches, a Sofia mesmo sempre que vem come uma ala minuta, temos nossos pratos preferidos, adoro o café, não faço crítica nenhuma, o atendimento as vezes é ruim mas eu falo pras gurias, acho que nisso eles não estão conseguindo fidelizar o funcionário e pro cliente que eles tem isso é fundamental, porque assim ó todo mundo se conhece pelo nome e tem muitas que nos conhecem, acho isso importante, não por privilégio mas por carinho.

Alega o reconhecimento das funcionárias a uma questão de carinho e não privilégio, mas suas referências são claramente direcionadas apenas aquele público assíduo e não de uma forma geral a todos os clientes da cafeteria. E nesse sentido é que se questionam as possíveis barreiras invisíveis e simbólicas que existem na cafeteria dividindo o espaço de diversas formas, sendo a questão do público “fixo” e do variável uma delas. A entrevistada se vê como o que ela denomina de “público fixo” e, portanto de pertencimento ao espaço dentro de uma rede de relações específicas ali dentro.

Questionada mais uma vez acerca do papel da mulher na cafeteria ela entende que:

O papel da mulher aqui é o papel que ela tem em toda a sociedade com todo seu respeito e seu espaço e acho muito legal a forma que as mulheres aqui se posicionam, as trabalhadoras também, acho que elas são super respeitadas, acho isso importante também por ser um local quem tem um viés masculino e que as atendentes são majoritariamente femininas. Nunca vi caso nenhum de desrespeito, nada que tenha vontade de me meter pra dizer alguma coisa.

A partir de uma percepção de quem está inserida e que frequenta o Aquários há vários anos, entende como “natural” a mulher no Café, tanto a que consome quanto a que labora, tratando da questão do respeito para exemplificar tais alegações.

Frisa ainda que as trabalhadoras são respeitadas pelo público masculino e temos nisso obviamente um aspecto positivo mas que também pode ser vislumbrado pelo viés de algo que não é visto por ela com a naturalidade que retrata outros aspectos, pois se fosse tão óbvio que as mulheres que ali laboram devem ser

respeitadas pelos homens (e por todos que ali circulam) talvez nem precisasse ter sido mencionado como algo que pudesse ser feito de outra forma senão o tratamento de respeito.

Para finalizar retrata a seguinte situação:

No poema do Mário (nome fictício) ele cita a história do já comi e quando foram cantar e fazer o clipe um dos que tavam junto disseram que não se sentiam a vontade de cantar e contar sobre isso, e o argumento do Mário é que isso na verdade é uma coisa folclórica e que a gente vive num mundo do politicamente correto, eu sou super defensora de todos os direitos mas eu acho que tem coisas que se a gente cortar depois vão perder a sua originalidade e a sua alma, há um tempo atrás era assim, como é passar na frente da católica a tardinha e aquela gurizada faz o mesmo hoje e esse pessoal aqui não faz mal, não é legal mas é uma coisa ruim que existe na sociedade que tem que ser mudada. Mas acho que esse da esquina do já comi de anos atrás não era tão estereotipado quanto esse e acho que se tirar da vida perde a alma e o bom humor, a vida é assim. Tem várias celebrações que acontecem aqui que retratam a especialidade do local, isso reflete bem o ambiente familiar do café e acho que isso é um dos pontos que mais me atrai aqui.

Tendo em vista participar da história da Cafeteria e fazer parte dos seus fluxos há muitos anos, quando remonta a questão da “esquina do já comi” encara com naturalidade e não como um argumento que reflete o machismo e a masculinidade hegemônica do espaço, e traz novamente em seu discurso as perspectivas familiares e de especialidade do Aquários.

4.2.8 Entrevista 8

O nome fictício da entrevistada é Luana. Possui 26 anos, jornalista, casada, natural de Pelotas onde mora atualmente e sempre morou, mora no centro da Cidade e é de cor/raça branca.

Esta entrevistada foi escolhida por participar do mesmo meio acadêmico e da ciência que eu tinha sobre sua afinidade com o espaço e das mudanças de percepções que ela teve sobre ao mesmo com o passar do tempo. Assim, entrei em contato com ela e marcamos de nos encontrar no Aquários. Ao chegar lá nos direcionamos a uma mesa que havia em seguida da porta de entrada, era um dia de semana por volta de umas três e meia da tarde e haviam somente alguns senhores no interior da Cafeteria no mesmo lado que nos direcionamos. Ao ocuparmos aquela mesa a própria entrevistada comentou que aquele espaço era onde se localizavam exclusivamente os Senhores que frequentavam diariamente a Cafeteria, havendo

espaços destinados a pessoas específicas. Ela ainda relata durante a entrevista que sentia olhares “estranhos” de alguns Senhores por estarmos ali naquela mesa, conforme será explicitado a seguir no decorrer das análises de sua fala.

Quando questionada de como conheceu o Aquários conta que:

Conheci o café que eu lembre eu tinha uns 9 anos, porque a minha mãe sempre vinha aqui porque ela estudava aqui perto, e as vezes ela me levava pra aula porque não tinha com quem me deixar e ela vinha comer aqui.

Conforme expõe Luana, conheceu e frequentou a Cafeteria com sua mãe, quando ainda era criança.

Sobre como foi a primeira vez que entrou e suas percepções acerca do café incluindo todos aspectos que julgasse pertinentes sobre o espaço, alega que:

Nessa época a minha percepção era de uma cafeteria comum, de um lugar pra comer. Não tinha ideia nem percepção de como era o lugar. De infância não tenho muito que comentar porque sempre foi uma coisa de não ter o que fazer então sempre parava aqui. Mas aí depois quando a minha mãe não precisava mais me carregar eu parei de frequentar o café. Então a minha ligação com o café se encerrou porque eu vinha sempre com a mãe e ela também parou de estudar e parou de frequentar.

Até o momento acima, a referência do Café para a entrevistada era de um espaço para realizar refeições com sua mãe, pois era perto de onde a mãe da mesma estudava. Por ser muito jovem ainda não tinha uma opinião formada nesta época sobre a Cafeteria. Passa-se a concluir aqui que o Café não se caracteriza pela homossociabilidade masculina exclusiva e sim por uma sociabilidade familiar, mesmo que ainda contenha certas lógicas homossociais como resquícios do passado, mas com outros sentidos.

Prosseguindo ela relata que:

Retomei a vida no café no período da faculdade, em 2011 por aí, 2012. Meu esposo na época namorado trabalhava aqui perto e tinha o hábito de vir com o pessoal do trabalho ao meio dia pra tomar café, e daí às vezes eu vinha com ele, às vezes antes de ir pra aula à noite, mas sempre acompanhada do Tiago, nunca sozinha. E quando eu comecei a vir eu já tive uma percepção diferente porque eu sempre passava aqui na frente e nunca me importei com as piadinhas, tipo que falavam coisas do café a esquina dos homens. Então nunca me importei de passar aqui na frente, essas coisas.

Diante do relatado pela entrevistada, é interessante analisar toda trajetória da mesma no espaço e as modificações nas suas percepções com o passar do tempo e da frequência dela no Aquários.

De início comenta que frequentava quando ainda muito menina e portanto não tem reflexões deste período. Com o passar dos anos dispõe que passou a frequentar com o então namorado, atual marido, e nessa passagem frisa que era somente com ele que tinha o hábito de frequentar o local, mas nunca sozinha, referindo à companhia masculina como necessária para que ela entrasse no Café. Nesse sentido, ela propõe a ideia de que nunca teria se importado com as “piadinhas”, “esquina dos homens”, “coisas que falavam do café”, ou seja, ratifica a visão que o espaço refletia de masculinidade, “esquina do pecado” onde os homens se reuniam para “fazer as piadinhas com as mulheres”. E muito embora ela expresse que nunca se incomodou com tais situações e comentários acerca do estabelecimento, no início, conforme relata, somente ia acompanhada do namorado.

Continua explanando que:

Mas daí um dia quando eu entrei aqui com o Tiago estava movimentado, era meio dia, as mesas sempre cheias o balcão também, mas sempre tem um espacinho. E eu fiquei sem graça de ir pro balcão porque parecia que eu estava ocupando um lugar que não era meu que já era ocupado há muito tempo. E era uma coisa assim: parecia no início que era mais por eu ser jovem, tipo: o que essa guriuzinha tá fazendo aqui? Parecia que não tinha espaço pra mim ali. Mas depois percebi que era mais uma coisa da minha cabeça porque parei pra prestar atenção e não tinha ninguém me olhando, estava todo mundo indiferente pra mim. Mas eu fiquei com essa sensação e querendo procurar um lugar que eu me sentisse mais confortável. Mas depois me acostumei com o balcão porque é um lugar que o café é rápido, tu senta ali toma um café e vai embora. Tipo falando contigo aqui agora eu tô observando que o café tá completamente dividido, o lado que a gente tá todos tem idade pra ser meu vô e do outro lado é onde tem algumas mulheres e outras pessoas sentadas comendo. Parece que é dividido entre café, comer, homens e mulheres do outro lado. Eu sempre queria sentar do outro lado, nunca queria sentar aqui. Depois que eu comecei a vir aqui com frequência tu vai ver que as pessoas sempre sentam nos mesmos lugares e aí eu fico pensando que vou sentar ali no lugar de algum senhor específico ou de algum grupo de senhores, a ponto de eles ficarem se perguntando o que eu estou fazendo no lugar deles. Mas depois passou essa bobagem e foi essa a percepção que eu fui tendo, dessa divisão do espaço aqui dentro, das diferenças.

Na narrativa acima, ela propõe uma visão de certa propriedade do espaço por aqueles que são frequentadores habituais, e que lá estão nos seus mesmos lugares há vários anos, tanto que expõe sua inquietação em sentar em determinados lugares, pois estes eram sempre ocupados pelos mesmos senhores, como se tivesse donos. Neste sentido, muito embora ela remeta essa situação a sua juventude e a frequentar o Café há pouco tempo em comparação com os citados senhores, há uma barreira invisível que mesmo que não se refira ao aspecto de ela ser mulher ali na Cafeteria, cria obstáculos de modo que ao menos em um primeiro

momento não se sentisse inclusa no ambiente.

Em seguida ela explana que, mesmo que tudo isso não corroborasse com a realidade, pois percebeu que ninguém estava lhe observando, ela ainda assim se sentia incomodada de sentar naquele local. Sensação esta que se modificou com o tempo, pois segundo ela após frequentar com mais habitualmente a Cafeteria, passou a sentar no balcão sem problemas, tomar seu café e ir embora, pois ali o atendimento era mais rápido. Essa insistência em permanecer como público do espaço reflete uma forma de resistência ao ordenamento disciplinar dos fluxos internos da Cafeteria.

Prosseguindo seu relato, reflete sobre as demarcações e divisões simbólicas que existem no interior do Café, observando que em um lado se distribuem mulheres, jovens e o público variado que vai lá para entre outras coisas lanchar, e do outro lado os senhores que estão ali todos os dias para tomar cafezinho e conversar. Muito embora ela ressalte e frise que não se sente mais incomodada com a questão de invadir determinados espaços, que supostamente já teriam seus lugares marcados, alega que a divisão invisível citada existe ali no interior da Cafeteria, ou seja, são grupos divididos em locais diferentes ali dentro. Em outras palavras, são resquícios de lógicas homossociais masculinas com sentidos diferentes, pois em décadas passadas isso significava partilha de poder e agora são homens já aposentados relacionados a questões como tradição e não masculinidade hegemônica. Existem lógicas nos fluxos dos cafés.

Sobre as percepções das relações na cafeteria e sua frequência no espaço diz que:

Desde que eu comecei a frequentar comecei a ver esse público mais diferente, os senhores sempre permanecem, muita família, crianças, vejo essa diferença.

De todos os anos que eu vinha no café o ano passado (2015) foi o que vim mais porque era caminho, fazia parte do meu trajeto. Antes então eu vinha só com o Tiago, acompanhada, em horários da faculdade, mas ano passado comecei a vir bastante sozinha, indo pra casa sempre passava pra tomar um café na ida pra casa. Nunca fui de comer porque acho um local que tem um cardápio muito caro então tomo um café e acabou. Esse ano segui vindo bastante, mas mais final de semana e de manhã saio pra dar uma pedalada e passo aqui pra tomar um café, deixo a bicicleta aqui na frente.

No trecho acima comenta sobre a variedade de público incluindo famílias, crianças, ou seja, não somente os senhores mais velhos de frequência habitual. Relata também sua mudança de postura no sentido de que passou a frequentar o

café sozinha, e não mais somente acompanhada de seu namorado. Nesta entrevista aparece novamente a questão dos altos preços do cardápio de modo que ela mesma expressa que, mesmo frequentando assiduamente o estabelecimento, não lancha no local por ser muito caro, servindo apenas para tomar um café e ir embora.

Ainda em relação às relações no Café:

As minhas percepções a respeito das relações do café são mais ou menos o que já falei, que elas se dividem no espaço e no ambiente eu acho que ainda segue muito papo de negócios de fofocas e tudo mais e via isso também porque no período da faculdade eu fiz um estágio curto na nativa que ficava num prédio aqui na frente e então a gente vinha pra cá tomar café. Eu nunca fui ligada em pautas, mas sempre ouvi falar que se o pessoal não tivesse pauta que viesse pra cá que sempre tinha. Então acho que ainda tem essas relações de falar em política, época de eleição mesmo.

Ratifica a divisão do ambiente, complementa proferindo que os temas dos assuntos são sobre negócios e fofocas, inclusive alegando ser um espaço rico para pautas de reportagens quando estas estavam escassas nos jornais, aparece nesta fala também a questão da política frequente entre as discussões dos presentes.

Em relação ao público descreve que:

Não noto diferença de público nos finais de semana apenas na questão do movimento mesmo, quantidade de pessoas. Tem umas pessoas que parece que dia de semana eu sempre encontro, enfim se tu for pensar quem é que pode no meio da semana e no meio da tarde estar aqui tomando um cafezinho e batendo papo?

Tem um cara que sempre tem o mesmo estilo, ele deve ter uns 30 anos, todos os senhores sempre vão falar com ele, parece um cara super influente e ele só vem final de semana e vem na primeira hora da manhã que é sempre na hora que saio pra pedalar e passo aqui e ele tá aqui, tem esses pontos de encontros. Aqui nessa mesa que estamos sentadas sempre senta um senhor que ele é religioso sempre com terços na mão, senta nessa mesa com a bíblia e fica tomando o café dele e ele sempre senta aqui. Vejo ele sempre final de semana. Tem figuras específicas que fico observando por estarem aqui sempre nos mesmos dias e horários e mesmos lugares dentro do café também.

Luana conta que existem as figuras específicas que permanecem como certos patrimônios do Café, pois ali estão sempre nos mesmos dias, mesmo lugares, conhecidos por todos, inclusive ela sabia até quem sentava na mesa em que estávamos sentadas realizando esta entrevista. Nesse momento me perguntei se naquele momento o senhor chegasse ali qual seria a sua reação ao nos ver sentadas no “seu lugar”.

Salienta ainda que:

Fiquei sabendo por outras pessoas de como eram as relações aqui antigamente, desse papo da esquina do já comi, que passa e só tem homens que ficam falando das mulheres, um espaço com homens que

falavam sobre as mulheres e dessa esquina que não era bem vista e nem bem vinda. Isso escuto de pessoas, mas parece que vai passando, por exemplo a minha sogra ela não é daqui, mas quando veio pra cá já sabia de não passar por essa esquina pelas colegas de trabalho que ficavam falando que os homens que ficavam fazendo piadinhas. Como fiquei conhecendo e frequentando com a minha mãe desde pequena acho que é uma questão que vai de criação, a minha mãe nunca percebeu lugares que mulheres tinham que frequentar e homens, lugares que as pessoas frequentam fazem o que tem que fazer vão embora, então eu sempre tive essa percepção, passo aqui na esquina e acho normal, não fico com receio.

Neste relato, mais uma vez aparece a imagem do Café atrelada à questão cultura e de geração, em que ela conta que não possuía uma visão negativa da Cafeteria por frequentar desde pequena acompanhada de sua mãe, que via com naturalidade a mulher estar inserida ali. Conta em seguida, a visão negativa quando expõe que sua sogra mesmo não sendo de Pelotas sabia do histórico machista e masculino da Cafeteria pelas colegas de trabalho, que comentavam sobre estes fatos quando ela veio trabalhar na cidade. Cabe salientar a questão dos fluxos internos e externos aqui, pela peculiaridade do local que é aberto e ao mesmo tempo um “aquário” que transforma as mulheres em fluxo do lado externo em peixes prontos a serem pescados pelas conversas e competições masculinas internas da Cafeteria.

Na sua opinião, frequentar um lugar majoritariamente masculino:

Essa questão de mulher não me incomoda mesmo, não ligo muito pra isso ainda mais por ser um público mais velho. Na verdade o que mais me chamava atenção e me incomodava de certa forma era essa questão de pessoas estarem aqui há tanto tempo, questão de lugar do que por serem homens, talvez se essas pessoas fossem mulheres idosas e viessem pra cá pra tomar chá eu não me importaria por serem somente mulheres mas pela questão de espaço. A minha percepção hoje sobre o café é que essa questão ficou muito forte, marcada, mais uma lenda do que realmente na prática. Ficou uma carga pesada de muitos anos, mas que ao mesmo tempo acho que fortalece o local porque cria uma história na cidade e isso aqui deveria virar patrimônio. Talvez se isso parasse de circular essa informação não sei se seguiria tão famoso e tão histórico então acho que é mais uma questão de poder e de boato do que de prática.

Quando ela expressa que não lhe incomoda a questão da mulher em relação ao Café, talvez haja uma certa ambiguidade no que relatava anteriormente, que foi com o passar do tempo somente que passou a ir na Cafeteria desacompanhada do namorado. Suas percepções se modificaram, mas parece que de certa forma a questão da masculinidade predominante fez com que no início sua presença ali só ocorresse se seu namorado estivesse junto. Quanto as assimetrias de gênero no espaço ela alega que a “fama” é mais boato do que realidade que acabou marcando

o estabelecimento de uma forma que pode até ser positiva, pois cria uma curiosidade e uma historicidade na Cafeteria que contribui para que seja esse espaço tradicional na Cidade de Pelotas. Sintetizando, podemos compreender a diferença dessa abordagem da entrevistada anterior. Aqui as ênfases são outras, talvez porque ela perceba que as próprias lógicas homossociais não têm o mesmo peso que antes, de homens negociantes para homens idosos que estão ali para passar o tempo. Sobre o que significa a mulher ocupar um espaço como o café expõe que:

Eu acho que ser mulher aqui é só mais um adicional, porque as mulheres já circularam por tantos espaços que entrar numa cafeteria que é destinada, segundo pessoas, por homens eu não vejo grandes coisas nisso. Talvez falando superficialmente não vejo mas pensando melhor em todo peso que tem as mulheres frequentarem aqui, não tá mudando o café, mas sim a percepção delas em questão a lugares públicos, privados, mobilidade, de poder passar aqui na calçada sem ter que atravessar a rua, então acho que não vai mudar o ambiente porque pra eles tanto faz, então se mais mulheres passarem a frequentar acho que isso aqui é tão histórico que as pessoas que frequentam aqui há anos tipo homens brancos mais velhos não vão deixar de vir aqui e pro café é ótimo porque vai ter sempre gente circulando e dinheiro. O que muda então é a percepção das mulheres porque faz com que elas se sintam a vontade.

Refere que a mulher ocupar um espaço como o Café não altera o pensamento nem o comportamento e a percepção dos senhores que estão ali há muito tempo, mas após um tempo refletindo, entende que pela "carga" que o espaço possui é importante a mulher estar ali inserida para as outras que o enxergam ainda como um espaço restrito e machista, para que percebam que há mulheres frequentando aquele espaço e isso abra precedentes para debaterem e mudarem suas percepções acerca da mulher em relação também a outros espaços e outros assuntos. Vale sublinhar que a visão desta entrevistada neste aspecto é oposto a entrevistada de 77 anos Maria pois para cada geração referidas questões possuem significados distintos, já a estudante de ciências sociais parece possuir um discurso político pronto mas também marcado por questões geracionais.

A respeito de ter vivenciado ou presenciado alguma situação constrangedora em vista de mulheres estarem presentes em um ambiente masculino diz que:

Nunca vi nada de constrangedor por ser mulher, nem no balcão, nem na mesa, nem na passada. Nem comigo e nem com outras pessoas. Agora eu tô falando e tem um senhor aqui atrás que tá todo tempo se virando pra trás pra nós e prestando atenção porque de repente tá notando que estamos falando sobre o local ou até mesmo escutando alguma coisa.

Neste excerto é possível perceber que segundo a percepção da entrevistada, em que fomos percebidas por um senhor naquele momento da realização da entrevista, e não sabemos o motivo pelo qual ele nos olhava tão fixamente, mas uma das questões por ela suscitada foi a possibilidade de ser em relação a estar escutando que estávamos falando sobre o Café. Ou seja, estes senhores se apoderarem de certa forma do espaço talvez seja um dos maiores motivos para a criação de barreiras a outros grupos sociais se inserirem no Café e não somente as mulheres.

Sobre pontos positivos e negativos da cafeteria conta que:

Pontos negativos: comida cara, atendimento não é tão bom, no balcão é bom. Inclusive escuto de outras pessoas que não vem porque ainda é um local machista e o atendimento é ruim e caro que não sabem porque as pessoas vem aqui. Positivos: café muito bom, eu acho que o ambiente também é bonito, diferente, lugar atípico em pelotas que não tem nada parecido, permite um fluxo de muitas pessoas muito pela localização ótima. Diferente de todos os outros lugares que vamos comer e tomar café.

Segundo Luana entre os aspectos negativos aparece mais uma vez a questão do cardápio possuir preços muito altos e o atendimento não ser de boa qualidade. Ressalta ainda a “fama” da Cafeteria aludindo ainda que há comentários sobre ser um local machista o que de certa forma poderia prejudicar a imagem do café, mas que segundo ela relata anteriormente, também pode servir para fortalecer o estabelecimento, podendo neste sentido haver alguma contradição em suas alegações. Positivamente exalta a beleza do Café, de modo a afirmar que é único na Cidade diferente de qualquer outra cafeteria que exista em Pelotas.

E para finalizar acerca do papel da mulher na cafeteria explana que:

Em relação à mulher é como falei, o que muda é a percepção delas e não do local, talvez se umas forem falando pras outras mude algo também.

Encerrando a entrevista, ratifica que a presença feminina no espaço serve apenas para que outras mulheres se sintam incluídas ali e em outros espaços também, mas que não altera a percepção e a postura dos que ali já estão há muito mais tempo.

4.2.9 Síntese

Neste tópico buscamos sintetizar os aspectos principais das entrevistadas e seus aspectos principais. Sendo assim, verificou-se que as três primeiras mulheres entrevistadas conhecem a história da Cafeteria, seu histórico de masculinidade e já frequentaram algumas vezes o espaço. Todavia, se posicionam como externas aos fluxos internos da Cafeteria evidenciando que não se sentem pertencentes ao Café, e atribuindo à característica da masculinidade do espaço como um dos fatores determinantes. Destaca-se que as três estão relacionadas a gerações próximas com idades variando entre 23 e 40 anos e raça também distintas.

As lógicas familiares que aparecem muito presentes nos fluxos da Cafeteria não foram fatores determinantes como inserção dessas mulheres no Aquários, mesmo que no caso de Joana o marido seja frequentador assíduo e no caso da Luciara sua primeira ida ao estabelecimento tenha sido acompanhada de seus pais que também frequentam a Cafeteria. Referidas questões não se aplicam a Raquel por morar há pouco tempo na Cidade e ter vindo de outro Estado.

O discurso de Joana e Luciara possuem um tom de passividade na medida em que ambas atentam ao fato de preferirem não frequentar o espaço por não se sentirem a vontade de modo que não questionam as normas vigentes implícitas e simbólicas da Cafeteria. Vale destacar que o mesmo não ocorre com Raquel que mesmo não frequentando o Café tem uma visão crítica sobre as lógicas e as práticas sociais que lá operam.

Dessa forma, muito embora as três primeiras e referidas entrevistadas possam se adequar perfeitamente em uma postura crítica, compreendemos que Raquel possui uma visão um tanto quanto ambígua e/ou complexa conforme depreendido dos seus relatos, também se adequando a uma visão crítica mas ao mesmo tempo salienta em alguns trechos aspectos positivos e otimistas em relação ao espaço o que praticamente não aparece no discurso das outras duas entrevistadas.

No que tange as entrevistas 4 e 5 salienta-se que ambas são de gerações próximas, com idades entre 74 e 77 anos e raças iguais, já estiveram na Cafeteria algumas vezes, mas se posicionam como não participantes dos fluxos internos do Café.

Relatam a masculinidade como evidente no espaço, observando os homens como público predominante permanecendo assim até os dias atuais. A percepção em relação ao público segunda a visão delas é que não se alterou substancialmente

nas últimas décadas. Todavia, segundo os seus relatos a mulher de certa forma já se fazia presente mesmo há muitas décadas atrás, no relato de Maria em relação a sua irmã e no relato de Isabela em relação aos amigos de graduação e as funcionárias da Cafeteria.

Por fim, as lógicas familiares nessas entrevistadas não constitui fator determinante para suas posições em relação a Cafeteria, mas possuem uma visão crítica referente ao espaço de modo que problematizam as normas implícitas e lógicas próprias vigentes no Aquários.

Assim, podemos notar que Maria e Isabela podem ser classificadas como portadoras de uma postura crítica e inclusiva ao mesmo simultaneamente, pois ao mesmo tempo em que aspectos de masculinidade são marcantes em suas falas, na de Isabela e até mesmo da própria Maria o Café, em alguns momentos, é visto como um espaço aberto ao diálogo e uma visão positiva em relação a mulher participando das interações e sociabilidades.

As 3 últimas entrevistadas podem ser arroladas numa postura de inclusão frente ao Café, pois são mulheres que o frequentam assiduamente, as faixas etárias são próximas entre duas delas mas outra um pouco mais distante, sendo as três pertencentes a mesma raça. Ainda assim, a última entrevistada possui uma certa ambiguidade em sua fala de modo que transmite em algumas passagens a noção da masculinidade e do poder masculino no espaço, logo de certa forma pode então também ficar acentuada sua visão crítica do Aquários.

Das suas análises foi possível compreender que as lógicas familiares foram preponderantes nas suas inserções como participantes dos fluxos internos da Cafeteria. Todas elas atrelam o seu vínculo atua com a Cafeteria em decorrência de influência de algum membro da família, especialmente uma figura masculina como avô, namorado, entre outros.

A masculinidade em seus discursos não possuem papel central, de modo que tratam com naturalidade a presença da mulher na Cafeteria e aduzem ainda que estiveram sempre presentes lá e não somente elas como outras mulheres também.

Por fim, consideram o Aquários como um espaço familiar, onde as pessoas se reconhecem, carregam uma visão de pertencimento e identidade pelotense intimamente ligada aos fluxos e lógicas relacionais e sociais da Cafeteria.

Diante de todas as questões levantadas e analisadas neste tópico, podemos perceber que analisar percepções sociais, sociabilidades, interações sociais e o

contexto dos agentes em um determinado espaço constitui uma tarefa complexa pois a gama de informações que são colhidas é imensa, sendo assim não haveria como encaixar o perfil das entrevistadas em um modelo e/ou postura e visão específicas, prontas e acabadas conforme inclusive foi demonstrado no momento em que algumas delas se adequam a mais de uma visão.

Considerações Finais

A presente dissertação objetivou compreender a construção dos fluxos femininos internos e suas percepções no Café Aquários na Cidade de Pelotas/RS. Os referidos fluxos são constituídos pelas lógicas relacionais do espaço, suas sociabilidades, dinâmicas, práticas e interações sociais, considerando as ambiguidades, contradições, tensões e aspectos simbólicos que operam na Cafeteria.

O Aquários por muito tempo foi considerado como um espaço masculino devido a predominância do seu público serem os homens, que desde seu surgimento se reuniam atrás de seus balcões para realizar diversos tipos de atividades inclusive negócios.

Desse modo, devido aos grupos sociais que se reuniam lá serem formados por homens em sua maioria, caracterizamos o espaço como de homossociabilidade masculina. Cabe destacar que a homossociabilidade masculina é uma categoria criada tendo como um de seus pressupostos fundamentais o espaço de troca e partilha de poder entre homens e sobre as mulheres. Assim, buscou-se analisar como as mulheres passaram a fazer parte deste cenário predominantemente masculino e as percepções dessa inserção.

A partir da viabilização da pesquisa através da análise documental de fotografias, reportagens, documentário acerca das histórias do Café, observação não participante e da realização das entrevistas foi possível identificar que o espaço foi por muito tempo e ainda é majoritariamente formado por grupos sociais masculinos.

Todavia, não é e nem era exclusivamente homossocial, pois as mulheres já estavam presentes no interior da Cafeteria de alguma forma. Isso porque, conforme já suscitado no desenvolvimento desta pesquisa e na análise da fala das

entrevistadas, mesmo que em menor número as mulheres de certa forma já estavam presentes nas sociabilidades e interações sociais do Café desde sua criação, e mesmo diante da tônica das relações sociais lá serem masculinas, cabe identificar quais as formas em que elas se inseriram neste espaço caracterizado pela masculinidade. Diante disso, percebemos que essa presença e essa inserção femininas se davam para mulheres específicas com lógicas próprias e específicas também.

Desse modo, através da percepção das entrevistadas, foi verificado que um dos fatores preponderantes que favoreciam a entrada dessas mulheres no Café além do fato trabalho, eram as lógicas familiares. Os vínculos familiares aparecem na fala de grande parte delas como a forma em que elas entraram na Cafeteria pela primeira vez e algumas permanecendo como frequentadoras e outras não.

Além de este trabalho ser de cunho qualitativo e por isso constituir uma análise de dados e não uma amostra representativa e ainda versar sobre gênero e suas imbricações não podemos tratar os dados de forma absoluta. Destarte, a partir da fala das entrevistadas concluímos que a masculinidade é evidente e é considerada como fator que caracteriza a imagem do Café. Todavia, essa masculinidade aparece através de perspectivas diferenciadas a partir da posição que se insere a mulher que está sendo entrevistada. Isso significa que a homossociabilidade masculina ou a masculinidade inerente ao espaço se alterou historicamente e que sua percepção pelas mulheres se altera de acordo com a posição que elas se situam frente ao Café. Em outras palavras, na fala das entrevistadas que se colocam como não participantes dos fluxos internos da Cafeteria a masculinidade aparece de forma negativa em relação ao espaço, e aquelas que são frequentadoras atribuem a masculinidade como fator que possibilitou a sua entrada e o conhecimento do Café e também uma simples característica do mesmo.

Percebeu-se que além da importância das lógicas familiares como porta de entrada das mulheres no Aquários, existe uma lógica de pertencimento ao local e a uma identidade pelotense que se forma nas dinâmicas sociais da Cafeteria. Vale destacar que as lógicas familiares muito se atrelam a figura masculina que se fazia presente como acompanhante das mulheres quando das suas primeiras visitas a Cafeteria, conforme narrado nas entrevistas. Esse sentimento de pertencimento daquelas que frequentam assiduamente a Cafeteria e participam das interações

sociais do espaço fica evidente, pois muito falaram sobre identidade, afinidade, espaço único, familiar e onde as pessoas que sempre estão lá se reconhecem.

Outro aspecto de suma importância foi que mesmo diante da divisão que ocorre de forma natural no interior do espaço através das fronteiras simbólicas e das lógicas próprias que existem, percebemos a homossociabilidade masculina como relativa e matizada e não exclusiva e absoluta, as fronteiras em seu interior são fluidas e não são estanques. Isso porque, a Cafeteria se abre para outros grupos sociais de modo que mesmo em minoria se percebe atualmente a presença de uma diversidade social lá dentro, onde se incluem mulheres, homens, jovens, crianças, idosos, brancos, negros, faixas etárias diversas. Ou seja, muito embora essas fronteiras existam de um lado temos a característica de um público masculino ocupando um lado do Café e no outro variedade de pessoas socializando e interagindo variando em gênero, idade, entre outros aspectos.

Assim, percebemos que o Aquários é demarcado por aspectos simbólicos que determinam alguns comportamentos e lógicas em seu interior atrelados a questões históricas daquele segmento de senhores que estão dentro da Cafeteria há muitos anos. Todavia, muito embora a masculinidade apareça na fala da maioria das entrevistadas não é sempre como uma visão negativa, mas sim característica, em que as questões familiares muitas vezes se sobrepõem, pois afinal as mulheres ocupam aquele espaço também, em outras palavras a fala delas sinaliza que a homossociabilidade masculina está tomando outras dimensões. O espaço está se transformando, ressignificando, de modo que não retoma a submissão feminina, pois há sempre negociações e trocas, não excluindo a possibilidade de integração de determinadas mulheres, ou seja, não é um espaço de exclusividade masculina, mas a tônica das relações sociais são caracterizadas pela masculinidade. Vale dizer, que não somente as mulheres que estão em um espaço de troca e poder negociando, mas outras classes, outras raças e outras gerações também.

O Café se mostrou um espaço privilegiado de sociabilidades e interações sociais, mas também de poder, de espaço de lazer, consumo, trabalho e diversas práticas sociais que vão e foram ressignificando ele de acordo com o significado que essas sociabilidades e interações foram sendo dadas pelos agentes sociais que o frequentam em contextos históricos e temporais determinados. Essas questões se percebem quando ainda hoje a presença masculina é inerente ao espaço, mas de uma forma completamente diversa daquela de muitos anos atrás, pois quem

significa e dá significado ao espaço é quem faz parte das diversas sociabilidades que lá se estabelecem e esses agentes vão se alterando em decorrência de muitos fatores ao longo dos anos e isso apareceu de forma muito clara nesta pesquisa. Sintetizando, a história do Café é remetida, remontada e atribuída às práticas sociais que lá se realizam e que se modificam continuamente no tempo e por isso falamos em ressignificação do espaço, fenômeno este que trouxe à tona diversos questionamentos entre eles a questão de gênero na Cafeteria.

Por fim, diante do exposto, a partir de toda uma ressignificação do espaço temos que ele ainda comporta aspectos tradicionais que remetem ao seu tempo antigo, conservando suas particularidades e especificidades, mas dialogando constantemente com o novo, como o próprio aspecto físico pela reforma feita que inclusive foi mencionado pela entrevistada Letícia, temerosa em um primeiro momento nesse sentido, de que ele fosse perder sua essência, mas também o novo relacionado a novos e diversos grupos sociais e que se desdobrou em outras e novas sociabilidades e outras e diversas lógicas relacionais.

Referências

ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta**: Encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea. São Paulo: Blucher, 2016.

ADELMAN, Miriam; MORAES, Fernanda Azeredo de. Tomando as rédeas: um estudo etnográfico da participação feminina e das relações de gênero no turfe brasileiro. **Revista Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n.9, ano 3, p.1-29, 2008.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at large**: Cultural dimensions of globalization. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1996.

ARIÈS, Philippe (Coord.). **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. **A pedagogia do sexo em O Ateneu**: o dispositivo de sexualidade no internato da “Fina flor da mocidade brasileira”. 2009. 126f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFSCAR, São Carlos, 2009.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. **Carmen Miranda entre os desejos de duas nações**: cultura de massas, performatividade e cumplicidade subversiva em sua trajetória”. 2014. 329f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFSCAR, São Carlos, 2014.

BENDER, Gabriel. **Bistrots, ombres et lumières**. Sierra: Monographic, 2000.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Intersectionality and female domestic worker`s unions in Brazil. **Women’s Studies International Forum**, Oxford, n.46, p.72-80, 2014.

BILGE, Sirma. Théorisations féministes de l’intersectionnalité. **Diogenes**, v.1, n.225, p.70-88, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAFÉ AQUÁRIOS. Site. Disponível em:
<<http://www.cafeaquarios.com/Site/Content/Home/>>. Acesso em: 25 Mar. 2016.

CARVALHO, Débora Jucely. A conquista da cidadania feminina. **Saber acadêmico**. São Paulo, n.11, p.143-153, 2011.

CASTELLO, Lineu. **A percepção de lugar**: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemónica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, v.21, n.2, p.241-282, jan./abr. 2013.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.1-20, 2005.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.10, n.1, p.171-188, 2002.

DESTEMPERADOS. Site. Disponível em:
<<http://www.destemperados.com.br/experiencias/o-cafe-aquarios-e-um-dos-simbolos-de-pelotas>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

DOCUMENTÁRIO "Vítreo Habitat: Café Aquários e suas Histórias". 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RSMc0hF322E>>. Acesso em: 04 Abr. 2016.

FANTINEL, Leticia Dias; FISCHER Tânia Maria Diederichs. Organizações e contextos urbanos: os cafés e as sociabilidades. **Gestão e sociedade**, Belo Horizonte, v.6, n.15, p.280-307, 2012.

FELSKI, Rita. **The Gender of Modernity**. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1995.

FERNANDES, António Teixeira. Espaço social e suas representações. **Sociologia**, Porto, n.2, p.61-99, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Discipline and punish**: the birth of the prison. London: Penguin, 1977.

FREHSE, Fraya. Erving Goffman, sociólogo do espaço. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.68, v.23, p.155-166, 2008.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GERHARDT, Uta. Of kindred spirit: Erving Goffman's oeuvre and its relationship to Georg Simmel. In: TREVIÑO, A. J. (org.), **Goffman's legacy**. Lanham/Boulder/Nova York/Toronto/Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2003. p.143-165.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**: notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOMES, Paulo César; COSIA, Rogério. O Espaço na Modernidade. In: SANTOS, Milton et al (Org.). **O espaço em questão**. São Paulo: Terra Livre, 1988.

HALL, Stuart. "A questão multicultural". In: SOVIK, Lia (Org.). **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p.51-100.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HITA, Maria Gabriela. Igualdade, Identidade e Diferença (s): feminismo na reinvenção de sujeitos. In: BUARQUE DE ALMEIDA, Heloísa *et al.* (Orgs.). **Gênero e Matizes**. São Paulo: EDUSF, 2002. p.206-242.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, v.4, n.9, p.103-117, 1998.

LAURETIS, Tereza de. A Tecnologia do Gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.) **Tendências e Impasses do Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.319-351.

LECHAKOSKI, Leandro; ADELMAN, Miriam. O homem cordial: modernização do Brasil e homossociabilidade. In: SEMINÁRIO NACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS UFES, 2011, Vitória. **Anais...** Vitória: UFES, 2011. p.1-13.

LEITE, Rogério Proença. Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano. In: FRÚGOLI JR, Heitor; ANDRADE, Luciana; PEIXOTO, Fernanda (Orgs.). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, 2006. p.269-273.

LEWGOY, Bernardo. Os cafés na vida urbana de Porto Alegre (1920 1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculino. **Revista Iluminuras**, Porto Alegre, v.10, n.24, p.1-14, 2009.

LOIZOS, Peter. Vídeo, Filme e Fotografia como Documentos de Pesquisa. In: **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

MELLO, Luiz; GONÇALVES, Eliane. Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas em saúde. **Revista Cronos**, Natal, v.2, n.2, p.163-173, 2010.

MENEZES, Marluci. A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n.32, p.301-328, 2009.

MOTTA, Alda Britto da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.13, p.191- 221, 1999.

NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de. **Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero**. Lisboa: Artes Gráficas S.A., 2010.

OLIVEN, Ruben George. **A Antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) Mulher?. **Cultura e Gênero**, Campinas, n.48, p.7-42, 2002.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.11, n.2, p.263 -274, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. **Rearticulando Gênero e Classe Social**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço**: formação espacial como teoria e como método. Espaço e sociedade: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: UNESP, 2002.

SANTOS, Juliana Anacleto dos. Desigualdade social e o conceito de gênero. **Virtú**, Juiz de Fora, v.1, p.1-14, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **O espaço cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul./dez. 1990.

SCOTT, Joan. Preface a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.3, p.11-27, 1994.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1995.

SCOTT, Joan. **A cidadã paradoxal**. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between men**: english literature and male homosocial desire. New York: Columbia University Press, 1985.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 420 p.

SILVA, José Remon Tavares da. Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem. In: REDOR PERSPECTIVAS FEMININAS DE GÊNERO: DESAFIOS DO CAMPO DA MILITÂNCIA E DAS PRÁTICAS, 18., 2014, Recife. **Anais...** Recife: UFPB, 2014. p.2802-2817.

SILVA, Joseli Maria. Análise do espaço sob a perspectiva de gênero: um desafio para a geografia cultural brasileira. In: Rosendahl, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: Temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2005.

SILVA, Joseli Maria. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano, **Geosul**, v.22, n.44, p.117-134, 2007.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

STANDAGE, Tom. **História do mundo em 6 copos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de Si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim do século, 1995.

VILLA-LOBOS, Maria José. Sociabilidades masculinas na Taberna-Café. In: VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 2012, Porto. **Anais...** Porto: Universidade do Porto, 2012. p. 1-19.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e a homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 9, v.9, p.461-481, 2001.